

FRANCY RIBEIRO MOREIRA

ADOLESCENTES: (des)amparo e vida psíquica

**ASSIS
2009**

FRANCY RIBEIRO MOREIRA

ADOLESCENTES: (des)amparo e vida psíquica

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Psicologia – (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. Mário Sérgio Vasconcelos.

**ASSIS
2009**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

M838a Moreira, Francy Ribeiro
Adolescentes: (des)amparo e vida psíquica / Francy Ribeiro
Moreira. Assis, 2009
147 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Mário Sérgio Vasconcelos

1. Adolescente. 2. Adolescência. 3. Juventude. 4. Psicanálise. I. Título.

CDD 155.5
150.195

Aos meus pais

Guilherme Moreira da Silva e

Maria Ribeiro Moreira

que sempre me estimularam ao conhecimento

Ao **Simão Pedro Giannasi Neto**
pela presença constante,
principalmente
nos momentos de ansiedade
durante este trabalho

Aos meus filhos

Arthur Moreira Giannasi

Eduardo Moreira Giannasi

simplesmente por existirem na minha vida

Agradecimentos

Ao meu orientador, Prof. Dr. Mário Sérgio Vasconcelos, pelo apoio, incentivo e “criatividade” na construção da pesquisa científica.

À Dra. Maria Lúcia de Oliveira e Dr. Leonardo Lemos de Souza, componentes da Comissão Examinadora, pelas valiosas contribuições.

À Dra. Olga Ceciliato Mattioli e Dr. Francisco Hashimoto componentes da Banca Examinadora de Qualificação, pelas sugestões.

Ao Dr. Nelson Pedro-Silva pelo acolhimento e estímulo durante produtivas reflexões sobre a Ciência, a Psicanálise e a Psicologia da Moralidade.

À toda equipe da Fundação Futuro, Projeto Legião Mirim pelo especial apoio durante a realização dessa pesquisa.

Aos adolescentes do Projeto Legião Mirim, pela confiança e pelos depoimentos que possibilitaram este trabalho.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação e da Biblioteca da FCL – Unesp de Assis, pela atenção.

À Vivian pelas colaborações técnicas e paciência ao reler meu trabalho.

Aos meus irmãos André, Guilherme, Rodolfo e Rafael que compartilharam comigo minha adolescência.

*O criador – seja ele um
romancista, um cineasta, um
pintor, um poeta – não
cria coisa alguma.
E num mundo onde todas as
coisas já existiam, o verdadeiro
criador se limita apenas a mostrar
tudo aquilo que os outros
olhavam sem ver*

(Mário Quintana)

MOREIRA, Francy Ribeiro. ADOLESCENTES: (des)amparo e vida psíquica. 2009. 147 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista - UNESP, 2009.

RESUMO

A presente pesquisa é um estudo sobre os adolescentes inscritos no Projeto Legião Mirim, na cidade de Assis – SP, implantado por uma entidade filantrópica que tem por finalidade principal encaminhar jovens de nível econômico desfavorecido para o primeiro emprego. Objetivamos, basicamente, compreender o que tais indivíduos pensam sobre a adolescência, sobre as perspectivas em relação ao futuro e identificar quais os principais valores destacados por esses adolescentes. As razões que nos levaram a propor essa investigação dizem respeito ao fato de, como psicóloga, termos desenvolvido atividades com os adolescentes inseridos no “Projeto”. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual fizemos uso de entrevistas semi-estruturadas com 06 adolescentes de ambos os sexos, com idade entre 14 e 18 anos, com nível econômico desfavorecido, independentemente do grau de escolaridade e com diferentes credos religiosos. Como referencial teórico e metodológico, utilizamos autores de orientação psicanalítica, como Freud, Birman, Calligaris, Costa, Figueiredo, Herrmann, Mezan, Outeiral, entre outros. Os dados das entrevistas foram analisados no sentido de compreender o significado da fala dos sujeitos estudados. Concluímos que os adolescentes concebem a adolescência como uma fase de transição entre o ser criança e o adulto, onde solicitam tempo e apoio dos adultos nesse período. O Projeto é importante em suas vidas porque além de oferecer emprego para os mais carentes, os jovens encontraram um local para fazer cursos, adquirir novos conhecimentos e novas formas de relação afetiva. Eles destacaram valores como o estudo, a relação familiar, a amizade, a justiça, a honestidade e a preocupação com o futuro da sociedade. A maioria dos adolescentes percebe o futuro diretamente ligado ao estudo, a uma profissão.

Palavras-chave: adolescentes; adolescência; projetos sociais; psicanálise; juventude.

MOREIRA, Francy Ribeiro. ADOLESCENTES: (des)amparo e vida psíquica. 2009. 147 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista - UNESP, 2009.

ABSTRACT

This research is an study about adolescents applied for Legião Mirim Project in Assis city - SP, introduced by a philanthropic entity which brings, as its mainly purpose, to guide financial underprivileged young people to find their first job. Our goals are, basically, to understand what such individuals think about the adolescence, about the perspectives related to their future and who the values detached for them. The reasons, which led us to propose this investigation, are connected to the fact, as a psychologist, we had developed activities with some adolescents that are involved on that "Project". It's about a qualitative research, of which we made use of half-structured interviews with 06 students from both sexes, between 14 and 18 years old, with financial problems, independently their educational levels and with many different beliefs. As a theoretical and methodological reference, we have used author with psychoanalysis orientation, like Freud, Birman, Calligaris, Costa, Figueiredo, Herrmann, Mezan, Outeiral, and others. Some data from the interviews were analyzed in sense to realize the speech meanings from the studied individuals. We conclude that adolescents understand the adolescence years as a transition step between to be a child and to be an adult, when they solicit time and support from the adults on that period. The Project is important in their lives because, more than offer a job opportunity to the most careless, young people have found a place to have courses, to acquire new knowledge and new ways of affective relations. They've shown values like study, family relation, friendship, justice, honesty and concern about the future of society. Most adolescents see the future connect directly to study, to an occupation.

Key-words: adolescents, adolescence, social projects, psychoanalysis, youth.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1 Considerações sobre a adolescência e o adolescente	19
2.2 Considerações sobre o conceito de identidade e identificação	31
2.3 Considerações sobre o conceito de subjetividade	33
2.4 Inconsciente	35
2.5 Desamparo	37
3. VALORES DOS ADOLESCENTES NA ATUALIDADE	40
3.1 Considerações sobre o <i>superego</i>	41
3.2 Considerações sobre o <i>ideal de ego</i>	42
3.3 Valores e psicologia moral: alguns apontamentos	47
3.4 Pesquisas sobre os valores dos adolescentes	49
4. POLÍTICAS VOLTADAS À JUVENTUDE	54
4.1 O Projeto Legião Mirim.....	62
4.2 Atividades realizadas pelos jovens inscritos no Projeto.....	67
4.3 Atividades desenvolvidas durante o ano de 2009.....	69
5. OBJETIVOS	75
6. METODOLOGIA	
6.1 Considerações sobre a utilização do referencial psicanalítico enquanto método	76
6.2 Participantes	78
6.3 Instrumentos para a coleta de dados	79
6.4 Como analisamos os dados	81

7. ANÁLISE DOS DADOS	82
7.1 ADOLESCENTE CARLOS	82
7.2 ADOLESCENTE MARCOS	92
7.3 ADOLESCENTE JOÃO	99
7.4 ADOLESCENTE HELENA	106
7.5 ADOLESCENTE ELISA	114
7.6 ADOLESCENTE PAULA	119
8. CONCLUSÃO	125
1. O que os adolescentes inseridos em determinado <i>Projeto Social</i> pensam sobre a adolescência?.....	127
2. O que os adolescentes pensam sobre as perspectivas em relação ao futuro?.....	128
3. Quais foram os valores explicitados por esses jovens?.....	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	134
ANEXOS	141
Anexo 1.	142
Anexo 2.	144
Anexo 3.	146

1. INTRODUÇÃO

*O adolescente se olha no espelho e se
acha diferente.
Constata facilmente que perdeu aquela
graça infantil que, em nossa cultura
parece garantir o amor incondicional dos
adultos, sua proteção e solicitude
imediatas.
Essa segurança perdida deveria ser
compensada por um novo olhar dos
mesmos adultos, que reconhecesse a
imagem púbere como sendo a figura de
outro adulto,
seu par iminente. Ora, esse olhar falha: o
adolescente perde (ou, para crescer,
renuncia) a segurança do amor que era
garantido à criança, sem ganhar em troca
outra forma de reconhecimento que lhe
pareceria,
nessa altura, devido.
(CALLIGARIS)*

Quem é o adolescente que frequenta um determinado Projeto Social na contemporaneidade? O que pensam esses jovens?

Começamos a tecer essa indagação a partir da nossa prática psicológica, pois sempre nos confrontamos com a urgência de encontrar novos instrumentos para trabalhar com as pessoas que buscam se modificar, isto é, relacionar-se com o mundo de outra maneira. Falamos a partir de uma experiência há mais de 15 anos de atendimento em consultório particular e em instituições públicas. Cabe sublinhar que durante cerca de três anos, trabalhamos como psicóloga e coordenadora do *Projeto Legião Mirim*, na cidade de Assis – SP. Esclarecemos que esse *Projeto* foi criado em 1999, pelo *Rotary Club Assis do Vale* com o objetivo principal de encaminhar jovens carentes para o primeiro emprego.

Constatamos que os jovens atendidos ali se modificavam quando escutados e respeitados. As atividades desenvolvidas neste *Projeto* tinham por objetivo promover o desenvolvimento emocional do jovem, capacitá-los para o

mercado de trabalho, para o exercício da cidadania, além de auxiliá-los a desenvolverem o seu processo criativo e o seu aprendizado, sobremaneira, o social.

Especificamente quanto ao trabalho psicológico, a idéia era de que houvesse um lugar para que esse jovem pudesse explicitar seus conflitos, suas angústias e seus medos, de tal maneira que – ao falar – eles pudessem se escutar e, em decorrência, mudar sua relação com o mundo.

Por exemplo, em 2002, atendemos a adolescente Patrícia¹ de 16 anos. Era uma jovem que saiu do sítio, onde residia com seus pais, para morar com uma tia, na cidade de Assis (SP), exclusivamente para participar do *Projeto Legião Mirim*. A jovem participava de várias atividades oferecidas pela Instituição, porém, ela se destacava nas aulas de inglês, e dizia estar adorando aprender uma língua estrangeira. Durante sua participação no grupo de psicologia, certa vez, Patrícia nos indagou sobre a possibilidade dos jovens participarem de um intercâmbio cultural, entre EUA e Brasil, oferecido pela escola de inglês, parceira do *Projeto*. Em princípio, estas vagas eram oferecidas somente para os filhos dos rotarianos da cidade, adolescentes de classe média alta. A partir do desejo dessa adolescente, todos que trabalhavam no *Projeto* discutiram sobre essa possibilidade com o presidente da Instituição, questionamento que causou muitas altercações entre os membros da diretoria, mas que por fim, decidiram aceitar a estudante como concorrente a única vaga de intercâmbio oferecida pelo *Rotary Club Internacional*. Convicta e determinada, Patrícia acabou por ser aprovada e, então, viajou para os Estados Unidos por um ano, com todas as despesas pagas, e atualmente faz o curso de Letras em uma universidade pública, sua segunda grande conquista. Patrícia pretende ser tradutora, além de contribuir com o *Projeto* do qual fez parte.

Este relato pode dar a impressão de que temos uma visão romântica e ingênua em relação aos Projetos Sociais. Porém, gostaríamos de ressaltar que algo aconteceu com essa jovem durante o seu período de participação no *Projeto*. Será que ela poderia ter descoberto seu desejo em relação às línguas estrangeiras no sítio com os pais que nunca apoiaram sua vinda para a cidade?

Cabe informar que não estamos preocupados com dados quantitativos em relação aos jovens que participaram ou não de intercâmbios. O que nos chamou

¹ Todos os nomes de adolescentes, apresentados nesse trabalho, são fictícios.

a atenção foram as mudanças de alguns adolescentes quando escutados e acolhidos em seus desejos; aspecto que só fora possível porque tais sujeitos eram participantes de um dado Projeto Social.

Outro caso, a nosso ver, igualmente interessante, aconteceu quando encontramos com a adolescente Gisele, amiga de Carla, ambas ex-participantes do *Projeto*. Gisele nos informou a respeito da amiga, que estava cursando Medicina em Santos – SP. Gisele estava trabalhando como caixa de supermercado durante o dia com a finalidade de pagar a sua faculdade particular, cursada no período noturno. Ela nos dizia, com orgulho, que as jovens amigas passaram a valorizar os estudos, depois de algumas oportunidades oferecidas pelo *Projeto*. Nessa ocasião, ela nos indagou: “Vocês se lembram que os pais da Carla diziam que ela estava louca, quando desejou fazer Medicina? Eles até foram conversar com vocês!”. Caso interessante o de Carla, uma adolescente que trabalhava em tempo integral como secretária de um casal de médicos na cidade de Assis-SP, estudava no período noturno e, ao mesmo tempo, nutria o desejo de fazer Medicina. Seus pais nunca acreditaram nessa possibilidade. Carla, mesmo assim, juntou dinheiro para pagar um cursinho pré-vestibular e contou com a ajuda dos patrões médicos para realizar seu objetivo, conseguiu realizar seu sonho e – apesar das dificuldades financeiras para manter-se em Santos – é quase certo que será médica.

Os jovens também apresentaram outras mudanças. Os que se mostraram tímidos e pouco estimulados no início da intervenção psicológica ou de outras atividades oferecidas pelo *Projeto* conseguiram, depois de algum tempo, desenvolver um estado psíquico favorável a ponto de entenderem o que estavam sentindo, o que permitiu um processo de transformação da maneira como lidavam com a realidade. Vários deles, por exemplo, ficaram menos agressivos na família e na escola.

Notamos que com a manifestação das opiniões desses jovens, novas atividades foram sendo criadas e outras reformuladas e, conseqüentemente, o *Projeto* acabou se transformando. Passamos a pensar, então, na possibilidade de mudança do ser humano, quando escutado e estimulado a se desenvolver. É evidente que não serão todos a apresentar tais condutas e muito menos a ingressarem em cursos universitários. Porém, é fato que tais mudanças ocorreram após a participação desses jovens no *Projeto*.

Tais aspectos foram nos levando a indagar sobre a importância de compreender o que adolescentes inseridos em determinado projeto social pensam sobre a própria adolescência, sobre o futuro e quais os valores explicitados por eles.

Todavia, por motivos pessoais durante o período de 2003 a 2007 nos afastamos do referido *Projeto*, a fim de realizar estudos de especialização *lato sensu*. Isso, entretanto, não significou que as nossas inquietações foram “esquecidas”, apenas foram “adiadas”.

Por esse motivo, aliado ao fato de termos ingressado num curso de pós-graduação, *stricto sensu*, em 2007, retomamos o nosso interesse em investigar o citado assunto.

Outro aspecto que nos levou a propor essa pesquisa decorreu do momento em que vivemos. Na atualidade constatamos o aumento de determinadas condutas nos adolescentes, como as tendências anti-sociais, a gravidez precoce, a depressão, o uso e tráfico de drogas, os transtornos alimentares, entre outros, provavelmente decorrentes da mudança de valores na sociedade (PEDRO-SILVA, 2006).

Igualmente pensando nas justificativas para tal estudo, segundo dados do Censo Demográfico de 2000, a população de jovens entre 15 a 24 anos no Brasil era composta de aproximadamente 35 milhões, para um total de cerca de 170 milhões de habitantes, o que prioriza a necessidade da implantação de novas políticas públicas específicas para esses jovens. Além disso, hoje, os jovens têm se destacado como uma população vulnerável, figurando nas estatísticas de violências, de desemprego, de falta de acesso a uma escola de qualidade e de carências de cultura, lazer e esporte.

Especificamente em relação à Assis - SP, cidade onde desenvolvemos o nosso trabalho, possui em torno de 90 mil habitantes. Deste total temos aproximadamente 7.500 jovens de 10 a 14 anos, 8.000 jovens de 15 a 19 anos e igual quantidade de 20 a 24 anos. Na presente pesquisa apresentaremos dados referentes a faixa etária de 14 a 18 anos, que é o público atendido pelo referido *Projeto*.

Outro ponto que, a nosso ver, justificou o presente estudo foi termos constatado a existência de poucos trabalhos acadêmicos envolvendo os temas “adolescentes e projetos sociais”. Ao pesquisar os artigos científicos no *Scientific Eletronic Library Online – Scielo Brasil*, nos periódicos pertencentes à área de

Ciências Humanas, durante o período de 2004 a 2008, por meio das palavras-chave “adolescentes e projetos sociais”, não encontramos nenhum artigo.

Diante desses dados, buscamos verificar a existência de trabalhos, por meio dos unitermos “adolescência” e “adolescentes”. Os artigos que encontramos, em sua grande maioria, versavam sobre os sintomas e os problemas dessa fase do desenvolvimento humano. Encontramos quase em sua totalidade, estudos sobre a gravidez na adolescência, as dificuldades escolares, a AIDS, os adolescentes infratores, o uso e tráfico de drogas, a delinquência, entre outros temas.

Mesmo assim, foram encontrados apenas 32 artigos que estavam mais próximos ao nosso estudo, como, por exemplo, o artigo “Ascensão escolar e profissionalização de bons alunos de baixa renda: avaliação de um programa brasileiro” (DIÓRIO; GOMIDE, 2004), onde os autores analisaram as ações do *Programa Bom Aluno - PBA* em Curitiba, estado do Paraná. Esse programa foi uma iniciativa dos empresários da cidade e teve por objetivo complementar os estudos dos alunos do 6º ano da rede pública com cursos de línguas, computação, entre outros. Concluiu-se que as ações do PBA foram efetivas para inibir a evasão escolar e a baixa qualificação profissional dos jovens, contribuindo assim, para o progresso educacional da região.

Outra investigação analisada por nós foi “Ideais e identificações em adolescentes de Bom Retiro” (COUTINHO; *et al*, 2005). Neste estudo, os autores analisaram depoimentos de adolescentes de um bairro de São Paulo sobre suas perspectivas em relação ao futuro. Eles concluíram que as perspectivas de futuro são pautadas por valores pertencentes à esfera familiar e à do trabalho, pelo fato de que, estes representam para os jovens a conquista de estabilidade e segurança.

Encontramos, também, a pesquisa “Socialização parental e valores: um estudo com adolescentes” (MORAES; *et al*, 2007) em que foram analisados os valores de adolescentes e a percepção de práticas parentais de socialização. Os autores concluíram que os valores estão estruturados de forma hedonista, materialista e religiosa e que a socialização no contexto familiar reflete no processo de construção dos valores entre os adolescentes.

Considerando tais aspectos que justificam nossa pesquisa, foi nosso objetivo, com o presente estudo, compreender o que os adolescentes pensam sobre a adolescência, sobre as perspectivas em relação ao futuro e identificar quais os valores destacados por esses jovens.

E para que possamos responder a tantas indagações, apresentaremos no próximo capítulo o referencial teórico sobre os adolescentes e a adolescência, que será utilizado para a análise dos dados colhidos nesse estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

*Como qualquer objeto, o
conhecimento pode ser
investido
de afetividade e, logo,
tornar-se um valor
(LA TAILLE)*

2.1 Considerações sobre a adolescência e o adolescente

De acordo com Ruffino (1993), a palavra *adolescere* provém do latim *adolescere* e tem como um dos seus sinônimos o termo crescer. Logo, de acordo com o referido autor a adolescência deve ser vista como um momento que demanda um longo e difícil trabalho psíquico.

Informamos que a noção de adolescência não nasceu como conceito psicanalítico e nem se encontra entre os temas tradicionalmente ligados à psicanálise. Nos escritos de Rousseau (1953) encontramos descrições do jovem, já não criança. Daí em diante, o tema foi cada vez mais tratado pela literatura que considerava como característica principal da adolescência a “construção” para um mundo adulto.

A adolescência é uma instituição histórica determinada, um fenômeno aberto da modernidade, que atinge o jovem do Ocidente por ocasião da puberdade, quando, por falta de dispositivos em geral presentes nas organizações societárias pré-modernas ou não-ocidentais, a passagem da criança ao jovem adulto se tornou problemática. (RUFFINO, 1993, p.36).

Ruffino (1993) compreende por “modernidade” a idade em que a civilização ocidental promoveu a produção de efeitos cosmopolitas sobre o modo de vida das pessoas nos centros urbanos sob seu domínio, em detrimento dos laços tradicionais que uniam cada grupo social às suas origens históricas e culturais específicas. O *adolescere* é, então, o substituto da eficácia ritual perdida na modernidade. Esse processo deve durar o tempo necessário para realizar o trabalho psíquico para a construção do ser adulto.

Segundo Ariès (1973/1981), o século XX foi considerado o século da adolescência. O primeiro adolescente moderno típico foi o *Siegfried* de Wagner – o verdadeiro herói desse século - que expressiu uma mistura de força física, espontaneidade e alegria de viver. Um dos poucos autores que discordam dessa posição de que a adolescência é um fenômeno surgido no período da modernidade é o psicanalista Levisky (2004). Para ele, desde a antiguidade existiam expressões designativas do período de transição entre infância e a vida adulta. Ele cita como exemplo, *As confissões de Santo Agostinho* (século IV D.C.), onde o autor já faz referências às características da adolescência e do adolescente, como a fragilidade e a sexualidade ligada à puberdade. Logo, o que inexistia eram estudos sobre esse período.

Levisky aponta ainda, que em várias sociedades - como a de judeus, de cristãos e de muçulmanos – já eram realizadas cerimônias religiosas coincidentes com o início da puberdade. Tratava-se, então, de manifestações sobre a existência da adolescência em vários povos e em diferentes períodos históricos. Em resumo, na opinião do autor, vê-se que a adolescência sempre existiu; o que mudou foi o seu conteúdo, a forma de descrever suas características. Não pretendemos dissertar nessa pesquisa sobre a origem da adolescência, mas tentar compreender quem são os adolescentes inseridos em determinado projeto social.

Atualmente esse período da vida tem apresentado um aumento de sintomas como depressão, transtornos alimentares, drogadição, entre outros. Percebemos que várias famílias não têm compreendido esse “tempo de passagem”. Podemos supor que isso ocorre, dentre vários fatores, porque atualmente a sociedade não tem tempo ou interesse para escutar os conflitos apresentados pelos adolescentes. Os pais, quando existentes, precisam trabalhar em tempo integral, não podendo acompanhar as atividades dos filhos. Além disso, ora eles cobram desses indivíduos postura de criança, ora de adulto, como são os casos onde o adolescente precisa ajudar financeiramente no sustento da família.

Na escola, tais sujeitos também não são escutados. O que a escola tem feito é se queixar das condutas apresentadas pelos adolescentes, como a de violência, a de indisciplina e a do desinteresse dos jovens pela escola (VASCONCELOS, 2001; LA TAILLE, PEDRO-SILVA, JUSTO, 2005). Pais e professores estão exigindo do atual adolescente comportamentos considerados desejáveis, como o de serem educados e disciplinados. No entanto, eles nada

oferecem em contrapartida, pois não há espaço para a escuta e para os assuntos julgados problemáticos por tais indivíduos (sexualidade, drogadição, problemas familiares, insegurança) quase nunca são levados em consideração.

Acontece que os adolescentes – independentemente da “não escuta” e das exigências dos pais – não deixam de apresentar dificuldades, como também não deixam de ter condutas julgadas positivas pela sociedade, como a curiosidade, a criatividade e a espontaneidade. (WEINBERG, 2001).

Nunca se valorizou tanto uma concepção ativa de sujeito na construção do processo de criação como nos tempos atuais. Contudo, a expressão criativa não depende apenas de mecanismos psicológicos e de esforços individuais, mas também de fatores sociais, culturais e históricos. Aspectos relacionados às relações de produção, aos avanços tecnológicos, à globalização, às novas experiências pedagógicas e aos novos movimentos artísticos não podem ser deixados de lado na análise da criatividade na contemporaneidade. (VASCONCELOS, 2001, p. 7).

Não se pode desprezar, além disso, que tais aspectos considerados inerentes aos adolescentes podem ser canalizados para fins socialmente úteis. Entretanto, observamos que esse processo não está se concretizando. Quando ocorre, o fim é o de quase sempre buscar a reprodução de um modelo veiculado pela mídia; demasiadamente idealizado.

Para Costa (2006) e Birman (2006), entre outros psicanalistas, teoricamente a adolescência é um momento – para o próprio jovem – de percepção sobre o passado e o futuro. Acredita-se que só assim, ele poderá construir a sua própria visão do mundo, em parte diferente da relacionada aos ideais paternos (como ocorria na infância):

Com certeza, a adolescência é um momento privilegiado na transição entre o passado e o futuro. Acho mesmo que é o momento crucial, dado que, na infância, a percepção do tempo, ou seja, a relação entre o passado e o futuro é, em grande medida, condicionada pelo discurso paterno/materno. Na adolescência isto muda. O adolescente começa a imaginar o futuro como um horizonte no qual os ideais dos pais são apenas uma entre muitas outras formas de realização possível. É importante, portanto, que eles tenham à disposição um acervo de experiências históricas que os ajude a seguir em frente com segurança, mesmo quando aspiram a mudar as visões de mundo e os padrões de conduta dominantes. (Entrevista concedida por Costa à CARDOSO, 2006, p. 17-18).

Calligaris (2000) concorda a esse respeito ao dizer que o adolescente deseja ser reconhecido, ser escutado e ser amado como adulto, ou seja, ele busca construir sua personalidade sem repetir as idealizações daqueles que o engendraram.

Para Costa (2006), atualmente os adolescentes parecem que estão “desorientados”. Por essa razão, eles precisam ser assistidos por aqueles que os puseram no mundo ou que exercem função equivalente, além de necessitarem de experiências sobre o passado, isto é, sobre a história. Sem esse suporte, pode ocorrer um estreitamento no seu horizonte de criatividade e de sonhos, além do enfraquecimento das figuras de autoridade como a família, a escola, e o conseqüente desrespeito e indiferença em relação a outrem. Dessa maneira, fenômenos socioculturais, como a falta de trabalho, o enfraquecimento moral da autoridade (representada pelos pais, professores, políticos, entre outros) e as novas percepções midiáticas da imagem corporal acabam por afetar os adolescentes, a ponto de levá-los a uma situação de desamparo psíquico.

Calligaris (2000), assim como Ariès (1973/1981), afirma que a adolescência apresenta determinadas características, de acordo com os fatores histórico-sociais de determinada época e sociedade. Essa fase se inicia por uma mudança fisiológica produzida pela puberdade. Logo, a grande questão é quando e como se abandona essa adolescência, pois o jovem, na atualidade, é “educado” pela escola, pelos pais e pela mídia para adotar os ideais da comunidade em que vive, como ter sucesso nas relações amorosas e poder no campo financeiro e social. Contudo, mesmo educado, lhe é negado o direito de pertencer ao universo adulto. Dessa forma, o autor afirma:

Em nossa cultura, a passagem para a vida adulta é um verdadeiro enigma. A adolescência não é só uma moratória mal justificada, contradizendo valores cruciais como o ideal de autonomia. Para o adolescente, ela não é só uma sofrida privação de reconhecimento e independência, misteriosamente idealizada pelos adultos. É também um tempo de transição, cuja duração é misteriosa. (CALLIGARIS, 2000, p. 18).

Figueiredo (2006) considera esta fase como um momento na marcha da existência, em que os laços com os objetos e as identificações precisam ser reconstruídos. É uma fase difícil, que – como as outras – implica perdas, sendo

igualmente espaço de enorme potencial de transformação. Trata-se de um momento de sonho, de alegria e de experimentação que deve ser aproveitado, pois tais aspectos podem acabar por viabilizar um novo processo de vida.

Dessa maneira, a saída da adolescência não precisa ser vivenciada com tantas perdas. Se assim fosse, não teríamos adultos que apresentam recursos para superar problemas e construir novas possibilidades de existência. Este é um ponto interessante: sair dos limites da adolescência no que esta apresenta como sofrimento e criar uma vida de esperanças, de mobilidade e de alegria.

Em outro trabalho, ao comentar sobre a adolescência e a violência, Figueiredo (1998) nos fala que no Brasil há um *sofrimento adolescente* maior do que o esperado em culturas menos cindidas e constitutivas de subjetividades menos dissociadas. Vejamos o seu raciocínio: o autor desenvolve a idéia de “impropriedade constitutiva: uma dissociação entre as práticas e os discursos” que significa o modo de viver do brasileiro em dois mundos – aquele “pra valer” e o mundo “para inglês ver”. Sua hipótese não se trata apenas de oscilar entre dois campos, mas principalmente de introjetar valores e normas que não são coerentes entre si. Isso pode gerar uma inevitável habilidade na arte da *conciliação*, ou seja, arrumarmos uma solução cômoda para resolver o impasse seria ceder aos discursos e emblemas, nos esquecendo da prática. Ele cita como exemplo da nossa cultura o velho ditado “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. Com esse mundo adulto marcado pelas “impropriedades” como responder de forma estável e segura aos desafios que os adolescentes apresentam?

Mais ainda: como fica a questão das identificações nesse mundo de códigos éticos dilacerados? Essas são questões muito pertinentes para pensarmos sobre o futuro dos nossos adolescentes e a importância da sociedade para a construção dessas identidades.

César (2008), ao dissertar sobre a adolescência de outros tempos, refere-se a sua “morte”, como decorrência da profunda agonia que abateu as instituições, como a escola e a família, desde os anos de 1970. Com isso, a idéia de adolescência centrada na produção de um indivíduo adulto ideal naufragou. Os discursos pedagógicos baseados na antiga idéia do sujeito higiênico, disciplinado e feliz não foram, assim, bem sucedidos. Pelo contrário! A decorrência foi o aparecimento de adolescentes indisciplinados, rebeldes e delinqüentes.

Por causa disso, um novo padrão de adolescente tem tomado forma. Ele se caracteriza pelo pseudo-hedonismo². Com esse “ideal de felicidade”, imposto pelos adultos, são criadas figuras sociais denominadas de “filhocratas”, isto é, adultos que evitam o crescimento, insistindo em manter uma postura adolescente.

A ‘filhocracia’ é a constatação do crescente individualismo egoísta e narcísico, que justifica preconceitos, intolerâncias e falta de solidariedade política em nome do interesse próprio. O desejo do ditador teen, representante ou funcionário do próprio desejo dos pais, demonstra o narcisismo que ronda as relações e a exclusão absoluta do outro... A ‘filhocracia’ representa o esgarçamento – limite do modelo de adolescência tal como constituído pelos manuais de psicopedagogia e reformado pela nova literatura dos anos 80 e 90. (CÉSAR, 2008, p.151-152).

Estas idéias são semelhantes às de Calligaris (2000), sobre os adolescentes e a adolescência. A antiga adolescência, concebida como momento de construção do adulto, abre espaço para a encarnação de uma felicidade vivida sem compromissos éticos e prolongada ao máximo, isto é, um eterno viver sem sentido. Logo, a nosso ver, esse movimento de construção de um novo adolescente e de uma nova adolescência caracterizaria, muito mais, como um engodo, pois os indivíduos que não sabem lidar com os limites que a vida nos impõe, não conseguem ter planos para o futuro, ter desejos; logo, não superam a adolescência.

Outeiral (2001), ao situar a adolescência na atualidade, sublinha que nos anos de 1950, poucas crianças tinham pais separados; ao contrário do que tem ocorrido em tempos atuais. Esse aspecto evidencia que a configuração familiar passou por transformações radicais.

Observamos também outras mudanças, como o aumento considerável no número de jovens com tendências anti-sociais, com transtornos de pânico, com quadros de anorexia, bulimia, gravidez na adolescência, entre tantos outros problemas. Gostaríamos de ressaltar que compreendemos o termo “tendências anti-sociais” como a definição de Winnicott (1999, p.90): um tipo de delinqüência ou um

² Para Calligaris (2000) pseudo-hedonismo é a falsa busca do prazer individual e imediato, pois a preocupação atual em preservar nossa existência é algo mais importante do que a procura do prazer. Os hedonistas modernos estão mais para seres higienistas do que hedonistas. Eles se preocupam com o que os outros irão dizer sobre seu corpo, sua condição financeira, ou seja, temos um ser humano com preocupações que o afastam do mundo do prazer.

ato social que significa um pedido de ajuda, relacionado a uma privação afetiva que faz com o jovem tente integrar seus impulsos destrutivos com os amorosos. Pessoas sofrem e por sofrimento ele entende como um estado de confusão, de desintegração da personalidade, uma desorientação completa, e outros estados dessa natureza.

Continuando a dissertar sobre os comportamentos dos adolescentes na atualidade, não significa que os jovens, em outras épocas, não apresentavam problemas. O que nos parece novo é o aumento e a amplificação desses problemas, decorrentes, em grande medida, da velocidade da comunicação, da baixa tolerância à frustração e da busca insana de satisfação dos “desejos” de maneira imediata. Em síntese, como afirma Bauman (1999), nós vivemos num mundo em que tem prevalecido o descartável e o efêmero (até no campo das relações sociais e afetivas).

Não podemos desconsiderar ainda que, do ponto de vista social, a adolescência apresenta diferenças em função da classe social a qual os sujeitos pertencem.

Quando se trata da adolescência dos indivíduos pertencentes às camadas sociais e econômicas mais favorecidas, amiúde ela inicia-se mais cedo e termina mais tarde. Segundo Outeiral (2001), tal aspecto freqüentemente tem levado a um quadro de “adulescência”, isto é, de adultos que se recusam a crescer e, portanto, costumam apresentar condutas consideradas como típicas da infância e da adolescência (irresponsabilidade e impulsividade).

Já entre os adolescentes de camadas populares, freqüentemente observa-se que a adolescência também é iniciada muito cedo. Contudo, ela termina prematuramente, pois tais seres são lançados na experiência social adulta, sendo na maioria das vezes, obrigados a desempenhar funções e a ter obrigações tipicamente do universo adulto, como trabalhar para auxiliar no sustento familiar. Depreende-se, assim, que são jovens que parecem queimar ou reduzir significativamente tal etapa de desenvolvimento.

Para Winnicott (1999), a adolescência é uma fase de crescimento que leva tempo, e queimar etapas do processo de crescimento poderá prejudicar a criatividade do adolescente. O autor enfatiza que os adultos são necessários para o desenvolvimento emocional na vida desses jovens. Caso os pais abdicuem de suas funções, os filhos serão obrigados a uma falsa maturidade, perdendo liberdade de idéias e agindo por impulso. Ele valoriza a “imaturidade” do adolescente como sendo

essencial à sua vida psíquica e que esse difícil aspecto da imaturidade só terá “cura” com a passagem do tempo. Só o tempo poderá trazer o crescimento para uma maturidade:

A imaturidade é uma parte preciosa da adolescência. Ela contém as características mais fascinantes do pensamento criativo, sentimentos novos e desconhecidos, idéias para um mundo de vida diferente. A sociedade precisa ser chacoalhada pelas aspirações de seus membros não-responsáveis. Se os adultos não abdicam, os adolescentes tornam-se adultos prematuramente, mas através de um processo falso. Um conselho à sociedade, para o bem dos adolescentes e de sua imaturidade: não permitam que eles queimem etapas e adquiram uma falsa maturidade através da transferência de responsabilidades que não são deles, ainda que lutem por elas. (WINNICOTT, 1999, p.158).

Sua abordagem em relação aos adolescentes leva em conta os seguintes aspectos:

- o papel essencial da família;
- o desenvolvimento emocional do indivíduo;
- o papel da escola e de outros grupos vistos como extensão dos vínculos familiares;
- a imaturidade do adolescente;
- a identificação com grupos sociais e a sociedade, sem a perda da sua individualidade;
- o mundo no qual o adolescente está inserido.

Esses são fatores que fazem parte do processo de desenvolvimento de todo adolescente. Assim, mais do que a puberdade, é uma fase que implica crescimento e isso leva tempo. Mesmo que ocorra crescimento, *a responsabilidade para com esses jovens é dever das figuras parentais*, caso contrário os jovens perderão sua maior riqueza: a liberdade de idéias.

Concordamos com a posição de Winnicott (1999) ao falar sobre o tempo para a maturidade do jovem. Esse encurtamento da adolescência, a nosso ver, é extremamente prejudicial, pois segundo Rappaport (1993), o adolescente deveria estar engajado num processo de construção do próprio saber acerca de si.

Os jovens deveriam, dessa maneira, ser levados ao questionamento, à reflexão, com a finalidade de trabalhar suas identificações.

Trata-se, ao agir assim, de organizar um novo lugar subjetivo, ou seja, ter a capacidade de fazer “escolhas” mais organizadas do ponto de vista psíquico. Para atingir tal intento, o adolescente pode utilizar alguns caminhos, como o da valorização da amizade, das tarefas escolares, do esporte, da dança, da música, do teatro entre tantos outros.

Por exemplo, o “ficar” significa encontros sem envolvimento afetivo, podendo se referir desde um simples beijo até uma relação sexual. Essa é, a nosso ver, uma forma desorganizada para elaborar os lutos da adolescência, diferente do investimento cultural, que parece ser uma forma bem mais interessante de organização psíquica (RAPPAPORT, 1993). Salientamos que, com isso, não estamos julgando essa forma de relacionamento (o ficar); a nossa crítica reside no fato de ela ser exercida como se fosse natural e a única possível, portanto, não decorrente de uma opção.

Cardoso (2006), bem como Rappaport (1993), descreve a adolescência como um processo marcante da subjetividade humana. Segundo a autora, a clínica atual coloca desafios a partir dos quadros patológicos mais graves, como a anorexia, que sinaliza a intensificação de um estado de desamparo e de desorientação subjetiva; principalmente entre adolescentes. Há uma violenta e profunda cultura destrutiva e do tédio que influencia a “travessia” pela adolescência. Este processo é permeado por forte poder destrutivo que pode vir a ser obstáculo para a simbolização psíquica.

Acrescentamos que as modificações corporais da puberdade também trazem à tona questões angustiantes, pois o novo ou o diferente corpo será vivido pelo adolescente como um algo estranho. Em razão disso, há uma intensa busca de si mesmo rumo à consolidação de uma identidade. Segundo a perspectiva psicanalítica, romper com a infância e ingressar no mundo adulto envolve um processo de reorganização psíquica; exatamente o que uma parcela considerável dos adolescentes não está conseguindo fazer atualmente.

Constatamos que tais sentimentos não são marcas apenas dos adolescentes dos dias de hoje. O elemento novo está no fato de que em outros tempos, eles eram decorrentes de um projeto de vida a ser seguido. Hoje, nos

parece que não há planos para um futuro e segundo La Taille (2009) prevalece uma cultura do tédio.

As idéias de Mezan (2002) se assemelham com tais reflexões. Para ele, a adolescência é definida como uma realidade psicossocial, constituída por diferentes elementos, de natureza biológica (puberdade), social e psicológica. A problemática da adolescência entra em conexão com a teoria do narcisismo no sentido do rearranjo das identificações, a exemplo do infindo questionamento: “quem sou eu?”. Tudo indica que há um “trabalho de adolescência”, semelhante ao do luto – uma experiência inconsciente, conforme definição de Freud (1917/1990):

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, com o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante... Também vale a pena notar que, embora o luto envolva graves afastamentos daquilo que constitui a atitude normal para com a vida, jamais nos ocorre considerá-lo como sendo uma condição patológica e submetê-lo a tratamento médico. (FREUD, 1917/1990, p.275 e 276).

A adolescência é concebida como um “processo estruturante”, afetando, especialmente – no conjunto da vida psíquica – a área da auto-imagem e a da esfera das relações. Além disso, a saída da adolescência é um momento de estabilização das identificações e das defesas que são “apresentadas” na vida adulta. Como exemplo, temos o *pensar* e o *viver* novas modalidades de vínculos, questões éticas, limites e frustrações como sendo aspectos importantes para o crescimento psíquico de um jovem. Cabe dizer que a apresentação de conflitos é inerente ou deveria ser à condição humana. O problema está instalado em sujeitos julgados adultos não conseguirem lidar com os limites e com as frustrações. Em outras palavras, o modo de *ser adolescente* indica uma fase de insegurança, derivada de processos inconscientes, que o incita a uma atitude de “tudo ou nada” e a uma intensidade de idealizações. De acordo com Mezan (2002), o comportamento do adolescente não pode e nem deve ser pautado pelo desejo de realização imediata. O adolescente deveria entrar em contato com a limitação necessária para vivenciar novas modalidades de vínculos.

Quanto ao Freud (1900/1990, 1908/1990, 1909/1990), este toma a adolescência como um período natural do desenvolvimento humano e a define como uma fase de transição do “mundo da infância” para o “mundo do adulto”. Para ele, é

uma etapa marcada por várias transformações biopsicossociais, que apresentam, fundamentalmente, as seguintes características:

- construção de novas identificações, devido à perda do corpo e da identidade infantil;
- revivência do Complexo de Édipo. O Complexo de Édipo tem um valor de mito. Refere-se às relações familiares fundamentais que estruturam a união dos pais e à apreensão subjetiva que dela tem o sujeito. Para a psicanálise, é um importante processo de identificações, operação pela qual o indivíduo se constitui;
- reelaboração do narcisismo. Na adolescência há uma revivência edípica que mobiliza a angústia de castração. E tal sentimento se dá com qualquer limite ao narcisismo. Os pais também passam por esse momento de angústia, pois a adolescência marca a passagem do tempo também para eles;
- busca de um objeto amoroso, que não são mais as figuras parentais;
- definição da escolha profissional.

Conforme a leitura freudiana, concluímos que a adolescência produz tensões que exigem a recomposição do aparelho psíquico. Por meio dos sintomas, tais como agressividade, rebeldia, depressão, entre outros, o jovem fala do seu conflito e para lidar com tais problemas, o adolescente necessita passar por um processo de simbolização, de representações, isto é, necessita elaborar perdas específicas dessa fase e reorganizar novas formas de identificação.

De acordo com as idéias de Levisky (1998) quando pensamos em adolescentes em pleno processo de formação de sua identidade, incorporando valores éticos e morais, nos perguntamos o que a sociedade oferece a eles, e qual o nosso posicionamento como pais e cidadãos?

É evidente que não há uma resposta única para esta indagação. Na conquista de uma individualidade globalizada, os jovens poderão se desorganizar em suas emoções resultando em sentimentos de impotência, de insegurança e de um vazio interior gerado pelas mudanças rápidas e constantes da sociedade. Como esse ritmo frenético da sociedade tende a continuar não devemos acriticamente nos adaptar, mas pensarmos em novas formas de reconstruirmos nossa identidade com

menos sofrimento, talvez, assim como sabiamente Mezan (2002) nos escreveu: “Devagar com o andar, é o caso de lembrar: não é porque se inventou o computador ou o telefone celular que as estruturas psíquicas vão se alterar do dia para a noite”.

Continuando com a questão da formação da identidade do adolescente, informamos que os rituais de passagem da adolescência atual “são personalizados, numa sociedade pobre de senso coletivo, apesar da globalização” (Levisky, 1998, p.24). Em sua essência os mitos da adolescência são os mesmos em relação aos da cultura primitiva, ou seja, o desafio, a coragem, a descoberta dos potenciais físicos e psíquicos. No passado o jovem estava submisso às leis impostas pelo grupo social. Encontrávamos a rebeldia nas frentes de batalhas, na infantaria e com orgulho, morriam em nome da pátria. Hoje, jovens se matam no asfalto, morrem com as drogas patrocinadas por adultos que os seduzem física e psiquicamente, para uma batalha na favela ou para viverem diante do videogame. É uma realidade que também influenciará na construção de identidades.

O esmaecimento dos limites, dos valores, dos costumes, da ética e da moral geram confusão, indiferença e sentimentos de impotência prejudicando a estruturação egóica do jovem que necessita da contraposição para alcançar seus próprios valores e construir sua auto-imagem. (LEVISKY, 1998, p.25).

O processo de estruturação das funções do *ego* está em contato direto com a cultura por meio das primeiras relações sócio-afetivas, ou seja, da relação bebê e seus pais, sujeitos que são representantes de uma cultura. Na adolescência os ideais pessoais e sociais entram em conflito com as experiências atuais e reestruturam a identidade. Para o autor a reelaboração do complexo edípico definirá o ingresso na vida adulta. Com isso temos a dimensão da importância da família ou das pessoas com as quais os jovens irão se identificar.

Durante essas transformações os adolescentes buscam novos modelos. A delinquência é em muitos casos, um sintoma de algo perdido na tenra infância. Essas são idéias compartilhadas com o pensamento winnicottiano.

Tais reflexões nos levam a questionar acerca da identidade e identificação na atualidade; justamente o assunto que pretendemos abordar a seguir. Para tanto, inicialmente definiremos o conceito de identidade e identificação para a psicanálise. Em seguida, faremos considerações acerca da subjetividade dos

adolescentes e depois refletiremos sobre o inconsciente e o desamparo do ser humano.

2.2 Considerações sobre o conceito de identidade e identificação

De acordo com Costa (1992) o conceito de identidade é um termo que encontra equivalência com o conceito do *ego*. No lugar de identidade e também de personalidade alguns psicanalistas preferem falar em processos de identificação. Identificação, e não identidade seria o termo mais adequado à descrição de processos mentais à luz da psicanálise segundo o referido autor.

De qualquer maneira, a identidade não é algo que possuímos desde que nascemos; ela é construída aos poucos a partir da infância, por meio da ação educativa e do nosso contato com a sociedade.

Mezan (1986) define assim a palavra identidade:

- o primeiro sentido é o de ser idêntico, sem diferenças;
- em outro sentido é o empregado pela expressão “carteira de identidade”, ou seja, um conjunto de sinais que nos distingue em meio a um conjunto;
- no sentido propriamente psicológico do termo, a palavra identidade remete aos temas da diferença e da alteridade. Identificar significa “separar”, “designar”, mas também “tornar igual a”.

Ao se perguntar como se constrói a identidade do ser humano, Mezan (1986) responde com o conceito do que a psicanálise denomina de processo de identificação. Isto é, por meio desse processo nós entendemos o que é o nosso eu. A psicanálise mostra que a identidade é produto de um longo e difícil trabalho psíquico e é formada a partir do convívio com outros seres humanos. Como já informamos muitos psicanalistas explicam o termo “identidade” com o conceito de processo de identificação.

Assim, Laplanche e Pontalis (1994) definem o conceito de identificação: “Processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro”. Dessa forma, julgamos que a teoria das identificações, em Freud, é central para compreendermos a constituição do sujeito, já que o *ego* está em permanente processo de identificação.

As primeiras identificações são com as figuras parentais (identificações parciais). Em seguida, podem ocorrer as secundárias, constituindo ideais resultantes de uma série de identificações que se constituíram ao longo da vida. Surgem, a essa altura, dilemas de toda ordem que geram angústia. Em outros termos, uma espécie de vazio em relação à existência. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1994).

Mezan (2002) ao falar sobre “identificações” aponta que o sujeito precisa investir de sentido psíquico o que o ambiente lhe oferece, e caso viva numa sociedade complexa como a nossa, terá que escolher entre alguns ou muitos modelos e objetos de desejo, ou seja, se identificar com isso ou aquilo. Essa escolha se fará de acordo com suas inclinações ou experiências mais precoces, isto é, o que a psicanálise denomina de “constituição”. A psique dispõe de uma variedade de soluções para resolver seus conflitos – variedade determinada pelas possibilidades do funcionamento psíquico (psicopatologias) e em parte por opções legítimas (e ilegítimas) oferecidas pela sociedade em que o sujeito nasce e “na qual lhe toca viver”.

Esclarecemos que o processo de identificação, em decorrência, sempre nos remete ao narcisismo, que se caracteriza, em linhas gerais, por um amor a imagem de si próprio, tendo como uma das conseqüências, a formação do *ego*. Logo, no processo de identificação, o sujeito busca ser igual às pessoas que ele julga como modelos adequados.

Nesse sentido, a questão não é privar o sujeito desta “estase da libido, que nenhum investimento de objeto permite ultrapassar completamente” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1994, p. 288). O narcisismo é, pois, importante para o desenvolvimento do *ego* podendo, assim, possibilitar a realização de alguns dos nossos desejos.

O que podemos fazer, segundo Birman (2001), Costa (1989) e Garcia-Rosa (1988), entre outros, é transformar o excesso de narcisismo em algo simbólico, como os valores (os ideais). Com isso, o sujeito – ao ser limitado – tomará consciência dos seus desejos, ou seja, de que são seres incompletos. Um dos sintomas perversos da atualidade, o excesso de consumo, desnecessariamente nutrindo a idéia de que a completude será dada com a obtenção de muito dinheiro; aspecto associado à idéia de poder. Com essa idéia fica difícil o sujeito entrar em contato com os limites.

Especificamente quanto aos limites, Birman (2006), alerta para o fato de não os confundirmos com limitações. É necessária a confrontação do sujeito com os limites e com o desamparo – tema que trataremos mais adiante. Todavia, algo deve ser oferecido em troca, como, o desejo e a vivacidade pulsional. Consideramos o termo “pulsional” como sendo uma força que nos faz tender para um objetivo no sentido de representantes psíquicos. Em outras palavras, o limite significa cortes, mas também e principalmente a abertura e a esperança de construção da nossa identidade. Alguns psicanalistas preferem o termo subjetividade e não identidade para se referir ao sujeito que passa por processos de identificação. Pensamos que um termo não desqualifica o outro.

Com a finalidade de complementar nosso estudo, dissertaremos sobre o conceito de subjetividade.

2.3 Considerações sobre o conceito de subjetividade

Conforme definição do Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986), o termo “subjetividade” significa a qualidade ou caráter de subjetivo. Em relação ao verbete subjetivo, é descrito como: 1) relativo ao sujeito; 2) existente no sujeito; 3) individual; particular; 4) válido para só um sujeito.

Sobre esse termo – subjetividade – Mezan (2002), o compreende de duas maneiras: como experiência de si e como a condensação³ de uma série de determinações. No primeiro caso, a palavra “experiência” evoca algo da consciência – sendo difícil imaginar uma experiência que se desse por completo no registro inconsciente do aparelho psíquico, porque toda experiência envolve um aspecto emocional; não havendo, portanto, emoções inconscientes para a psicanálise. “Ter uma experiência” significa ser afetado por alguma pessoa, por uma situação, ter uma vivência perceptível para um sujeito. Vê-se, então, que – mesmo nesse primeiro sentido dado à subjetividade – a psicanálise não reduz o sujeito apenas ao seu lado inconsciente, mas não deixa de reconhecer que esse inconsciente co-determina por

³ Segundo Laplanche e Pontalis (1994, p.87), o termo condensação significa “um dos modos essenciais do funcionamento dos processos inconscientes. Uma representação única representa por si só várias cadeias associativas, em cuja interseção ela se encontra. Do ponto de vista econômico, é então investida das energias que, ligadas a estas diferentes cadeias, se adicionam nela”.

muitas vezes as experiências de uma pessoa, cujo conjunto constitui a subjetividade nesse primeiro sentido.

No segundo sentido do termo “subjetividade” como uma condensação de uma série de determinações, isso significa que vários processos combinados formam uma organização subjetiva. Esses fatores podem ser biológicos, psíquicos, sociais, culturais que são condensados ou sedimentados por determinações que se situam *aquém* ou *além* da experiência de si. *Aquém* é o biológico, porque para ter vida psíquica precisamos estar vivos, e também o corpo é objeto de representações no psíquico. *Além*: há os sujeitos do passado que constituíram uma sociedade e uma cultura nas quais irá viver um recém-nascido. Falamos da família ou do grupo que transmitirá para esse “bebê – sujeito” os costumes, crenças e valores próprios de uma civilização.

Em resumo, o autor compreende a subjetividade como síntese (condensação) de processos biológicos, psíquicos e culturais vivenciados pelo sujeito. Podemos, assim, falar em inúmeras subjetividades porque cada indivíduo tem de si uma experiência singular.

Ao descrever o gênero *subjetividades*, Mezan (2002) distingue três planos:

a) o singular, que é único, pessoal e intransferível. Podemos considerar como sendo o território da biografia, das escolhas, dos atos individuais. É aquilo que faz de mim um sujeito e do meu vizinho outro;

b) o universal, que se refere aos aspectos compartilhados com os demais humanos, como a linguagem, as necessidades básicas, o fato de sermos mortais e sexuados. Nesse plano o que condiciona a subjetividade é próprio da espécie humana. Dentro desse aspecto é que se encontram as pulsões, as defesas, as fantasias, ou seja, as diferentes partes do que Freud denominou como “aparelho psíquico”;

c) por último, a região do particular, do que é próprio a alguns e não a todos. É nesse plano que nos permite falar em “subjetividades”. Nos outros só se aplica a “subjetividade” no singular. Assim, temos adolescentes e não adolescente, pois cada um é uma síntese entre o singular e o universal (levando a formação do particular).

A adolescência é um exemplo dessa determinação da experiência de si pelas condições sociais de uma determinada época. Trata-se de uma realidade

psicossocial, constituída de elementos biológicos (puberdade), social e psicológico. De um modo geral, a psicanálise, desde Freud com os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1990), vem se referindo às questões da puberdade, das escolhas objetais, entre outros temas. É importante ressaltar que a adolescência não é um conceito psicanalítico, como é o caso da noção de *infantil*. Posteriormente, outros analistas passaram a conceber a problemática da adolescência em conexão com a teoria do narcisismo e dos processos de identificações.

A propósito, Freud não chega a citar o termo “subjetividade” em sua obra. Ele se refere ao sujeito como uma pessoa que possui um inconsciente, ou seja, um aparelho psíquico, a ser constituído a partir do nascimento. Dessa forma, sujeito – para ele – é uma pessoa, um ser humano dotado de personalidade ou identidade. Essas idéias relacionadas às de Mezan (2002), correspondem ao plano singular da subjetividade (pessoal e intransferível).

A indagação que se coloca nesse momento, em nossa opinião, é a que se segue: como se constitui um sujeito, mais especificamente, o seu aparelho psíquico. Como falamos dos processos de identificação e da subjetividade, nesse momento dissertaremos sobre o conceito de inconsciente. Em seguida, falaremos sobre o desamparo, diretamente relacionado às questões dos adolescentes e do ser humano em geral.

2.4 Inconsciente

Do ponto de vista tópico, o inconsciente é um “lugar psíquico” que possui conteúdos e mecanismos específicos. Logo, não é uma coisa ou um lugar anatômico.

Freud (1900/1990) no capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* descreve que somente o desejo é capaz de colocar o aparelho psíquico em movimento e, em decorrência, formar o inconsciente. Assim, o que marca um bebê é o desejo de sua mãe, de onde virão as primeiras inscrições que fundam o aparelho psíquico.

Foi por intermédio dos sonhos que Freud descobriu os conteúdos do inconsciente. Estes são os representantes das pulsões, regidos pelo processo primário. Estes conteúdos aparecem na consciência por meio de mecanismos, tais como o de condensação e o de deslocamento.

Trata-se de um processo hipotético sobre as primeiras inscrições que colocam o inconsciente em funcionamento.

Garcia-Rosa (1988), a esse respeito, afirma que uma das formas de se falar do inconsciente freudiano é apontar o que ele não é. Segundo ele, o termo “inconsciente” – empregado antes de Freud – servia para designar o que não era consciente. Todavia, jamais era utilizado para falar de um sistema psíquico (dotado de atividade própria):

A psicanálise não é uma psicologia das profundezas, na medida em que o “profundo” aponte para uma espécie de subsolo da mente até então desconhecido e que ela se proponha a explorar. O inconsciente não é aquilo que se encontra “abaixo” da consciência, nem o psicanalista é o mineiro da mente que, inversamente ao alpinista platônico da psicologia clássica, vai descer às profundezas infernais do inconsciente para encontrar, no mínimo, o malin génie cartesiano. Freud não nos fala de uma consciência que não se mostra, mas de outra coisa inteiramente distinta. Fala-nos de um sistema psíquico – o lcs – que se contrapõe a outro sistema psíquico – o Pcs/Cs – que é em parte inconsciente (adjetivamente), mas que não é inconsciente. Essa distinção tópica que é colocada no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* é a marca essencial do inconsciente freudiano e ao mesmo tempo o que a torna irredutível a qualquer psicologia profunda. (GARCIA-ROSA, 1988, p.170).

Antes de Freud, o “sujeito” se identificava com a consciência. Sublinhamos que Garcia-Rosa (1988), ao falar sobre as duas tópicas freudianas, busca demonstrar que em nenhum momento a oposição consciente/inconsciente foi abandonada. Mesmo com os textos denominados de “segunda tópica”, como por exemplo, “Além do princípio do prazer” (1920/1990), os conceitos de *Ego*, *Id* e *Superego* jamais substituíram os conceitos da “primeira tópica”. Houve uma ampliação de conceitos. O *ego*, como agência de defesa; o *superego*, como sistema de interdições e o *id*, como pólo pulsional são elevados a instâncias do aparelho psíquico. Isso não caduca a divisão do psiquismo em Inconsciente, Pré-consciente e Consciente. Apesar do sistema da consciência ser o “núcleo do *ego*” no sentido tópico, Freud acrescenta que o *ego* é em grande parte inconsciente.

Ainda, de acordo com o referido autor, pensar a subjetividade – para a psicanálise – implica considerar o Complexo de Édipo e o Inconsciente:

A subjetividade psicanalítica é fundamental e essencialmente uma subjetividade clivada, sujeita a duas sintaxes distintas e marcada por

uma excentricidade essencial. O inconsciente não é um acidente incômodo dessa subjetividade, mas é o que a constitui fundamentalmente. Com ela, não estamos apenas longe da psicologia, mas em outro espaço de questões. (GARCIA-ROSA, 1988, p. 229-230).

Birman (2001) compartilha desta definição de subjetividade, pois a concebe como sendo o psiquismo do homem. Nas últimas décadas, o ocidente presenciou a fragmentação da subjetividade, ou seja, da personalidade ou identidade das pessoas (como sinônimos nesse momento). Na atual cultura do narcisismo, o mundo estaria centrado na individualidade, buscando a estetização de si mesmo, transformada na finalidade da sua existência. O que caracteriza o sujeito é a impossibilidade de admirar e reconhecer o outro em sua diferença. Porém, Birman (2001) acredita em novas formas de subjetivação. Isso é de extrema importância para que nós possamos repensar o sentido de nossas vidas, principalmente os adolescentes, porque o sujeito se encontra em contato com o *socius* em geral, o que contribui para a construção da sua identidade ou subjetividade; aspecto defendido pela psicanálise.

A psicanálise nos ensinou que os processos de identificação representam um dos processos fundamentais que possibilitam a construção da subjetividade e para alguns autores, da identidade.

Para encerrarmos a parte do referencial teórico dissertaremos sobre a questão do desamparo. Na presente pesquisa, em nossa opinião, esse tópico é importante porque estamos estudando sobre jovens que apresentam inúmeras situações de desamparo, seja na escola, na família e na sociedade.

2.5 Desamparo

Conforme Laplanche e Pontalis (1994) o desamparo é um termo empregado no senso comum para designar um abandono. Contudo, ele assume sentido próprio na teoria freudiana: um estado de angústia que nunca abandonará o homem. Para um sujeito adulto este estado é o protótipo de uma situação geradora de angústia. O desamparo está correlacionado com a total dependência do bebê em relação à mãe no sentido de aplacar as primeiras tensões internas, influenciando, assim, a construção do psiquismo. No quadro da teoria da angústia, o estado de desamparo torna-se o protótipo da situação traumática. Freud (1926/1990) em

“Inibição, sintoma e angústia” articula explicitamente o estado de desamparo à *prematuration* do ser humano:

Sua existência intra-uterina parece ser curta em comparação com a da maior parte dos animais, sendo lançado ao mundo num estado menos acabado. Como resultado, a influência do mundo externo real sobre ele é intensificada e uma diferenciação inicial entre o ego e o id é promovida. Além disso, os perigos do mundo exterior têm maior importância para ele, de modo que o valor do objeto que pode somente protegê-lo contra eles e tomar o lugar da sua antiga vida intra-uterina é enormemente aumentado. O fator biológico, então, estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado que acompanhará a criança durante o resto de sua vida. (FREUD, 1926/1990, p.179). [...] Verifica-se que a ansiedade é um produto do desamparo mental da criança, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico. (FREUD, 1926/1990, 162).

Diante dessa sensação de angústia, psicanalisar nas condições atuais é considerar a noção de sobrevivência. Afinal, viver implica riscos, desafios e principalmente deparar-se com situações produtoras de desamparo. Foi com esse enunciado, inclusive, que Freud nomeou a fragilidade estrutural do sujeito ao relacionar-se com as ameaças do mundo em “O mal-estar na civilização” (FREUD, 1930/1990). Aliás, concordamos com a máxima freudiana de que a psicologia individual é também uma psicologia social.

Segundo Birman (2001), a formulação sobre o desamparo se baseia na presença da pulsão de morte⁴ no psiquismo humano, posição esta, que marcará a subjetividade humana para todo o sempre. Freud já criticava os resultados da tradição do ocidente, fundada nos discursos da ciência e da industrialização. O que ele denominou de *civilização* corresponde ao *processo de modernização do social*, de maneira que a idéia de mal-estar na civilização deve ser interpretada como uma crítica da *modernidade*. Somente quando o discurso freudiano se desprende do ideal de não ser uma ciência, a psicanálise pôde se apresentar como um discurso crítico sobre a cultura, sobre o social. E para Birman (2001) o desamparo é o que instaura o mal-estar na cultura, o que talvez possa explicar a dificuldade das pessoas para lidar com os valores éticos e morais.

⁴ Segundo Laplanche e Pontalis (1994), pulsão de morte designa uma categoria de pulsões que se contrapõem às pulsões de vida e que estão voltadas inicialmente para o interior, tendendo à autodestrutividade e secundariamente dirigidas para o exterior manifestando-se então sob a forma da pulsão de agressão ou de destruição.

Assim, por intermédio desse conjunto de transformações conceituais e valores fundamentais que modelavam a psicanálise, o discurso freudiano colocou a figura do desamparo no fundamento do sujeito. Este agora assume uma feição trágica, marcado que seria pela finitude, pelo imprevisível e sem ter qualquer garantia absoluta para se sustentar. É o vazio e o abismo que estão permanentemente sob seus pés, num vórtice tempestuoso que pode engoli-lo a qualquer momento, pois a morte o espreita com sua face tenebrosa e hedionda em todos os instantes. Por isso tudo, o desamparo seria aquilo que instaura o mal-estar na modernidade, sendo assim o seu aguilhão mais poderoso, representado pela personagem de Medéia, que trucidava e engolia os filhos. (BIRMAN, 2001, p.43).

Nos seus textos sobre a cultura, Freud (1921/1990, 1930/1990), afirmou que tanto a formação do sujeito como as formações sociais só poderiam ser compreendidas a partir dos processos de identificações. Os laços sociais repousam em identificações com outras pessoas, no sentido de procurarmos nos identificar com quem possui o mesmo *ideal de ego*, ou seja, um ideal protetor ilusório que poderia garantir a estabilidade psíquica do sujeito e do mundo.

Ao terminar esse capítulo do referencial teórico, entendemos que será interessante para complementar nosso estudo sobre os adolescentes dissertarmos sobre os valores dos jovens, considerando termos psicanalíticos como o *superego* e o *ideal de ego*, a psicologia da moralidade e os conceitos de ética e moral.

3. VALORES DOS ADOLESCENTES NA ATUALIDADE

*Não há nada mais belo e mais legítimo
do que o homem agir bem e devidamente.*

(MONTAIGNE)

Para vários filósofos, sociólogos e psicólogos estamos vivendo uma intensa crise de valores, principalmente entre os adolescentes. Como dissertaremos mais adiante, os valores morais e éticos são essenciais para vivermos em sociedade.

Antes, porém, apresentaremos trechos de um texto que nos foi apresentado por uma das adolescentes entrevistadas:

Acorda! A ditadura acabou cidadão!

Em um país onde poucos bebem em “cálices de ouro e festejam em castelo não declarado à opinião pública”, muitos usam suas mãos calejadas para beber a água, que serve de alimento em um dia de trabalho “escravo das injustiças”.

Enquanto isso o descaso da população frente a essa situação lamentável, que vem crescendo ao passar dos anos, me faz lembrar da vergonhosa ditadura contada em livros, em que nossos antepassados tiveram que calar-se em frente ao regime totalitário, assim tendo que “engolir o café amargo” da desigualdade e da impunidade para proteger as pessoas amadas. Acorda meus irmãos, meus amigos, meu povo, enfim cidadão brasileiro, a ditadura acabou, vencemos e constituímos hoje uma democracia. A democracia que permite a nós, sociedade deste Brasil o direito de escolha. E se a nossa Nação está assim é porque escolhemos, se há desigualdade é porque permitimos, não vamos deixar nossos direitos que lutamos tanto para conquistar, descer pelo “ralo de ouro” daqueles que não querem formar pessoas críticas. O Hino Nacional Brasileiro constantemente esquecido na memória da população retrata bem a nossa luta pela liberdade.

Não podemos nos desmotivar diante de obstáculos. Lembrai-vos que tempos difíceis servem para ensinar e aperfeiçoar o aprendiz. A Constituição da República do Brasil estabelece os direitos e deveres FUNDAMENTAIS de todo cidadão brasileiro segundo o artigo 5º. Esse dinheiro que viaja na bagagem da impunidade é nosso, dinheiro que serve para educar e cuidar da minha saúde, da sua saúde e de todos, é marcado pela desigualdade presente em nossas vidas, pelo “café amargo que tomamos de manhã antes do horário de pico”, que

acostumamos a “engolir” mesmo sabendo que é pouco, e nos deixamos satisfazer, sem perguntar o porquê?

Essa análise complexa do estado político traz à tona a atmosfera histórica dos sucessos e insucessos da ética na política, em consideração aos valores da época e os dias atuais em que Nicolau Maquiavel deixa explícito em seu livro “O Príncipe”, livro que é considerado um manual da política que “faça o mal, mas fingir fazer o bem”, “matai vossos inimigos, se necessário nossos amigos”, isso se espelha nos dias de hoje, pois se vale que ter poder é viver Maquiavélico. (HELENA, 2009).

Essas idéias de Helena foram decisivas para construirmos o presente capítulo, além do fato de um dos nossos objetivos ser o de investigar os valores dos adolescentes.

No capítulo anterior abordamos o tema da subjetividade e da construção de um aparelho psíquico que se constitui por meio dos processos de identificação. Outros termos psicanalíticos como o *superego* e *ideal de ego*, que também derivam desses processos de identificação, são necessários para compreendermos como são construídos os valores. Tendo como parâmetro a psicanálise, perguntamo-nos: como se constrói a “consciência moral”? Entendemos consciência moral como sendo a percepção que o sujeito tem sobre os valores morais e éticos, vigentes na sociedade na qual está inserido.

3.1 Considerações sobre o *superego*

Segundo Laplanche e Pontalis (1994) o *superego* ou *supereu* é uma das instâncias da personalidade que funciona como um juiz ou sensor do ego. O termo *superego* foi introduzido por Freud em “O Ego e o Id” (1923/1990) para designar uma instância que encarna a lei e promove as interdições. Trata-se de uma censura inconsciente que visa impedir a realização de desejos edipianos. Por causa disso, uma criança transforma o seu investimento *nos pais* em identificação *com* esses pais, interiorizando assim a interdição.

O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa contra essas escolhas. A sua relação com o ego não exaure com o preceito: ‘Você deveria ser assim (como seu pai)’. Ela também compreende a proibição: ‘Você não pode ser assim (como o seu pai), isto é você não pode fazer tudo o que ele faz’. (FREUD, 1923/1990, p.49).

Sublinhamos que a identificação constitutiva do *superego* não deve ser entendida como uma identificação com as pessoas, e sim com *os valores que essas pessoas transmitiram aos seus filhos*, por eles, resignificados.

Assim, o superego de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo não de seus pais, mas do superego de seus pais; os conteúdos que ele encerra são os mesmos, e torna-se veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiram de geração em geração. (FREUD, 1932/1990).

Talvez, a noção de *superego*, a nosso ver, explique questões ligadas à perversão, à delinqüência e aos atos violentos de acordo com a leitura psicanalítica. No entanto, o termo que mais se aproxima do que pensamos sobre os valores morais e éticos é a noção de *ideal de ego*. O *superego* tem uma função de apenas impedir o sujeito de concretizar seus desejos que são buscados/identificados por meio do *ideal do ego*.

3.2 Considerações sobre o *ideal de ego*

O *ideal de ego* é uma instância da personalidade que resulta da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais ou seus substitutos e, principalmente, com os *ideais coletivos*.

Esse conceito apresentou variações na obra freudiana. Em “O ego e o id” (1923/1990), o *ideal de ego* e *superego* foram apresentados como sinônimos.

As considerações que nos levaram a presumir a existência de uma gradação do ego, uma diferenciação dentro dele, que pode ser chamada de ‘ideal do ego’ ou ‘superego’, foram enunciadas em outro lugar. Elas ainda são válidas. O fato de que esta parte do ego está menos firmemente vinculada à consciência é a novidade que exige explicação. (FREUD, 1923/1990, p.42).

Já em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/1990) a expressão *ideal de ego* designa uma formação psíquica autônoma que serve de referência ao ego para apreciar suas realizações afetivas, suas escolhas amorosas.

O ideal de ego impõe severas condições à satisfação da libido por meio de objetos, pois ele faz com que alguns deles sejam rejeitados por seu sensor como sendo incompatíveis. (FREUD, 1914/1990, p.118).

Em “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921/1990) Freud percebe no *ideal de ego* uma base da constituição do grupo humano que permite explicar, por exemplo, a fascinação de um sujeito por um líder.

O líder do grupo ainda é o temido pai primevo; o grupo ainda deseja ser governado pela força irrestrita e possui uma paixão extrema pela autoridade; na expressão de Lê Bon, tem sede de obediência. O pai primevo é o ideal do grupo, que dirige o ego no lugar do ideal do ego. (FREUD, 1921/1990, p.161).

Com a evolução do conceito em “Novas conferências introdutórias sobre psicanálise” (1932/1990), ele apresenta, de maneira clara e direta, a distinção entre *superego* e *ideal de ego*.

Espero que já tenham formado uma opinião de que a hipótese do superego realmente descreve uma relação estrutural, e não é meramente uma personificação de abstrações tais como a consciência. Resta mencionar mais uma importante função que atribuímos a esse superego. É também *o veículo do ideal do ego*, pelo qual o ego se avalia, que o estimula e cuja exigência por uma perfeição sempre maior ele se esforça por cumprir. Não há dúvida de que esse ideal de ego é o precipitado da antiga imagem dos pais, a expressão de admiração pela perfeição que a criança então lhes atribuía. (FREUD, 1932/1990, p. 84).

Ainda de acordo com Laplanche e Pontalis (1994) os autores psicanalíticos como Garcia-Roza (1995) e Birman (2001) não utilizam tais termos como sinônimos. O *superego* estaria ligado à autoridade internalizada. Quanto ao *ideal de ego* seria a forma como o sujeito deve comportar-se no mundo, construindo ideais de vida para si, sem deixar de levar em conta os ideais coletivos.

O psicanalista Garcia-Roza (1995) considera o *ideal de ego* ou *ideal do eu* como o guia externo do sujeito cumprindo uma função simbólica que constitui um universo no interior do qual tudo o que é humano precisa organizar-se. O *ideal do eu* é constituído por exigências externas ao indivíduo, *particularmente por imperativos éticos transmitidos pelos pais*.

Vê-se, então, que para a psicanálise, a construção de *ideais de ego* é fundamental à construção de sujeitos civilizados e transformadores da sociedade. Nesse sentido, a reflexão sobre os valores é fundamental.

Birman (2001) ao dissertar sobre a ética em psicanálise faz uma releitura do discurso freudiano considerando a atualidade e o conceito de

“desamparo”. A ética para a psicanálise implica valores e também uma revisão sobre os conceitos de subjetividade fazendo articulações com os fundamentos da cultura atual e os da psicanálise. Esta pode compreender o desamparo humano provocado pelo fim das utopias anunciadas por autores como Bauman (2008). Para ele a sociedade atual desencoraja as ações coletivas e promove a construção de vínculos efêmeros e um vazio existencial; o que pode levar a um estado de desamparo. Em outros termos, a impressão que se tem é a da desconsideração dos *ideais de ego*, que poderá ser traduzido pelos valores morais e éticos na atualidade.

Uma das implicações para conceber as formações grupais é o reconhecimento de que para o laço social se formar é necessário barrar o excesso de narcisismo. Eis o que a sociedade parece não conseguir atingir. Há uma série de indivíduos identificados com outros - sem referências a um ideal que prioriza valores éticos e morais - formando uma massificação de identidades onde predomina o individualismo e o que muitos autores estão denominando de “cultura do consumismo” (Lasch, 1979).

Costa (2004) faz apontamentos, a nosso ver, interessantes sobre essa nova cultura e os jovens. Em uma conferência sobre as *Perspectivas das juventudes na sociedade de mercado*, o autor nos remete à subjetividade e cultura, descrevendo o que ele denomina de nova *moral do trabalho* e da nova *moral do prazer*.

A nova *moral do trabalho* é um conceito que descreve como as pessoas nas últimas décadas foram afetadas pela competição e começaram a adaptar suas condutas psicológicas ao perfil social do “vencedor”, que é ser maleável, criativo e superficial nos contatos pessoais. Em decorrência, não deve ter elos sólidos com a família, com os valores transmitidos pela tradição e até o seu próprio percurso biográfico.

Bauman (1998) define essa nova identidade como a do “turista”. Em outros termos, o consumo de maneira desenfreada e a transformação de todos os objetos em mercadoria descartável, permitiram ao sujeito ter a ilusão de que preservou a necessidade psicológica de estabilidade sem renunciar ou ter limites.

Para Costa (2004) o consumo torna-se um problema quando passa a ser uma metáfora que alude à rapidez com que adquirimos novos objetos e descartamos o velho. A questão é entendermos o “por que” desse comportamento e ainda sugere que o hábito pelo consumismo atende as necessidades psicossociais, sendo que essas derivam, entre outros fatores, de uma nova moral do trabalho e do

prazer. O referido autor não acha que os indivíduos são apenas fantoches manipulados pela propaganda, essa seria uma explicação bem simples para o consumismo.

Essas idéias são interessantes para os psicanalistas que explicam as defesas do ser humano frente ao desamparo na atualidade. Para Costa (2004) somos seres da cultura, não temos fome apenas de pão, mas de reconhecimento e prestígio social, mas isso tem um preço que deve ser pago com a construção de novas formas psíquicas de lidar com esse fenômeno.

Quanto à *moral do prazer* que significa as maneiras pelas quais nos sentimos satisfeitos de formas variadas, num propósito constante da vida humana que é obter prazer e evitar a dor.

Esclarecemos que, em nossa época, a inovação na conduta é a busca do *ideal de prazer corporal ou do prazer das sensações*. Isso ocorre porque o prazer sensorial foi eleito como *ideal de ego* na atualidade. Isso não significa que em outros tempos também não se buscava a obtenção do prazer. Acontece que ele era buscado na vida familiar e nos prazeres das relações mais afetivas.

Dessa forma, o que mudou não foi uma busca pelo prazer – aspecto natural entre os sujeitos. O que definia a *qualidade moral* de uma pessoa era a vida sentimental rica, a excelência na vida pública, as qualidades artísticas, entre outras. A transformação passou a ser buscada apenas nas sensações físicas.

Costa (2004) afirma que não se trata de desaprovar de forma moralista esse comportamento da “busca de prazer”. O problema da *felicidade das sensações* está na contradição que ela produz. Esse ideal promete o que não dá e dificulta o compromisso do sujeito com os objetivos do BEM COMUM, com a sociedade, com planos para o futuro, com algo que transcenda nossas vidas passageiras e o fugaz prazer dos corpos.

Como conseqüência dessa busca desenfreada pelo prazer, as pessoas promovem excessos que provocam doenças, como o estresse físico e mental, as síndromes do pânico e tantas outras geradas pelo comportamento competitivo.

Costa (2004) nos relata sobre as perspectivas dos jovens na sociedade de mercado:

- 1- Continuar a perpetuar um modo de vida obsessivo com o próprio prazer e pela indiferença em relação ao mundo. Algo bem individualista.
- 2- Voltar-se para o outro, construindo uma sociedade na qual todos tenham direito ao mínimo necessário para a satisfação de necessidades elementares para uma vida mais criativa. Como exemplo de força criativa o autor cita o surgimento das preocupações ecológicas e políticas e os trabalhos do terceiro setor.

O referido psicanalista – claramente tomando partido pela segunda opinião – afirma que precisamos de uma mudança duradoura, contínua e que deve envolver todas as pessoas, promovendo, assim, verdadeiros laços sociais.

Não vejo outra saída, exceto recobramos a confiança em nosso poder de transformação, como criadores que somos. Repito, no entanto, que para isso é preciso recuar da posição na qual fomos postos, qual seja, a de indivíduos exclusivamente voltados para o próprio umbigo. A mudança, portanto, exige que pensemos que o que fazemos no dia-a-dia, em qualquer atividade profissional ou cultural, é importante. O que cada um de nós faz ou diz importa, e importa muito! O mundo se faz de pequenos gestos cotidianos e das grandes crenças que os sustentam. (COSTA, 2004, p.88).

Essas foram algumas formulações possíveis articuladas em relação aos valores e sobre as possibilidades de se construir uma sociedade pautada por laços sociais que tenham por elemento central as virtudes (excelências morais e éticas).

Por caminhos diferentes aos da psicanálise, teóricos e pesquisadores ligados à área da Psicologia da Moralidade chegam a conclusões semelhantes. La Taille (2005 e 2009) – amparado nas pesquisas e reflexões desenvolvidas por Piaget (1954, 1964/1973), Gilligan (1982/1993) Tugendhat (1996) – sistematizou uma teoria sobre os valores; que, a nosso ver, se assemelha ao conceito de *ideal de ego*, porque está diretamente relacionada aos afetos e aos valores.

3.3 Valores e psicologia moral: alguns apontamentos

Segundo Piaget (1954, p.41), valores são investimentos de afetividade, isto é, “carácter afetivo do objeto, isto é, um conjunto de sentimentos projetados sobre o objeto; ele constitui uma relação entre o objeto e o sujeito, mas uma relação afetiva”. Para Piaget o objeto pode ser um objeto físico, mas também as pessoas e as idéias, e se investidos de afetividade, eles se tornam um valor. De acordo com La Taille (2005) essa definição de valor permite concluir que qualquer objeto pode tornar-se um “valor”.

Conforme a estruturação construída por La Taille (2005), os valores podem ser classificados em morais (públicos), éticos (privados) e ligados à glória.

Os morais referem-se ao conjunto de regras e valores que objetivam possibilitar a vida em sociedade⁵.

Quanto aos conteúdos associados a este plano, segundo La Taille (2005), o primeiro deles é a justiça, que é uma virtude baseada na igualdade e na equidade. Como exemplo de igualdade, podemos considerar – pelo menos, no plano formal - que segundo a Constituição Brasileira todos os cidadãos de nosso país são iguais perante a Lei, independentemente de qualquer diferença, como a étnica e a de classe social. Já a equidade, compreendemos como a ação de tornar iguais os desiguais, como reconhecer o direito dos deficientes.

O segundo conteúdo é o da dignidade humana. Dessa forma, por exemplo, não devemos humilhar, nem torturar ninguém ou obrigar alguém a viver em condições subumanas.

O terceiro trata-se do imperativo kantiano: agir de tal forma que a humanidade seja tratada, tanto na sua pessoa quanto na pessoa do outro, sempre como fim, nunca como meio. De acordo com Menin (1996) o que o filósofo Emanuel Kant nos diz com esse seu “imperativo categórico” é que para sermos moralmente corretos basta agir de acordo com motivos que sejam possíveis para todas as pessoas. A moral de um ato não está em uma lei que obedecemos, mas no porquê obedecemos.

⁵ Etimologicamente ética (do grego *ethos*) e moral (do latim *morus*) são sinônimos, pois significam costume e estes têm por finalidade garantir a harmonia entre os membros de uma sociedade. Apesar disso, Pedro-Silva (2005) acrescenta que com o passar do tempo o senso comum acabou operando diferenças, como a de atribuir uma conotação positiva à ética e uma negativa à moral.

Se deixamos de agredir alguém (ou de roubar, mentir, atraiçoar etc...) por conformidade a uma lei, pois de outra forma seríamos presos, por prudência para não sermos punidos, por inclinação gostamos dessa pessoa, não há aí, para Kant, nenhum *valor moral* no que fazemos, embora possa haver **adequação social**. Não há valor moral porque nos casos acima se não houver perigo de prisão, ou de castigos, ou riscos de perda de afeto, passamos a agredir (roubar, mentir, enganar...) tranqüilamente...Haverá valor moral se optarmos por não agredir entendendo que a agressão não pode ser uma “lei universal” do tipo: “Todos podemos sair batendo por aí sempre que qualquer um de nós se sentir lesado”! (MENIN, 1996, p.39).

Quanto aos valores éticos, eles dizem respeito, igualmente, a um conjunto de regras e de valores. Entretanto, diferentemente dos morais, o seu objetivo é regular o espaço privado, de tal maneira que se possam obter a harmonia individual ou alguma forma de felicidade. (LA TAILLE, 2005).

Para La Taille (2005) os conteúdos do plano ético são:

- 1- A reflexão sobre a vida que desejamos ter. Isto equivale a perguntar sobre quais são nossos valores. Por exemplo, ter uma vida religiosa, ter dinheiro, amar, ter amigos, ter fama, saúde, entre outros.
- 2- As opções individuais sobre a felicidade só serão aceitáveis quando inspiradas num projeto no qual o outro tenha lugar e que tais ideais se pautem na justiça e na dignidade.
- 3- A ação só é moral a quem dá uma resposta ética à questão da felicidade. Em outros termos, há uma relação íntima entre a ética, a moral e a construção da identidade. Dessa maneira, o desenvolvimento moral depende das opções feitas no plano ético.

Há um terceiro grupo de valores, que segundo La Taille (2005) e Pedro-Silva (2006), não podem ser compreendidos como morais. Referimo-nos as formas de glória, como a beleza, a força física, o prestígio social e o financeiro. Eles não podem ser vistos como morais porque suas preocupações se resumem com a busca do prazer individual, independentemente dos danos que possam ser provocados a outrem.

Fundamentado em tal classificação dos valores, Pedro-Silva (2005) faz considerações sobre as relações entre a ética, a moral e as ações de indisciplina que os adolescentes praticam nas escolas.

O referido autor constata que nos dias atuais estamos vivendo uma intensa crise de valores morais e éticos. Para ele, esse quadro decorre, entre outros fatores, do fato de a sociedade ter contribuído para a indiferença dos indivíduos em relação às regras que deveriam garantir a harmonia social e a individual.

Concordamos com tal análise, pois devemos priorizar os valores morais e éticos para garantir a convivência humana e, em decorrência, o equilíbrio psíquico dos sujeitos. Isto posto, a indisciplina pode estar relacionada ao fato de muitos jovens não terem valores morais e éticos como centrais em suas personalidades; prevalecendo, no seu lugar, os ligados à glória. Ele explica:

Se a moral é um conjunto de limites que têm por finalidade regular as relações entre as pessoas numa determinada realidade social, então, ela é absolutamente necessária para se garantir a convivência. Sem ela, todos nós estaríamos condenados ao desaparecimento, já que constantemente um interferiria no espaço do outro, sem sofrer qualquer tipo de punição reparadora do elo social momentaneamente rompido. As condutas de indisciplina podem estar ligadas também ao fato de o indivíduo não ter os valores morais públicos como centrais em sua personalidade. (PEDRO-SILVA, 2005, p.75).

Em outros termos, precisamos cultivar valores como o respeito mútuo, a justiça, o diálogo, a generosidade, entre outros.

Feitas essas considerações, apresentaremos sumariamente algumas pesquisas realizadas recentemente com adolescentes sobre os valores que priorizam na atualidade.

3.4 Pesquisas sobre os valores dos adolescentes

La Taille (2009) realizou uma pesquisa com jovens do ensino médio, com a finalidade de investigar as virtudes consideradas por eles.

Tais adolescentes apresentavam as seguintes características:

- idade entre 15 e 18 anos;

- 211 deles regularmente matriculados em escolas públicas e 137 em escolas particulares;

- de ambos os sexos, sendo 225 moças e 223 rapazes.

O autor sublinha que em tempos da antiga educação moral, as virtudes eram qualidades boas e necessárias ao adulto, como a honra, a bondade, a confiança, a coragem, a força, a tranqüilidade, entre outras. Quanto aos vícios, eram vistos como contrários às virtudes, como a “preguiça” e o alcoolismo.

Atualmente fala-se mais em “vícios do que em virtudes”. Temas como o consumo de drogas, tabagismo, desrespeito, violência, indisciplina, falta de limites, e tantos outros são freqüentemente abordados. E quando se fala em virtude, a justiça costuma ser a única lembrada e considerada a matriz de todas as outras. Diante disso indagamos: por que isso acontece?

Uma das razões segundo La Taille (2009), pode ser a busca desesperada pela felicidade desvinculada de imperativos da ordem moral. Outra razão, segundo o autor, seria de ordem histórica. A filosofia moral de Aristóteles e a teologia cristã contemplavam várias virtudes. A partir de Kant, passou-se a falar de virtude, no singular: poucos imperativos categóricos dão fundamento à moral. A influência kantiana é conhecida na área de psicologia moral, sendo que Kohlberg (1981) elegeu a virtude justiça como a única organizadora do universo moral.

Enfim, para La Taille (2009) o tema das virtudes reaparece, principalmente no campo da política. O “marketing” político tenta promover as virtudes dos candidatos (honesto, trabalhador, humilde, corajoso). No entanto, notamos que os políticos não promovem de fato essas virtudes, daí o desgaste quando a sociedade não acredita mais nelas.

Metodologicamente, o pesquisador elaborou uma lista de 10 virtudes, entre as quais cinco morais (justiça, gratidão, fidelidade, generosidade e tolerância) e cinco de caráter não necessariamente moral, já que não envolvia o bem-estar alheio (honra, coragem, polidez, prudência e humildade).

Em relação ao procedimento para a coleta de dados, aos jovens foi pedido que ordenassem essas 10 virtudes, da mais importante a menos importante.

O resultado foi o seguinte:

- justiça, humildade e fidelidade ocuparam as três primeiras posições;

- o fato de a justiça ser uma das mais escolhidas não surpreendeu o pesquisador, pois tal resultado encontra-se na história da filosofia moral;
- humildade e fidelidade podem ter sido escolhidas porque são vistas como “antídotos” para uma cultura da vaidade e a tempos de “amor líquido”;
- polidez, prudência e tolerância ocuparam os três últimos lugares do *ranking*;
- entre as personalidades mais admiradas estão as pessoas ligadas à mídia e a obras de caridade;
- a justiça é a virtude mais citada como a virtude que faz falta principalmente entre os políticos;
- a maioria dos jovens julga ser justo mais importante do que ser generoso;
- a moralidade não depende de uma índole inata e de uma educação moral rígida. Esta deve ser construída, cuidada.

La Taille (2009) ao analisar esses resultados, afirma que os jovens, embora valorizem a justiça, mostram admiração por celebridades da mídia e não por pessoas de percurso ético dignos de nota. Pode-se dizer, então, que esses jovens carecem de referências morais dignas. Por isso, o referido autor salienta a existência de uma crise de valores. A “crise de valores” carrega a noção de que os valores morais estariam “doentes”, correndo o risco de extinção.

Como exemplo dos “valores em crise”, ou seja, em mutação, a pesquisa apresenta o fato da eleição da virtude “humildade” entre as mais valorizadas. Ela é vista como um antídoto à soberba que mina as relações sociais. O que se nota é que há um forte desejo de que a justiça prevaleça e isso faz parte da nossa história, o que pode significar que nada mudou muito na sociedade em relação ao desejo de justiça.

D’Aurea-Tardeli (2009) realizou uma investigação com 770 adolescentes do ensino médio, de ambos os sexos e com idade entre 16 a 18 anos. Seu objetivo principal foi o de verificar as razões de alguns jovens escolarizados manifestarem solidariedade e outros não.

No tocante ao método os jovens responderam a um prontuário e deram depoimentos sobre a forma como gostariam que suas vidas estivessem daqui a 10 anos.

A justificativa para o estudo da solidariedade decorreu do fato de ser considerada como uma virtude que envolve o compromisso pelo bem individual e social. Nesse sentido, a solidariedade implica lutar para superar diferenças ideológicas, raciais, econômicas, religiosas. Mais ainda: trabalhar para a superação de uma cultura consumista é superar uma cultura não-solidária.

De forma resumida, uma parte dos resultados dessa pesquisa confirma que aproximadamente 78% dos jovens apresentaram para seu futuro a idéia de conexão com o outro, em detrimento de interesses materiais. Contudo, a intenção de incluir o outro, diz apenas às pessoas conhecidas e amadas, caracterizando tendências relacionadas ao âmbito privado. Eles pensam em cuidar da família atual, manter amigos e construir uma família com filhos. Os dados têm um aspecto positivo que é o apontamento de tendências humanistas em detrimento das materialistas. O que falta realmente é orientar uma vida para a solidariedade para com os outros com uma preocupação por aqueles que estão em condições de risco social e político. Os dados foram analisados de acordo com a Psicologia da Moralidade.

Vinha; Tognetta (2009) investigaram os julgamentos de 150 jovens de escolas públicas e particulares, de ambos os sexos, com idade entre 14 e 16 anos.

Quanto ao instrumento de coleta, basicamente elas se restringiram à seguinte pergunta: “Existe alguma coisa que deixa você com raiva ou indignado?”.

As pesquisadoras caracterizaram a indignação como um sentimento negativo próximo à cólera e desencadeado por um juízo negativo feito por quem a experimenta para recobrar um direito. Indignar-se é, assim, um passo para o reconhecimento alheio de seu próprio valor.

Os resultados foram organizados em três categorias:

- 1- Características de certo individualismo. Os jovens sentem-se indignados quando alguém os irrita, fala mal deles, coloca apelidos, os agride, entre outros.
- 2- Características de um caráter moral restrito e estereotipado: inclui a relação com os outros. Mas esse outro é alguém conhecido, da família ou amigos. Há indignação quando agredem alguém da família.

- 3- Características de um caráter moral e ético. Há a inclusão de um universo maior de injustiças. O jovem é um espectador e não o alvo de injustiças, mas isso o indigna. Os valores são considerados universais.

As autoras concluíram que os jovens optam por valores morais. Porém, o que os deixa indignados relacionam-se a valores marcados por um conteúdo estereotipado: falsidade, desonestidade, entre outros, foram descritos como “algo que eles apenas costumam ouvir por aí”. Em síntese, os dados evidenciaram uma moral mais restrita à esfera privada, amparado, assim, em um senso de justiça autocentrado.

Essas são apenas algumas das pesquisas mais recentes sobre os valores dos adolescentes, tema que começa a ser investigado na atualidade, porque afinal, estamos preocupados com o futuro não apenas desses jovens, mas de toda uma sociedade. E os valores morais e éticos exercem considerável influência. Afinal, o *ideal de ego*, é formado por valores.

Atualmente, há um discurso de que os valores estão em crise. Dito de outra forma, valores privados têm substituído os de caráter público.

“Crise de valores” carrega a noção de que os valores morais estariam “doentes” e, portanto, correndo perigo de extinção. “Valores em crise”, por sua vez, carrega a noção de que valores morais não desapareceram, mas estariam mudando de interpretação. (La Taille, 2009).

Pensar sobre valores humanos significa para nós investigar o que as pessoas, ou melhor, nossos adolescentes nessa pesquisa prezam em suas relações.

No próximo capítulo dissertaremos sobre as políticas públicas voltadas para essa população.

4. POLÍTICAS VOLTADAS À JUVENTUDE

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

(Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, Lei 8.069/90).

Interessa-nos refletir, no presente capítulo, sobre as políticas destinadas à juventude no Brasil. Faremos isso em razão de ser o tema do nosso trabalho e em virtude de nos anos 90 (especialmente no período de 1995 a 2002) ter sido criado pela sociedade civil programas destinados a esse público, como o *Projeto Legião Mirim*.

Informamos que o nosso interesse aqui, não é o de debater projetos e políticas sociais. Porém, gostaríamos de fazer alguns apontamentos acerca da história das políticas voltadas para o adolescente brasileiro.

De acordo com Sposito e Carrano (2003), observa-se na sociedade um consenso em torno da necessidade de implantação de políticas públicas destinadas à juventude. As autoras concebem a idéia de “políticas públicas” associada a um conjunto de ações articuladas, provida de recursos próprios, envolvendo uma dimensão temporal e alguma capacidade de impacto.

Foi no âmbito de uma concepção ampliada dos direitos de crianças e de adolescentes que foi promulgado em 13 de julho de 1990 o *Estatuto da Criança e do Adolescente* – ECA (Lei federal nº 8.069). Tal conjunto de regras é considerado o marco legal de um processo reflexivo que mudou e superou os rumos éticos e políticos do *Código de Menores* (1979).

Com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), foram criadas estruturas, como o Conselho Nacional, Estadual e Municipal dos direitos da criança e do adolescente, com representantes do poder executivo e das mais variadas áreas da sociedade civil. Organismos internacionais consideram que este Estatuto é uma

das mais avançadas legislações do mundo no que concerne aos direitos das crianças e dos adolescentes.

Vê-se, então, que a partir dessa época, a criança e o adolescente passaram a ser concebidos como sujeitos, também, de direitos. No âmbito da sociedade civil, surgiram organizações com o fim de propor ações direcionadas à inclusão social de crianças e adolescentes brasileiros, como os projetos sociais.

Para Castro (2004), socióloga e pesquisadora da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), o Brasil vem articulando ações para estruturar políticas públicas de juventudes, reconhecendo o jovem como sujeito de direito. Desde o começo de 2004 houve iniciativas como a formação de um Grupo Interministerial de Juventude para a elaboração de uma Política Nacional de Juventude. Houve a criação de pastas específicas sobre juventudes e as consultas que se deram no circuito do *Projeto Juventude*, do Instituto Cidadania.

O *Projeto Juventude* foi criado em 2003, reunindo contribuições já existentes em âmbito nacional e internacional, incentivou o debate e avançou na produção de conhecimento sobre as condições e perspectivas da juventude brasileira. Este projeto promoveu a mais abrangente pesquisa quantitativa nacional já realizada no Brasil sobre o tema. Assim, foram realizados debates e divulgadas informações sobre as demandas da juventude nas seguintes dimensões: trabalho, educação, saúde, sexualidade, direitos, cultura, lazer, entre outras. Encerrado os trabalhos em junho de 2004, este projeto ofereceu um conjunto integrado de informações sobre nossa juventude, considerada em sua ampla diversidade e em suas desigualdades sociais (Novais e Vannuchi, 2004).

Mais recentemente, no ano de 2007, também, tomamos conhecimento do *Programa Ética e Cidadania – construindo valores na escola e na sociedade*: protagonismo juvenil, organizado pela Fundação de Apoio à Faculdade de Educação - FAPE da Universidade de São Paulo - USP, lançado pelo *Ministério da Educação*. Tal Programa propõe a criação de Fóruns Escolares de Ética e de Cidadania nas escolas municipais e estaduais, com a finalidade de criar condições necessárias para que valores éticos, como justiça, democracia e cidadania sejam trabalhadas nas salas de aula.

Ele é composto por quatro grandes eixos ou módulos:

- *Ética*: Trata-se de gerar ações, reflexões e discussões sobre o significado das regras e valores que regem a sociedade e sua importância para o desenvolvimento moral e ético dos seres humanos.
- *Convivência democrática*: Tem a finalidade de introduzir a prática de assembleias escolares, com a intenção de se buscar a resolução de conflitos.
- *Direitos humanos*. Significa desenvolver experiências educativas que tenham como foco a *Declaração Universal dos Direitos Humanos - DUDH e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990)*.
- *Inclusão social*. Visa construir escolas inclusivas, preocupadas com as diversas formas de deficiência e de exclusão geradas por diferenças físicas, sociais, econômicas, raciais, culturais, ideológicas e psíquicas.

Esclarecemos que o *Ministério da Educação* definiu como “protagonismo juvenil” a participação democrática dos jovens, na sociedade, como forma de contribuir para a transformação da realidade social e de suas próprias histórias de vida.

Tais eixos estão amparados nas reflexões de Corti & Souza (2004). Os autores afirmam que o processo de construção de identidade só é possível se os jovens adquirirem a capacidade de processar experiências de forma autônoma, ou seja, a partir do esforço pessoal. Autonomia faz parte, então, da expansão do jovem em relação ao mundo social, à sua capacidade de analisar as situações, e realizar escolhas.

Há um portal ativo através do endereço: www.mec.gov.br/seif/eticacidadania/index.html; ele trás os detalhes do Programa. Trata-se de um espaço virtual para a troca de experiências entre os membros e comunidades participantes. O programa pretende apoiar a ação de educadores e membros dos fóruns, fornecendo materiais didáticos adequados à sua execução. Afinal, é do Estado o papel de legislar, administrar e criar políticas públicas, porém em consonância com a sociedade civil.

Em outros termos, a autonomia só poderá ser construída a partir de experiências de vida e a partir da possibilidade de troca com outras pessoas que fazem parte da história do jovem, seja na família, na escola ou em algum projeto social. Não podemos desconsiderar o fato, evidenciado por Calligaris (2000), de que

o jovem reivindica o direito de ser ouvido e considerado, principalmente pelos adultos. Logo, há a necessidade de um jogo de interações e não de um discurso solitário do adolescente ou de um autoritário, como o de alguns pais e professores.

De acordo com Castro (2004) há dois grandes movimentos nas políticas públicas – por direitos humanos e cidadania e por políticas públicas de ações afirmativas e identidades onde há o reconhecimento de dois fatores:

1- As desigualdades sociais se multiplicam e certos sistemas políticos colaboram para discriminações. Ou seja, mesmo excluídos socialmente pelas forças de capital e trabalho, há outras formas de exclusão. Ela cita a desigualdade de salário entre homens e mulheres.

2- O debate sobre cidadania lembra que além da economia, vários são os sistemas de discriminação e exploração a pedir a intervenção do Estado. O Brasil tem uma perversa distribuição de renda que agrava as desigualdades sociais. Segundo estudiosos grande parte dos programas sociais não atingem os mais pobres. Falar em políticas de identidades e por ações, quer para mulheres, negros, jovens ou velhos, implica na criação de programas pontuais para esta ou aquela identidade.

Em relação aos jovens, estes têm direito a tratamento diferencial para que tenham acesso à educação, lazer-esporte, iniciação sexual sem reproduzir estereótipos, exercendo um pensamento criativo. Mais do que o direito de inclusão, deveriam ter o direito da crítica, o que pede um encontro com a educação e cultura, buscando reinvenções de identidades. Insiste-se em um enfoque juvenil que englobe a formação de autonomia, o direito de equacionar estudo e segurança social, o acesso a bens culturais e a novas linguagens. Diante de uma realidade brasileira em que quase 50% dos 34 milhões de jovens, entre 15 e 24 anos, está fora da escola segundo dados do Censo de 2000 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), precisamos pensar na necessidade de novas formas de políticas voltadas para as “juventudes”.

Segundo a socióloga, não basta criticar políticas universais. Precisamos enfatizar as políticas de ações afirmativas mais específicas às

realidades da desigualdade, como as de mulheres, jovens, idosos, negros ou indígenas. O desafio para a criação de tais políticas requer a participação de vários fatores sociais, como o governo, a sociedade civil, o setor empresarial e assim por diante. Essa interação entre movimentos sociais significa somar forças para fazer política.

Ainda de acordo com dados do IBGE, PNDA (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) cerca de 40% dos jovens vive em situação de extrema pobreza, com famílias sem rendimentos ou com salários abaixo do mínimo. São 6,7 milhões de jovens, ou seja, 20,3% dos que têm 15 a 24 anos, que não estudam ou trabalham.

EQUAÇÃO ESTUDO-TRABALHO, SEGUNDO SEXO, DOS JOVENS ENTRE 15 A 24 ANOS, BRASIL, 2001 (%)

Atividade- estudo e trabalho	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Só estuda	33,0	28,0	30,3
Trabalha e estuda	15,0	22,0	18,2
Só trabalha	23,0	38,0	31,2
Não trabalha e não estuda	29,0	12,0	20,3

Fonte: IBGE, PNDA 2001

Sobre os dados citados, segundo análise feita por Castro (2004), 16,3% dos jovens que trabalham estão no setor informal, sendo que muitos trabalham sem remuneração. Dos que estão na faixa etária dos 15 e 24 anos, ou seja, 3,4 milhões são assalariados sem registro em carteira de trabalho. Os dados da PNAD revelam o grande número de jovens que não estudam ou trabalham. A questão de gênero também empresta singularidades à equação trabalho e estudo. Entre os sexos existe considerável diferença; as mulheres mais estudam do que trabalham e o oposto acontece no sexo masculino. Entre as jovens que não estudam e não trabalham, 42,6% estaria numa situação de cônjuges, segundo pesquisa do autor. A grande maioria de adolescentes pobres abandona o estudo por um trabalho de ganhos imediatos, mas sem perspectivas a longo prazo. As condições de extrema necessidade comprometem o direito a ter expectativas em relação ao futuro.

Gostaríamos nesse momento de citar alguns programas direcionados para os jovens carentes segundo as pesquisas de Sposito e Carrano (2003):

- *Programa Escola Jovem*. Formulado pelo *Ministério da Educação*, iniciou-se em 2001 com o objetivo geral de ampliar a oferta de vagas para o ensino médio. Entretanto, segundo Ferretti (2000), o Programa acabou por se limitar a distribuição de alguns computadores, evidenciando-se ineficaz em seu conjunto.

- *Programa de Reinserção Social do Adolescente em Conflito com a Lei*. Também como iniciativa do *Ministério da Justiça*, mais especificamente pelo Departamento da Criança e do Adolescente, criou-se o Programa aos adolescentes que estavam cumprindo medidas judiciais sócio-educativas não-privativas de liberdade. O marco desse programa foi dar ênfase em medidas sócio-educativas em meio aberto, preconizadas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), em detrimento das privativas de liberdade.

- *Programa de Saúde do Adolescente e do Jovem*. Criado em 1989 pelo Ministério da Saúde, se constituiu em embrião para que, em 1999, fosse criada a *Área de saúde do adolescente e do jovem* – órgão que passou a ser o responsável pela articulação de programas e projetos que lidam com as questões relativas à juventude. O objetivo desse programa era desenvolver atividades relacionadas à promoção da saúde dos adolescentes, visando à formulação de uma política nacional para a juventude, a ser desenvolvida nos níveis federal, estadual e municipal. Reconheceu-se que essas intervenções falharam porque houve pouca participação dos jovens neste programa.

- *Jovem Empreendedor*. Criado no segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso pelo *Ministério do Trabalho e Emprego*, este projeto destinou-se à capacitação profissional e posterior financiamento de jovens de nível técnico, em fase de conclusão de curso, com idade entre 18 e 29 anos. Segundo o *Ministério do Planejamento* o programa teve um desempenho nulo, pois não houve a execução financeira prevista.

- *Programa Brasil Jovem*. Este projeto, implantado pelo *Ministério da Assistência Social* em 2001, compreendeu ações de implantação dos Centros da Juventude e a capacitação de jovens de 15 a 17 anos como Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano, mediante concessão de bolsa de estudo para jovens analfabetos e carentes. Os Centros da Juventude funcionariam como pólos de distribuição de informações sobre programas e serviços nas áreas de saúde,

educação, cultura, esporte, justiça e assistência social. Segundo o próprio Ministério tratou-se de uma iniciativa sem maiores informações sobre as ações que foram, de fato, efetivadas. Entramos na página da Internet: www.abrasil.gov.br onde é avaliado o referido programa e constatamos a ambigüidade de informações. Não sabemos se os Centros de Juventudes estão funcionando e em quais Estados e municípios do Brasil. As informações mais precisas foram: o financiamento, pela empresa *White Martins Gases Industriais*, de turmas de 25 jovens nas 27 Unidades Federativas do Agente Jovem, a informação de que o governo brasileiro tem dificuldades em obter dados oficiais do número de jovens de 15 a 24 anos oriundos de famílias de baixa renda, o que dificulta a implantação dos Centros de Juventude e que em 2003 foi proposto um orçamento menor para o Agente Jovem, sendo que em 2002 esse orçamento envolveu uma quantia aproximada de R\$ 52.000.000,00 (cinquenta e dois milhões de reais).

- *Prêmio Jovem Cientista*. Criado em 1981 pelo *Ministério da Ciência e Tecnologia*. Destina-se a graduandos e graduados em curso superior que têm menos de 40 anos e a estudantes de escolas técnicas e/ou curso superior com menos de 30 anos de idade. Tem como objetivo estimular a revelação de talentos. Esse programa está funcionando até hoje, sendo que o tema para o ano de 2009 é “Energia e meio ambiente, soluções para o futuro”, e as inscrições estão abertas até 30 de junho de 2010.

- *Programa Capacitação Solidária*. Criado em 1996 teve como objetivo o fortalecimento das organizações da sociedade civil através de cursos voltados para o desenvolvimento de gestores sociais. A partir de 1996, este programa focalizou suas ações na capacitação profissional de jovens de 16 a 21 anos, provenientes de famílias de baixa renda. Atualmente o programa conta com a ajuda de empresas e instituições públicas e privadas que já prepararam 131.583 jovens para o mundo do trabalho. Através do endereço: www.pcs.org.br teremos a lista das empresas associadas, os resultados dos últimos concursos, entre outros dados.

- *Rede Jovem*. Projeto, a ser executado em parceria com organizações da sociedade civil, teve como objetivo principal “conectar jovens”, dando-lhes um instrumento de integração e comunicação. O público-alvo foi o jovem de baixa renda sem acesso à internet. Esclarecemos que no site www.redejovem.org.br; o plano é anunciado como iniciativa de uma organização não-governamental.

- *Programa Jovens Embaixadores* – criado em 2003 pela Embaixada dos Estados Unidos no Brasil em parceria com o Ministério da educação e Secretarias Estaduais de Educação. O projeto oferece para jovens com a idade entre 15 e 18 anos que possuem fluência em inglês, regularmente matriculados na rede pública de ensino e que desenvolvem atividades sociais em suas comunidades, a oportunidade de conhecer os Estados Unidos. Esses jovens ficam hospedados na casa de famílias americanas, assistindo aulas regulares nas escolas e fazendo apresentações sobre o Brasil e divulgando projetos sociais.

Estes foram alguns programas, entre tantos outros que provavelmente não conhecemos e não é nosso objetivo no presente trabalho. Continuamos a investigar dados sobre as políticas públicas que poderiam contribuir com o tema estudado. Encontramos, assim, alguns estudos mais recentes sobre a juventude realizados pela UNESCO (2004). Foi constatado que no Brasil as políticas públicas têm buscado construir um retrato dos jovens, a partir de suas próprias falas. Os temas abordados foram, entre outros, o da educação, do mercado de trabalho, da cultura, da violência, da sexualidade e do uso de drogas.

Estes estudos demonstraram que há vários problemas a serem resolvidos, tais como:

- os Conselhos Tutelares ainda não são vistos como prioridade em muitos municípios;
- os adolescentes em conflito com a lei, em muitos casos, não são submetidos a tratamentos adequados, conforme o que apregoa o já citado Estatuto da Criança e do Adolescente (1990);
- as medidas ainda são tímidas quanto ao trabalho infanto-juvenil, sobretudo em relação à prostituição e ao tráfico de drogas.

O setor para a Juventude na UNESCO trabalha especificamente para a faixa etária entre 15 e 25 anos, estabelecida pelas Nações Unidas. A UNESCO entende que os jovens são grupos heterogêneos em evolução, sendo que alguns deles correm mais riscos e são mais vulneráveis que outros. Por isso, o objetivo desse órgão é ajudar o “empoderamento” dos jovens, promovendo o uso de suas habilidades de forma útil e permanente em suas vidas.

Considerar os jovens como atores sociais e sujeitos de direito significa, para a ONU, assegurar uma educação de qualidade, uma vida saudável e acesso ao trabalho. Porém, de acordo com a realidade brasileira está difícil “empoderar” esses

jovens com recursos e acesso a novas tecnologias. E eles reclamam isso, só não são escutados.

No Brasil, segundo o relatório do desenvolvimento juvenil da UNESCO, 6,7 milhões de jovens não trabalham, nem estudam. Isso representa 20,3% da população de 15 a 24 anos. Outros dados que podem dimensionar o risco de exclusão: o primeiro de ordem econômica e social – o IBGE informa que de um total de 34 milhões de jovens, 40% (13,6 milhões) vivem em famílias com renda igual ou menor que meio salário mínimo; o segundo dado diz respeito à escalada de violência que está vitimando nossos jovens. Os homicídios responderam em média, por 39% dos óbitos na faixa de 15 a 24 anos no Brasil em 2002, ou seja, quase 18 mil jovens morreram assassinados neste ano. (UNESCO, 2004).

Trata-se de forjar estratégias e mecanismos adequados às demandas e necessidades que compõem as juventudes. Prevalece no Brasil um clima de discussão, análise e intercâmbio sobre a necessidade de uma política nacional de juventudes. Considerar as diferenças e ouvir os jovens é criar uma possibilidade de construir projetos para uma sociedade mais igualitária. O trabalho é árduo e precisa continuar.

Se nos detivemos na compreensão das políticas de juventude no Brasil nos anos de 1990, foi porque nesta época muitos programas voltados para essa população surgiram, como por exemplo, o *Projeto Legião Mirim* – tema que trataremos a seguir.

4.1 O Projeto Legião Mirim

Desenvolvemos esse tópico com a intenção de mostrar ao leitor como funciona o projeto no qual os nossos entrevistados pertencem. O nosso objetivo não é avaliar o referido projeto, mas descrevê-lo.

O *Projeto Legião Mirim* – vinculado à Fundação Futuro – foi criado em agosto de 1999 pelo *Rotary Club Assis do Vale*, no município de Assis – SP. Trata-se de uma entidade filantrópica que tem como objetivo principal orientar e encaminhar jovens de nível econômico desfavorecido para o primeiro emprego. Em agosto de 2002 o trabalho realizado pelo *Projeto* foi reconhecido como de “Utilidade Pública” para o município. De acordo com a Lei nº 4.215, de 15 de agosto de 2002,

Projeto nº 62/2002 ficou instituído o DIA DA LEGIÃO MIRIM, que é comemorado, anualmente, no dia 25 de agosto.



FIGURA 1: SEDE DA LEGIÃO MIRIM - FUNDAÇÃO FUTURO

A diretoria do *Projeto*, em 2005, concluiu mais uma etapa importante: a construção da sede da Fundação Futuro. Foi construído um salão social para reuniões, cozinha, salas para administração, biblioteca e informática. Esse espaço, há muito desejado pela Instituição, permitiu melhorar e ampliar os serviços prestados através da disponibilidade de maior espaço físico para realização dos cursos já implantados e os almejados.

Como apontamos, o *Projeto* tem como objetivo central proporcionar aos adolescentes, gratuitamente, a capacitação e a preparação mediante o desenvolvimento de atividades educativas e orientações sobre as diferentes ocupações que demandam o mercado de trabalho da região. Esta finalidade é complementada com vivência nas empresas parceiras, que remuneram e fornecem todos os benefícios previstos por lei aos jovens. As suas atividades estão regulamentadas com base na legislação vigente, e em especial, na Lei 10.097, de 19/12/2000, Lei do Adolescente Aprendiz.

Quanto às características do público atendido, basicamente são adolescentes de 14 a 18 anos, de ambos os sexos e provenientes da população de nível econômico desfavorecido. Geralmente, são jovens de lares onde a renda familiar é inferior a três salários mínimos, vivenciam situações de exclusão social

(como o desemprego) e apresentam baixa escolaridade. A instituição tem como objetivo empregar cada vez mais adolescentes, conscientizando as empresas do compromisso social no auxílio para a educação do trabalho. Eles têm consciência de que não oferecem cursos profissionalizantes, mas têm como meta lutar por parcerias para que tal objetivo seja atingido. Para maiores informações podemos acessar o site da instituição⁶.

Especificamente em relação à nossa participação, desenvolvemos nesta instituição durante os anos de 2001 a 2003 um espaço de escuta psicológica para que os adolescentes atendidos ali explicitassem os inúmeros problemas enfrentados por eles cotidianamente. O nosso grupo – denominado de *Grupo de Psicologia* – buscou propiciar a formação de um adulto “re-visto”, ou seja, escutado. Quanto às atividades oferecidas aos adolescentes, basicamente procurávamos proporcionar um espaço com a finalidade de que eles elaborassem seus conflitos.

Do ponto de vista operacional, as reuniões dos grupos eram realizadas na sede da Fundação, em encontros semanais de uma hora e meia de duração, durante quatro meses. Participaram 10 adolescentes por grupo, que espontaneamente fizeram a opção por participar dele.

Durante o primeiro encontro, eles definiam quais os temas que seriam trabalhados durante os 12 encontros seguintes. Basicamente, fizemos uso da psicoterapia breve em grupo, com enfoque em psicanálise. Além disso, trabalhamos com textos, reportagens e filmes, relacionados aos temas escolhidos pelos próprios adolescentes.

A respeito do trabalho em grupo, Costa (1989) relata que para pensá-lo nessa perspectiva – em um contexto de psicoterapia – é preciso ter em mente um determinado número de indivíduos, com características particulares. Cabe dizer que para ele, o exercício de tal prática pode promover possibilidades para a manifestação do inconsciente.

O grupo terapêutico é apenas um conjunto de pessoas que aceitam explicitamente submeter-se às cláusulas do contrato psicoterápico. Toda idéia a mais a respeito de grupo inconsciente ou ser grupal foi tida por nós como um produto imaginário, a ser analisado como qualquer outra manifestação inconsciente. Não existe grupalidade

⁶ - www.legiaomirimassis.org.br

dos grupos. Os grupos definem-se pela prática, pelos objetivos explícitos em torno dos quais se formaram. (COSTA, 1989. p. 51).

O grupo teve como objetivos principais:

- apresentar situações aos adolescentes que talvez os levassem a acreditar na capacidade de mudança;
- explorar temas como sexualidade, drogas, orientação vocacional e relações familiares;
- analisar o desejo do adolescente em relação àquela instituição, isto é, o que ele esperava dela;
- ajudar a refletir acerca do próprio futuro, dos seus sonhos, dos seus projetos e de suas expectativas.

Foi uma atividade trabalhosa, mas a partir dos resultados obtidos, começamos a pensar em novas possibilidades para a continuidade e para o aperfeiçoamento dos trabalhos realizados no *Projeto Legião Mirim*.

Gostaria de ressaltar que o período descrito acima faz parte da minha história na instituição na época em que lá trabalhei. É apenas descritivo. Após alguns anos retornei à instituição como pesquisadora, utilizando as entrevistas como instrumento de pesquisa deste trabalho.

Concomitantemente, fomos construindo parcerias com cursos de uma Faculdade pública localizada na mesma região – Faculdade de Ciências e Letras da Unesp – Campus de Assis, com profissionais liberais (médicos, psicólogos, engenheiros agrônomos, biólogos) e empresários. Com isso, novas atividades foram sendo tecidas. Outro aspecto que pretendíamos atingir – além de aperfeiçoar e ampliar os serviços oferecidos pelo *projeto* – era o de descaracterizar a instituição como uma agência de empregos. Antes de tudo, nossa intenção era a de oferecer um espaço para a construção, para o desenvolvimento de um sujeito pensante. Só assim acreditávamos que o *Projeto* contribuiria para a formação de cidadãos.

Em 2001 – além dos espaços já existentes destinados ao oferecimento das oficinas sobre o Meio Ambiente, Sexualidade, Música e Língua Portuguesa, entre outras, os funcionários da Instituição inauguraram a biblioteca. A finalidade era a de oferecer um espaço a mais para que o adolescente tivesse acesso à leitura, tendo, com isso, o desejo de aumentar suas chances de desenvolvimento, sobretudo da sua capacidade de reflexão sobre a própria adolescência. Além disso, cursos de inglês, espanhol, francês, redação e literatura também foram oferecidos aos jovens. Em resumo, o objetivo dos profissionais que ali trabalhavam era o de oferecer várias condições que levassem ao crescimento global dos adolescentes.

É importante assinalar que a carência de recursos financeiros é um constante na vida desses adolescentes, assim como o desejo de mudar de vida. E um dos caminhos que eles vêm para isso, é o da profissionalização. Também é freqüente a presença de intensos conflitos emocionais.

Por tais motivos, o *Projeto* social assumiu certa complexidade, não podendo, dessa forma, ser entendido apenas por uma perspectiva assistencialista, no sentido simplista de ajuda e proteção. Na verdade, esse *projeto* recebe jovens que quase não tiveram assistência, proteção ou amparo. Em função dessa condição, talvez o *projeto* possa oferecer um espaço de crescimento e de produção psíquica.

Atualmente os adolescentes, que estão empregados, desenvolvem atividades em várias empresas, sobretudo as do setor comercial e clínicas médicas.

Quando completam 18 anos de idade, tais adolescentes são automaticamente desligados do *Projeto*. Isso ocorre por causa da legislação existente (a do Menor Aprendiz), mas devido à qualidade dos serviços prestados, muitas vezes, eles são recontratados pela empresa.



FIGURA 2: ADOLESCENTES PERTENCENTES AO PROJETO LEGIÃO MIRIM

4.2 Atividades realizadas pelos jovens inscritos no *Projeto*

Basicamente, aos adolescentes de 14 e de 15 anos são oferecidas oficinas sócio-educativas, coordenadas por estagiários dos cursos de Biologia, História e Letras da Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis - SP que mantêm convênio com o *Projeto*. Eles as ministram semanalmente, proporcionando conhecimentos com o seguinte teor: “Ervas medicinais”, “Prevenção ao uso de drogas psicotrópicas”, “Doenças transmissíveis”, “Medidas profiláticas de educação sanitária e de saúde”, “História em quadrinhos”, “História do Brasil, por meio da música e de obras cinematográficas”, “Língua espanhola”, “Meio ambiente e cidadania”, “História e cultura negra”, “A arte que a ditadura produziu”, “Hip hop como inclusão social” e “História da arte”. Todas estas atividades visavam, além de informação e capacitação, o estímulo ao desenvolvimento do senso crítico e estético. Trata-se de encontros semanais que podem ser semestrais ou anuais, conforme a disponibilidade do estagiário.

Em 2008, o *Projeto* ainda oferecia algumas dessas oficinas para 303 participantes além de outras novas. Dentre elas, destacaram-se: “A música e o

cinema contam a nossa história”; “História em Quadrinhos”; “Espanhol”; “Ervas Medicinais”; “Prevenção ao uso de drogas”; “Prevenção das doenças sexualmente transmissíveis”; “História e Cultura Negra”; “A arte que a ditadura produziu”; “Meio Ambiente, Cultura e Cidadania”; “História da Arte”; “Hip Hop como Intervenção Urbana”.

Igualmente, ocorriam “Reuniões de Orientação para o Mercado de Trabalho”. Elas aconteciam três vezes na semana, com adolescentes de 16 e 17 anos, participavam 257 alunos, cujo cerne era a discussão de temas referentes ao universo do trabalho, como comportamento em entrevista de emprego; elaboração de currículo; concepções de ética, de trabalho, de relações organizacionais, além do oferecimento de diversas palestras com profissionais de variadas áreas, a fim de exporem suas experiências.

Considerando, então, os participantes das oficinas, das reuniões de orientação para o mercado de trabalho e os que já estavam desempenhando atividade profissional, 738 adolescentes participaram do *projeto* em 2008.

De acordo com Souza e Vasconcelos (2003), as atividades em grupos podem construir espaços de reflexão e ação que revelem vários aspectos das relações sociais: valores, sentimentos, enfim, um contexto que possa permitir ao adolescente conhecer-se e situar-se em seu cotidiano.

Não podemos deixar de mencionar o “Projeto Cine Mirim”. Realizado em parceria com o cinema municipal da cidade, quinzenalmente eram exibidos filmes pautados em assuntos referentes à adolescência, selecionados pela equipe técnica e pelos estagiários envolvidos. Após as sessões, realizavam-se discussões sobre o conteúdo exposto, com a presença alternada de palestrantes convidados, estagiários e profissionais de psicologia, conforme a demanda do grupo. Este projeto tinha a intenção de apresentar a arte do cinema para o público adolescente, de modo a auxiliar a construção de tal hábito.

O *Projeto* ofereceu também, encaminhamentos, quando necessários, para atendimento no Hospital Regional, pelo Conselho Tutelar, pela Secretaria de Assistência Social e também para projetos de diversas entidades da cidade, que ofereciam atendimento psicológico.

Quanto aos recursos humanos, em 2008 o *Projeto* contava além dos membros do *Rotary Club Assis do Vale*, duas secretárias, uma pedagoga, uma

assistente social, uma psicóloga, uma coordenadora da Zona Azul, oito monitores da Zona Azul e 24 estagiários universitários.

Em 2009 o *Projeto Legião Mirim* completou dez anos de existência. Eles comemoraram a data com uma confraternização entre os jovens e seus familiares e funcionários da Instituição com um almoço e uma divertida maratona pelas ruas da cidade de Assis-SP. Há atualmente 758 adolescentes inscritos no mesmo.



FIGURA 3: EQUIPE DA LEGIÃO MIRIM

4.3 Atividades desenvolvidas durante o ano de 2009

- Reuniões de Orientação para o Mercado de Trabalho que são ministradas de forma alternada entre a pedagoga, a assistente social e a psicóloga da Instituição. Os encontros ocorrem três vezes por semana com adolescentes de 16 e 17 anos, sendo que atualmente participam 325 jovens distribuídos em pequenos grupos. Os assuntos abordados se referem ao universo de trabalho, como: a

primeira entrevista de emprego, a elaboração de currículo, concepções de ética, relações organizacionais, dinâmicas motivacionais, palestras com diversos profissionais com a finalidade de transmitirem suas experiências, além de ser um espaço de escuta para as dúvidas desses adolescentes que desejam trabalhar. As reuniões são atividades anuais e permanentes.

- Oficinas Sócio-Educativas com os estagiários dos já citados cursos UNESP – Campus de Assis – SP. Essas oficinas ocorrem na sede do *Projeto* uma vez por semana no período de um ano:

- “Uma volta ao mundo das religiões”: o curso objetiva transmitir a história, a origem, os costumes e os rituais das religiões existentes no mundo. Há debates sobre o porquê dos conflitos de origem religiosa e a abordagem da mídia. Atualmente participam 16 adolescentes.

- “Inglês e Filme”: trabalha a história e a cultura da língua inglesa por meio de músicas e filmes na intenção de contextualizar fatos históricos do mundo. Metodologia que tem por objetivo facilitar a aprendizagem da língua. Participam 30 adolescentes.

- “Inglês Didático”: a oficina trabalha a aprendizagem da língua inglesa. Temos 09 adolescentes inscritos.

- “Literatura e RPG”: o curso trabalha com criações de narrativas por meio da criatividade dos próprios alunos, além de buscar a socialização e integração entre os jovens. Participam 20 adolescentes.

- “Diversidade do Mundo do Trabalho”: o curso tem como objetivo divulgar o papel social exercido pelo empregado ativo, bem como mostrar ao jovem a realidade do mercado de trabalho no Brasil, trabalhando os preconceitos étnicos e de gênero camuflados em nossa sociedade e apontar a exploração da mão-de-obra infanto-juvenil. São 23 jovens inscritos.

- “Saúde-Doença: determinações biológicas e sociais”: essa oficina possibilita aos alunos o conhecimento de aspectos biológicos das doenças mais conhecidas por eles, considerando a influência das questões sociais. É uma oportunidade de reflexão e discussão sobre a saúde dos brasileiros, aguçando o senso crítico do jovem. Temos 26 adolescentes participando.
- “A história através da arte”: objetiva promover a capacidade crítica em relação aos fatos históricos mostrados por meio da arte, aumentando a bagagem cultural dos jovens. Participam 24 adolescentes.
- “Oficinas de Inglês”: aulas de inglês básico ministradas pelos intercambiários alemães da AFS (American Field Service) que ficarão em Assis-SP por um ano. É interessante esse contato dos adolescentes com jovens de outra cultura. Essa oficina possui 05 turmas com 10 adolescentes por grupo.
- “Aulas de violão”: também ministradas pelos alemães que estão trabalhando como voluntários no *Legião Mirim*. Foram formados 05 grupos com 10 jovens por turma.
- “Oficina de Leitura”: essa oficina tem como objetivo criar mecanismos de incentivo à leitura num espaço físico próprio e adequado para esse tipo de atividade. Cerca de 600 adolescentes aprenderam a organizar e catalogar livros, restaurar o acervo e participaram de aulas para a prática de redação e compreensão textual, de leitura dramática, de grupo de contadores de histórias, bem como de visitas às bibliotecas públicas e livrarias comerciais.

Recentemente foram realizadas duas novas parcerias com o *Projeto Legião Mirim*:

- O auxílio da “Associação Fábrica da Leitura”, uma associação de direito privado, de caráter educacional, sem fins econômicos que tem por finalidade

facilitar o acesso aos livros na região de Assis – SP e desenvolver mecanismos de incentivo à leitura em parcerias com Projeto Sociais. Eles fizeram parceria com o *Projeto*, auxiliando na reestruturação da biblioteca, restaurando obras, catalogando-as e realizando oficinas de leitura permanente com os adolescentes do *Projeto Legião Mirim*.

- Projeto *Jovens no trampo*. Esse projeto atende jovens infratores encaminhados pela associação Filantrópica Nosso Lar de Assis – SP em parceria com a Fundação Telefônica que financiam profissionais de recursos humanos para trabalhar com essa população no sentido de ajudá-los na inserção social. A psicóloga do *Projeto Legião Mirim* faz grupos com esses jovens com a finalidade de encaminhá-los para o primeiro emprego. Atualmente participam 10 jovens nesse grupo. É algo novo na Instituição, ainda sem possibilidades de avaliação.

Outros serviços oferecidos para os adolescentes estão relacionados especificamente ao trabalho da psicóloga e assistente social do lugar. São oferecidos os pronto-atendimentos aos jovens e seus familiares e visitas domiciliares quando necessário. Não há grupos de psicoterapia breve. Quando há demanda de atendimento psicológico, eles são encaminhados para a rede pública. De acordo com a psicóloga, existem muitos pedidos para a formação de oficinas de teatro, dança e outras formas de expressão corporal e cultural.

Outros trabalhos específicos da psicóloga desenvolvidos em 2009:

- Atendimento individual: são realizados de acordo com o pedido dos adolescentes e/ou familiares. Não se trata de psicoterapia, é um tipo de acolhimento para orientar e encaminhar para a rede pública, quando necessário.

- Entrevistas de “admissão e demissão” com todo jovem que está entrando no trabalho ou sendo dispensado deste. Trata-se de um acolhimento porque esclarece dúvidas, desmistifica fantasias em relação ao trabalho e o prepara para o seu desligamento quando ele completa 18 anos ou é demitido.

- Grupo semanal realizado pela psicóloga da Instituição com os monitores da Zona Azul com o objetivo de proporcionar um espaço de diálogo entre esses profissionais e refletir sobre os acontecimentos nesse tipo de trabalho – vender talões de Zona Azul. Dinâmicas e jogos são parte das atividades realizadas pela psicóloga com esses profissionais. É importante ressaltar que parte do dinheiro arrecadado com o programa Zona Azul ajuda a financiar a manutenção da *Legião Mirim*.

- Grupo com os adolescentes que trabalham com a Zona Azul. Com o auxílio de textos e dinâmicas são repassadas técnicas de vendas para os adolescentes e escutados os problemas que eles enfrentam com esse tipo de trabalho.



FIGURA 4: MEMBROS DA ZONA AZUL

Feitas as considerações dos capítulos anteriores, como o referencial teórico utilizado para a análise dos dados colhidos nessa pesquisa, a questão dos valores para os adolescentes, as políticas públicas voltadas à juventude e a descrição do projeto social a que pertencem os adolescentes entrevistados por nós, decidimos nesse momento apontar os nossos objetivos.

5. OBJETIVOS

- Buscar compreender o que adolescentes, inseridos em determinado projeto social, pensam sobre a adolescência;
- investigar o que esses jovens pensam sobre as perspectivas em relação ao futuro;
- identificar os principais valores destacados por esses adolescentes.

6. METODOLOGIA

6.1 Considerações sobre a utilização do referencial psicanalítico enquanto método

A metodologia é a descrição do caminho da pesquisa, devidamente fundamentado, que leva a produção de um determinado conhecimento. Assim, ela busca demonstrar como determinado objeto foi abordado, qual a concepção teórica adotada, qual foi o instrumento de coleta de informações, o procedimento para essa coleta e a sua transformação em dados.

Segundo Silva (1993) não existe um modelo certo de pensar o “científico”. O que há são metodologias que se diferenciam para melhor atender às especificidades do objeto estudado. Houve uma época em que “científico” era sinônimo de verdades absolutas, o que acabou convertendo a ciência em uma forma de religião. Felizmente, com a experiência de novos conhecimentos o saber revelou sua relatividade, assim, a neutralidade científica se tornou um dos mitos da modernidade.

Compartilhamos com as idéias de Silva (1993) ao dizer que o método da psicanálise consiste em mostrar essas mudanças, valorizando a escuta e o surgimento de um sentido para a fala dos sujeitos. Quando esse sentido, mais inconsciente, surge da relação observando-observado emerge um novo conhecimento. Ao ocorrer uma articulação entre os eventos que emergem de uma investigação e as teorias existentes para compreendê-las, poderemos, então, conferir um estatuto de cientificidade à pesquisa.

Vários são os modelos de pesquisas utilizados atualmente. Pretendemos, no entanto, explicitar o nosso modelo nessa pesquisa, cuja origem é clínica, mas o nosso objeto não foi fruto de sessões de análise. O nosso procedimento de trabalho consistiu em ouvir o que os adolescentes que participam de um *Projeto Social* pensam sobre determinados temas escolhidos por nós para nortear nosso estudo e atingir nossos objetivos.

Segundo Herrmann (2004), três são os gêneros de pesquisa no território psicanalítico: a investigação teórica, a pesquisa empírica e a pesquisa clínica. Pensamos que nossa pesquisa seja a clínica não no sentido analítico do consultório, mas significando uma investigação do sentido humano, nos grupos, nas

sociedades e nas produções culturais. O método de investigação da pesquisa clínica é a interpretação psicanalítica. Essa pesquisa está em contato direto com o fenômeno vivo. A interpretação psicanalítica procura apreender o sentido do discurso do sujeito estudado. Nas palavras de Oliveira (1984), a Psicanálise não é somente uma terapia ou uma teoria sobre o ser humano, mas também um método de investigação.

O nosso objetivo foi investigar o que os adolescentes estão dizendo sobre si mesmos, suas famílias, sobre o futuro e os valores. A nossa intenção foi de apenas compreender o que eles pensam sobre alguns aspectos. De acordo com Laplanche e Pontalis (1994) ao descrever o verbete “Psicanálise” é possível estender o uso da interpretação a produções humanas que não são necessariamente associações livres.

A chave que nos falta para abrir as portas da pesquisa em Psicanálise é um velho conhecido nosso, o método psicanalítico. Clínica e pesquisa estão separadas pelas técnicas respectivas, mas unidas pelo método. (HERRMANN, e colaboradores, 2004, p.60).

Do nosso ponto de vista o método psicanalítico pode ser entendido como uma forma de reflexão sobre determinados acontecimentos. Há uma tentativa de revelar novas significações com a utilização deste método. Entendemos como um conhecimento aberto às ressignificações onde procuramos apontar relações entre as características dos adolescentes e suas perspectivas em relação ao futuro e ao projeto social, levando em conta o contexto sócio-cultural destes jovens.

A psicanalista Minerbo (2000) denomina, de forma interessante, a metodologia como “estratégias de pensamento” no sentido de uma coerência com o campo epistemológico, um “fazer trabalhar” a questão-problema sem a voracidade de querer respondê-la e assim produzindo de fato um conhecimento. Ela acrescenta que a postura teórica diante do objeto de estudo já é uma maneira específica de olhar pra ele, já é parte do conhecimento. Ou seja, uma determinada postura teórica é inseparável do “método”. No campo epistemológico moderno os fatos não falam por si, necessitando de análise para ganhar sentido. Cada pesquisador trabalha dentro de um “recorte teórico-metodológico” porque é impossível abarcar a totalidade de um tema e esgotá-lo; porque é o recorte que delimita o objeto a ser estudado e a

maneira de estudá-lo. No nosso caso enxergamos o adolescente descrito pela psicanálise e analisamos suas falas de acordo com essa teoria.

Na opinião de Mezan (2002) toda investigação psicanalítica é qualitativa porque mergulha na singularidade do seu objeto permitindo extrair dele o que realmente lhe pertence com exclusividade. A pesquisa em psicanálise deve evidenciar dois planos: o da especificidade e o da generalidade. Com o primeiro temos que escolher um campo específico de trabalho entre inúmeras possibilidades. No nosso caso, trata-se de adolescentes inseridos em um determinado *projeto social*. O segundo plano da generalidade refere-se à interpretação no sentido mais usual de compreender e elucidar o problema tratado na pesquisa. Para o referido autor a pesquisa psicanalítica deverá se apoiar em uma teoria da psicanálise, bem fundamentada, com coerência dos argumentos entre si e com os fatos considerados.

O nosso trabalho está mais relacionado com o segundo plano descrito por Mezan (2002), o que denominamos de análise do discurso do adolescente que está ligado ao sentido de compreender o problema da pesquisa – neste caso – compreender o que os adolescentes participantes de um determinado projeto social pensam sobre a adolescência, o futuro e os valores.

Apesar da complexidade que envolve este tema temos interesse em avançar neste campo denominado método psicanalítico. O percurso metodológico foi analisar as entrevistas dos adolescentes, compreendendo suas falas de acordo com a teoria psicanalítica.

6.2 Participantes

Nossos informantes foram 06 adolescentes que desenvolvem atividades no denominado *Projeto Legião Mirim*, que apresentavam as seguintes características:

- de ambos os sexos;
- com idade entre 14 a 18 anos;
- com nível econômico desfavorecido;
- independentemente do grau de escolaridade;
- com diferentes credos religiosos.

A pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para estabelecer sua representatividade. Desse modo, por meio de sorteio, entrevistamos 06 adolescentes que estão trabalhando na Zona Azul, trabalhando em empresas particulares e/ou que estão participando de diversos cursos na Fundação Futuro. Pensamos em escolher um número de adolescentes que representasse uma grande parte das atividades oferecidas por toda a Instituição.

6.3 Instrumentos para a coleta dos dados

Para a sua concretização, essa pesquisa exigiu a definição das técnicas a serem utilizadas para a coleta das informações. Tal ação foi feita por meio de entrevistas. Quanto à entrevista, nós buscamos obter informações que respondessem aos objetivos do nosso estudo. Em geral, as entrevistas são estruturadas e não-estruturadas ou abertas. Nas estruturadas as perguntas são previamente formuladas e nas entrevistas abertas o informante aborda livremente o tema proposto. É possível a articulação entre as duas modalidades de entrevistas, caracterizando-as como semi-estruturadas.

Fizemos uso da entrevista semi-estruturada, com a finalidade de iniciar o processo de escuta. Falamos de escuta no sentido de “dar voz” aos adolescentes, de possibilitar uma fala reveladora de suas emoções, de seus valores e pensamentos.

Segundo Kupfer (2004), o psicólogo – ao colocar-se na posição de escuta – possibilita na instituição ou em uma situação de entrevista para pesquisa a circulação da palavra, mediante a “transferência”. Para isso, é necessário que o psicólogo seja colocado pelo sujeito entrevistado em uma posição privilegiada. Essa autorização pela transferência permite que a palavra proferida pelo indivíduo possa ser por ele ouvida. O psicólogo, assim, estará numa posição de escuta ativa. Ele dirige sua fala a alguém para que esta retorne e seja escutada.

Entendemos como transferência o que Laplanche e Pontalis (1994) designaram como o processo pelo qual desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos em um tipo de relação estabelecida entre duas ou mais pessoas. Um dos exemplos clássicos é a relação analítica. Mas pode acontecer entre entrevistador e entrevistando, entre alunos e professores, entre dois amigos e

como Freud (1895/1990) colocou: “como sendo a transferência um caso particular do deslocamento de afetos”. Por isso pensamos ser difícil falarmos em neutralidade porque os encontros são permeados pelas manifestações da transferência.

Foram três encontros individuais com cada um dos 06 adolescentes entrevistados. No primeiro encontro, que não foi gravado, explicamos sobre a pesquisa e estabelecemos vínculos com o adolescente. No segundo e terceiro encontro, que foram gravados, seguimos um roteiro de entrevistas que prevê:

a) Temas orientadores das entrevistas para atingirmos nossos objetivos:

As primeiras perguntas foram formuladas com o objetivo de investigar o pensamento do adolescente sobre a adolescência e incluíram:

- História pessoal.
- Relacionamento familiar.
- Questões sobre o ser adolescente e a adolescência.
- Escola.
- Trabalho.
- Lazer.
- Vida afetiva.

As questões seguintes foram para investigar o que eles pensam sobre o futuro e incluíram:

- Trabalho.
- Estudo.
- Perspectivas em relação ao futuro.

Na seqüência buscamos descobrir quais os valores apontados pelos jovens.

b) Na coleta das informações dessa pesquisa, procedemos da seguinte forma:

1ª - entramos em contato com a Direção da Instituição Fundação Futuro, fundadora do *Projeto Legião Mirim*, a fim de obter a autorização para a coleta das informações e a lista dos adolescentes;

2ª - de posse dessas listas escolhemos por meio de sorteio os adolescentes a serem convidados a participar da pesquisa. Caso alguns dos escolhidos não pudessem colaborar com o estudo, convidaríamos outros em seus lugares, com características semelhantes;

3ª – depois que os sujeitos concordaram em participar do estudo, pedimos aos pais ou responsáveis que assinassem o termo de consentimento em cumprimento às normas éticas que regulam as pesquisas com seres humanos. Feito isso, iniciamos as entrevistas com os adolescentes, que foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

6.4 Como analisamos os dados

Como já apontamos anteriormente, nessa pesquisa, utilizamos o referencial psicanalítico como parâmetro e instrumento de análise da falas dos adolescentes entrevistados.

Nas pesquisas psicanalíticas que utilizam entrevistas, geralmente procura-se obter um número de entrevistados que permita observar tanto diferenças como confluências de pensamento sobre alguma temática ou algum fato psíquico. Porém, a utilização do método psicanalítico – que busca sempre o assunto pelo “ângulo” do entrevistado -, faz emergir conteúdos não previstos que podem redimensionar o estudo e possibilitar uma verdadeira investigação dos casos seguintes. (MATTIOLI, 2000, p.14).

Nessas entrevistas buscamos compreender o que os adolescentes pensam sobre determinados temas, com a finalidade de atingir nossos objetivos.

7. ANÁLISE DOS DADOS

7.1 ADOLESCENTE CARLOS

Carlos, 17 anos é o filho mais novo de D^a. Maria, uma diarista que sustenta toda a família com o seu trabalho. A irmã mais velha de Carlos tem 23 anos, é filha do primeiro marido de Maria. Esta filha está desempregada, não frequenta a escola e faz tratamento para depressão. O pai do adolescente saiu de casa há quatro anos. Ele bebia, batia na esposa e não gostava da enteada por ser filha de um antigo relacionamento de Maria.

Segundo Carlos, sua relação com o pai ficou “preservada”. Ele mora perto de casa e os dois se encontram com frequência. Esses encontros são promovidos por ele, pois o pai nunca o procura. O adolescente é que sempre o visita e o encontra bêbado, fazendo “bicos” como pintor e assim, segundo suas palavras – “vão vivendo”. No entanto, há boas lembranças da infância, com muitas brincadeiras entre eles, como soltar pipa, jogar bola, entre outras. Tudo indica que Carlos gostava muito dessa “união familiar” na época de sua infância.

Mesmo com a timidez do jovem, pois quase não se ouvia sua voz durante as entrevistas, ele compareceu aos três encontros que combinamos e chegou, inclusive, a pedir que houvesse mais entrevistas. Sugerir que ele poderia procurar a psicóloga da Instituição para aprofundar algumas questões do seu desejo. No início, ele não conseguia me olhar, além de falar tão baixo que eu precisei lhe pedir, por várias vezes, que repetisse o que dissera. Ele sempre repetia que era um adolescente tímido e inseguro, que não gostava de estudar e era muito preguiçoso.

Sou muito tímido... (pausa). As pessoas percebem pela minha voz, não queria ser tímido. Tenho dificuldade pra falar. Fui ficando tímido desde o pré. No primeiro ano eu ainda nem sabia ler; isso foi me deixando ficar com vergonha, tudo...

Falava também, das suas dificuldades escolares desde a infância e da intensa ligação com a mãe. Era a única pessoa que ele podia confiar “de verdade”. Ainda que verbalize por diversas vezes sobre sua timidez, Carlos não parava de falar, principalmente das emoções, em relação aos pais, sobre a doença da irmã,

sobre os amigos e os primeiros amores platônicos. Quanto à vida sexual, ele ainda não havia iniciado.

Na escola, Carlos foi reprovado por duas vezes no primeiro colegial e ficou surpreso por conseguir terminar o terceiro ano. Sempre teve dificuldades e não pôde compreender como conseguiu passar de ano, já que não sabia ao menos ler na segunda série (2º ano do ensino fundamental). Na sua idéia era assim:

“Estudá” foi sempre difícil, “foro” me “passano” de ano, ninguém se importava comigo (pausa), acho que essa é a verdade... (pausa). Aí no ano passado eu parei, depois voltei. “Tô tentano”. É normal eu ir devagar. As pessoas daqui me dão força pra continuar.

Ele crítica a escola e o desinteresse dos professores pelos alunos que apresentavam dificuldades como as dele. Apesar dessa realidade, pensamos que ele utiliza seus problemas para chamar a atenção, a proteção de outra pessoa, seja um professor, um funcionário da Instituição, um familiar.

Quando indagado sobre o seu desejo de estudar ou de qualquer outro desejo que ele pudesse realizar independentemente da ajuda “externa”, Carlos ficava mudo, se perdia. Parecia sem referenciais próprios. Nesse momento pensamos no que Costa (2006) fala sobre a falta de criatividade dos atuais adolescentes que são entregues a eles próprios em relação ao seu futuro, sem que tivessem uma experiência histórica que os ajudassem a seguir em frente com mais segurança. E como resgatar algo desse tipo para que o jovem possa se sentir mais seguro em sua nova identidade de adolescente? Ou seja, caminhar para a construção de um mundo adulto.

Ele prefere estudar à noite conquanto relate que o ensino é bem pior. Como não gosta de estudar, no período noturno ele não é cobrado pelos professores.

De manhã tem horário certo, à noite é tudo mais livre. Tem crianças de dia. No período da noite têm mais “adulto”, sabe!? Gente que trabalha, sabe? Eu me pareço mais com esse povo aí. Acho que queremos ficar adultos mais rápido.

Em relação aos prazeres e lazer, Carlos se diverte muito com o futebol, com a TV e com as idas à Lan House, pois não tem computador em casa. Gosta de navegar pela Internet e conversar com alguns amigos pelo MSN, mas não pertence a

nenhuma “comunidade” na internet e não tem ORKUT. As conversas são suficientes para sua satisfação. Como é tímido, nem pelo computador tenta namorar. Fala que prefere encontrar uma namorada pessoalmente durante suas saídas nos finais de semana ou na escola. Pensa que chegará a hora certa de namorar e transar.

Sobre sua família define-a como uma verdadeira “confusão”. Ele fala que tem muita mulher em casa, brigas e cobranças. Ficou feliz com a separação dos pais porque odiava as brigas e bebedeiras. Com a saída do pai, Carlos se aproxima da mãe, pois esta o trata como o homem da casa, trabalhador, estudioso, ou seja, aquele que deveria realizar todos os desejos de uma mãe – uma mulher que não conseguiu se realizar em dois casamentos e precisa ajudar a filha deprimida. Ele relata a pressão que a mãe faz, mas não ousa contrariá-la “abertamente”. Mas a contraria “veladamente” quando não estuda e não cumpre as tarefas domésticas que lhe são delegadas. Ele verbaliza que o excesso de cobranças e cuidados significa “amor”, algo que não soube definir. Na verdade, o jovem não conversa com a mãe ou com o pai sobre os assuntos que lhe interessam, apenas cumpre ordens para que não seja o filho doente como a irmã e de alguma forma o filho bom, que não dá trabalho. Carlos fala de si através desse sintoma da passividade e da timidez:

A mãe pega no pé. Fala que eu não lavo minhas “roupa”, “num” estudo direito. Sei lá, ela nem vê porque trabalha o dia todo. Acho que é amor, cuidado, sei lá...

Perguntamos o que é amor pra ele:

É cuidar do outro. Minha mãe faz isso do jeito dela. E aqui no Projeto também me sinto cuidado.

Não consegue dizer para a mãe que esta trabalha muito, só tendo tempo para dar ordens e cobrar tarefas, principalmente dele. Carlos já sabe que mesmo se deprimisse como a irmã, nada mudaria. Há uma gritante falta de um olhar para esse jovem que vai “pedir” isso para as pessoas que estão no *Projeto Social*.

Quanto ao trabalho, ele afirma que é muito importante ajudar financeiramente em casa.

Sei que isso aí é “passagêro”. Não tem nada a ver com o que vou fazer no futuro. Mas eu adoro porque eu converso com as pessoas e

estou menos tímido. Sinto que aqui na Legião confiam em mim e no meu trabalho.

Com o trabalho de vendedor de cartões de Zona Azul nas ruas da cidade, ele percebeu que é algo provisório, nada profissionalizante, porém afirma que conversar com as pessoas ajuda a lidar com a timidez. Não cogitou a hipótese de trocar de trabalho porque adora ficar na rua, encontrando e conversando com as pessoas. Isso promove uma vida que ele não tem nem em casa e nem na escola.

Ele sempre viu o *Projeto Legião Mirim* como uma agência de empregos, mas participou de cursos oferecidos pela Instituição, como teatro e esportes para tentar diminuir sua timidez. Essa “timidez” sempre realçada por Carlos é uma forma de nomear suas inseguranças referentes à adolescência. O trabalho, as pessoas que ele tem ligações mais afetivas no *projeto* são consideradas importantes por ele para melhorar sua auto-estima.

Com o dinheiro de seu trabalho, ele ajuda a mãe, compra seus tênis, roupas, comprou uma nova bicicleta, e agora deseja um celular. Faz parte do mundo do consumo capitalista, mas de uma forma não tão voraz. Mais do que comprar, o jovem valoriza os bons momentos com os poucos amigos e pensa muito na capacidade de construir uma identidade com mais segurança e menos timidez.

De acordo com as idéias de Outeiral (2001), Carlos pertence a esse grupo de adolescentes de camadas populares onde a adolescência é iniciada muito cedo e termina prematuramente, pois jovens são lançados na experiência social adulta, como o trabalho para ajudar no sustento familiar.

Carlos e a adolescência

Ao ser questionado sobre o que é ser adolescente, Carlos assim se pronunciou:

Acho que sou adolescente. Mesmo trabalhando não acho que sou adulto. Sou inseguro e tenho muitas “dúvida”. Adolescente é algo diferente de criança e de adulto. Acho que a adolescência, sei lá... vai até os vinte anos. Sei lá... Minha irmã tem 23 anos. Acho que ela é uma adulta doente, deprimida. A gente precisa de tempo para crescer, né?

Conclui-se que Carlos se considera um adolescente porque não é mais criança; contudo, ainda não é um adulto. Acrescenta-se, ainda, a adolescência compreendida como uma determinada faixa etária:

Adolescência tem ligação com a idade. Acho que é dos 12 aos 20 anos. Sei lá... Uma coisa eu sinto. Preciso de tempo pra crescer, pra pensar em quem eu sou e o que vou fazer da vida.

Como nos fala Rappaport (1993), o jovem deveria estar engajado num processo de construção do próprio saber acerca de si. Trata-se de organizar novos lugares subjetivos e ter a capacidade de fazer escolhas mais organizadas do ponto de vista psíquico.

Ele se sente inseguro para tomar decisões, para lidar com o seu corpo que se modifica, com as questões da sexualidade, entre outras. Para ele a adolescência é uma faixa etária que vai dos doze anos até os vinte. Sua irmã com 23 anos é considerada por ele como uma adulta doente, com problemas e nada responsável. Achou uma pergunta difícil de ser respondida, pois na verdade tudo isso pode variar de acordo com a personalidade das pessoas. No entanto, a idade cronológica é uma referência. Mesmo sabendo que existem adultos irresponsáveis, com condutas adolescentes, como as de beber muito, não ter responsabilidades, eles são vistos como adultos com problemas e não como adolescentes.

Ele se acha adolescente porque é inseguro e tem muitas dúvidas, principalmente em relação ao seu futuro. Acha também que adolescentes precisam de um adulto para orientá-los a pensar na vida e nos problemas gerais. Dilemas como, arrumar um emprego ou fazer faculdade. Ou os dois. Saber escolher o que fazer. Ele não se acha capaz de pensar nisso sozinho, o que não significa que seja outra pessoa que irá decidir por ele. Apesar da timidez, Carlos relata que já namorou, mas nunca transou. Precisa se sentir mais seguro com uma garota, precisa se sentir amado. Ele afirma que os amigos fazem piadas com a sexualidade, não acredita em muitas histórias que eles contam sobre o número de transas e que há uma banalização da sexualidade.

Acho que eu vou saber quando vai ser um momento legal pra transar com alguém. Não farei isso pra agradar meus amigos e nem vou "saí" por aí "contano" pra eles.

Carlos e o futuro

Quanto ao futuro, Carlos pensa em fazer faculdade, não porque goste de estudar, mas pelas possibilidades de emprego.

Vou estudar pro vestibular (risos). Eu quero fazer faculdade não porque gosto de estudar (risos). Sei que pra ter um trabalho melhor tenho que encarar estudar. Sei que é difícil arrumar um bom emprego, sei lá. A faculdade pode me “ajudá” com um emprego. Preciso ajudar minha mãe mas vou “te” que “fazê” uma particular, né? Trabalho de dia pra estudar à noite.

Ele sabe das dificuldades em se obter trabalho quando não se tem qualificação. Tem noção da realidade do mundo. E quando o assunto começa a ficar, digamos, muito voltado para a realidade, o adolescente começa a falar de sua infância. Sente saudade da vida sem cobranças, de soltar pipa, conversar com os amigos, relatando que não era tímido como hoje. Ao crescer foi percebendo as brigas dos pais, as mudanças sofridas com a puberdade, a timidez avançando. Logo após esse relato ele fala sobre o espaço tranquilo do *projeto*. Embora tenha que trabalhar, seja cobrado para participar das atividades, ele se sente acolhido num ambiente onde as pessoas estão preocupadas em ajudá-lo de alguma forma. Ele sempre freqüenta a sede da Instituição, mesmo sem nenhum compromisso formal por lá. Parece um espaço de lazer, como ele nos descreve.

Sinto saudade da infância, de só brincar, não ter responsabilidades. Isso muda pra todo mundo. Mas aqui no projeto eu faço amigos, a gente brinca, ri mesmo com as responsabilidades do trabalho e das atividades.

Pensa em trabalhar e pagar uma faculdade como a única possibilidade de futuro, levando em conta sua realidade social. Não pensa no que deseja fazer, mas sabe que precisa ganhar dinheiro para ajudar a mãe. Há um sentimento de amor e ao mesmo tempo de pena em relação à mãe.

Preciso ganhar mais dinheiro pra ajudar minha mãe. Ela não é velha, tem só 47 anos, mas está cansada de trabalhar como faxineira. Não vai ganhar mais do que ganha agora.

Ele ainda tem uma perspectiva em relação ao futuro que não enxerga nos pais e muito menos na irmã de 23 anos. Ao mesmo tempo, sabe dos seus limites em relação ao estudo e pensa no máximo em fazer uma faculdade particular na cidade.

Carlos e os valores

Em relação aos valores, o adolescente nos falou bastante sobre a honestidade e a amizade. Para ele são qualidades importantes que possui e as pessoas não. Dessa forma, Carlos se sente superior a muitas pessoas da sociedade que são desonestas, não se preocupam com o outro, mentem ou ganham dinheiro de forma desonesta para melhorar o que ele denominou de “posição social”.

A amizade e a honestidade são valores que eu tenho e os outros não. Valorizo o homem honesto como meus pais são. E acho que falta amigos para todos. Acho importante que a gente cuide da amizade. A gente precisa de amigos e muitas vezes não acha. As pessoas estão bem sozinhas.

Segundo La Taille (2009) jovens podem escolher valores como a humildade e a fidelidade, ou como Carlos, a amizade e a honestidade justamente por serem “antídotos” a uma cultura individualista e sem ética. Ao ser questionado sobre estudo e dinheiro, o primeiro apenas foi valorizado como meio para conseguir a estabilidade financeira que deseja. Os pais não estudaram ou não tiveram a oportunidade de estudar, o que permite com que ele tenha a certeza de que com o estudo as coisas possam ser melhores do que os empregos que os pais conseguiram.

O estudo é pra conseguir um pouco mais de dinheiro. Mas não quero muito. Quero apenas ter uma vida mais confortável e ajudar minha família. Ninguém precisa de muito dinheiro.

Não teme ficar desempregado, pois sabe que subempregos existem, principalmente em uma cidade como Assis. Teme não conseguir terminar a faculdade e melhorar sua vida com um bom emprego. Teme, também, ficar só, sem família, sem amigos. Mas isso é algo que ele já sente. Por isso prima pelas amizades e continua no *Projeto*. Com o pai fora de casa, bebendo, com a mãe só trabalhando

e não tendo tempo para ele, com uma irmã deprimida, seu lugar preferido é a sede da Fundação e a Lan House. Tem poucos amigos, alguns deles conquistados no trabalho.

Ao final das entrevistas, quando perguntamos sobre a dificuldade em responder alguma pergunta, ele afirma que teve porque nunca havia pensado em questões como: ser adolescente ou adulto, sobre o futuro e até sobre a sexualidade.

Pensamos que esse jovem necessita de espaço para ser escutado. Ao conversarmos sobre a amizade, Carlos toca no tema das drogas. Relata que tem muitos amigos que fumam cigarro e maconha, bebem... Já foi convidado a experimentar e não quis, talvez por medo e foi respeitado em sua decisão. Embora queira diminuir sua timidez, ele se recusa a pertencer a um grupo que não respeita sua posição. Ele poderia, talvez, experimentar as drogas para se sentir de fato pertencente ao grupo. E fala que “essas pessoas estão perdidas, não sabem o que fazer na vida. Usar droga é coisa de quem tem cabeça fraca.”

Parece que é assim que o jovem percebe o pai alcoólatra. Também percebe que a *Legião Mirim* não possui bons empregos, que é algo provisório em sua vida, assim como a adolescência. Pensa que o mundo passa por mudanças, que as pessoas não se preocupam mais com as outras; conta um caso do vendedor de tomate que caiu no chão, morreu e ninguém tomou nenhuma providência. Depois de muito tempo é que foi aparecer o resgate. Carlos ficou assustado com a falta de preocupação do ser humano para com o outro. Ele indaga “peço ajuda porque sou um coitado ou porque sou um ser humano? Precisamos sim de apoio pra crescer, somos humanos e não coisas ou números”.

Ganhar dinheiro para Carlos só é importante se ele puder ajudar sua família. Ele conserva os vínculos familiares como algo que dá sentido à sua vida. Deseja pagar um tratamento para o pai, possibilitar uma velhice melhor para a mãe, ajudar a irmã e adquirir bens para garantir um pouco de estabilidade econômica em sua vida. O jovem se vê no futuro, trabalhando e fazendo faculdade, ainda que tema não conseguir terminar os estudos por causa de alguma dificuldade financeira. Precisa de muito estímulo para gostar de estudar. No entanto, há planos e tentará realizá-lo.

Resumindo sobre o que ocorre com Carlos

Carlos nunca se sentiu seguro e estimulado principalmente em relação à escola. Pelo contrário! Sempre teve a sensação de que passava de ano mesmo sem saber ler. Sua insegurança só aumentou. Isso sim é um exemplo de “assistencialismo”: vamos passar o coitado já que ele não consegue. E por que não o ensinaram a conseguir pelo seu próprio esforço?

Quanto à família, a mãe que tenta ocupar funções paternas e maternas só consegue cobrar o filho como se ele fosse um robô para cumprir tais e tais atividades. Porém, Carlos interpreta isso como uma forma de amor. Ele precisa se ligar à mãe, uma figura para se identificar, mais forte que o pai e a irmã mais velha. Quando fala do pai e da irmã, diz que tem sono. Precisa fugir da realidade dura destes sentimentos. Mas, ele não o faz.

Com todas as limitações da Instituição, este foi um caminho encontrado por Carlos para lidar com sua vida, com sua timidez e pensar no futuro como uma possibilidade mais interessante do que aquela que ele percebe em casa e na escola com os amigos.

Concluimos que este adolescente é muito sensível em relação aos problemas enfrentados por sua família e pela humanidade. Ele busca construir uma identidade própria e a passagem pelo *Projeto* foi importante para o seu crescimento, segundo as palavras do jovem.

De acordo com Calligaris (2000), a insegurança é um traço próprio da adolescência. Em Carlos percebemos que ele perde a segurança de um amor que já foi garantido à criança – Carlos. Por isso a nostalgia da infância. A adolescência é marcada pela fragilidade de auto-estima que talvez possa ser resgatada pela confiança dos adultos em relação ao seu trabalho. O que as pessoas do *Projeto* lhe pedem? Que tenha responsabilidades em relação ao trabalho e pense no futuro. Pedem o mesmo que a mãe, porém a diferença está no fato de que oferecem a oportunidade para a mudança, para ser escutado, basta que ele deseje.

Aparentemente, ele é bem passivo, mas será? Ele luta pela vida ao tentar amenizar a timidez e a insegurança tentando trabalhar ou fazer teatro e não usando drogas como os amigos.

Luta para fazer parte de um grupo, de uma representação de um espaço familiar – *Projeto Legião Mirim*. Com aquela voz baixa, fala sem parar, se expressa com toda sua sensibilidade em relação ao mundo. Carlos é um jovem que sempre encontrou muitas dificuldades em seu percurso de vida, não conta com o

apoio dos pais, da irmã, não tem namorada, tem poucos amigos, não gosta de estudar, mas tem um desejo de mudar. Deseja conseguir se interessar mais pelos estudos, deseja ser menos tímido, deseja viver mais “livremente” como ele dizia. Pensamos que poderia ser algo como: viver “livre” de uma tristeza em relação à sua história, resgatando a vida psíquica.

7.2 ADOLESCENTE MARCOS

Marcos está com 16 anos, é o filho caçula da família, está no terceiro ano do Ensino Médio e deseja fazer Odontologia em uma Universidade Pública. Seu pai é agente penitenciário, tem 44 anos e está afastado do trabalho por causa de uma doença crônica - diabetes. A mãe, também com 44 anos é diarista e segundo o entrevistado, trabalha muito para sustentar a família. O irmão mais velho tem 22 anos, mora em Londrina, faz faculdade de Educação Física. O irmão de 18 anos terminou o Ensino Médio, trabalha e pretende cursar Psicologia.

A família parece valorizar o estudo dos filhos. O pai é descrito como um sujeito mais fraco do que a mãe, uma incansável diarista. Não pode adoecer, nem ser cuidada, não tem tempo para os filhos e é supervalorizada pelo seu esforço em ganhar dinheiro.

Durante a primeira entrevista ele reclama que trabalha em período integral, estuda à noite. Gostaria de trabalhar apenas por meio período para voltar a estudar de manhã porque o ensino é melhor.

Na verdade eu queria só estudar, fazer um bom cursinho pra entrar na faculdade de Odontologia. Mas meus pais precisam do dinheiro do meu trabalho e acham que eu sonho demais. Será que eu não posso fazer Odonto?

Ao ser indagado sobre a possibilidade de lutar pelo seu desejo de trabalhar menos ele responde:

Eu posso? Vou conversar lá no trabalho e na Legião Mirim. Gostaria muito de estudar só de manhã, ter tempo à noite pra descansar, pra ficar com os meus pais, pra namorar.

Já na segunda entrevista Marcos resolveu alguns problemas. Estava trabalhando à tarde e estudando pela manhã. Estava muito feliz com o que conseguiu. Parece um jovem decidido, priorizou o estudo, pensou muito no futuro. O adolescente não ficou apenas reclamando da sua “pouca sorte”, ele agiu, transformou a situação que o incomodava. Poderia só reclamar e não resolver o problema, mas não o fez.

Em relação à vida afetiva, namora há um ano uma garota da escola e usa uma aliança de compromisso. Tímido como a maioria dos jovens ao falar sobre a vida afetiva e sexual. Mas ele não parecia tão envolvido com este aspecto da vida humana. Carlos sempre falou mais sobre os estudos e o trabalho. O “ficar” não faz parte da vida deste adolescente.

Tenho usado aliança, o que não quer dizer que vou casar agora. Primeiro quero estudar, ter dinheiro. Ela precisa pensar no futuro dela independente de casamento.

Apesar da aliança de compromisso, Marcos não pretende se casar e pensa na maturidade da namorada. O jovem relata dois episódios bem interessantes para pensarmos como é a sua vida e o que está enfrentando. O primeiro caso se relaciona com a vida profissional. Ele relata que o seu gerente pratica pequenos furtos e todos na empresa sabem e ninguém faz nada. Marcos também decidiu se calar embora ache um absurdo como uma pessoa de confiança dos patrões possa roubar tanto.

Nesse trabalho de office-boy aprendi coisas de banco que eu não sabia. Aprendi a lidar com dinheiro e descobri que nunca vou ser ladrão. Preciso desse dinheiro pra ajudar meus pais, mas é triste ver isso no trabalho e não poder fazer nada. Acho que fico com medo como meus colegas. Temos medo de perder o emprego e dos patrões não acreditarem na gente. O gerente é alguém poderoso e amigo dos chefes.

Marcos fala de temas importantes como a injustiça, a traição, a impotência do empregado pobre. Ele sofre com essa situação.

Outro episódio a que nos referimos está relacionado com a vida familiar do rapaz. Ele relata que sempre tiveram que mudar de casa porque moram na periferia onde há muitos bandidos e o pai é agente penitenciário. Por várias vezes sua casa foi metralhada por criminosos. Mais uma vez temos o tema da impotência. O que fazer se a polícia não tem como protegê-los?

No último ataque a gente “tava” assistindo TV na sala, daí começou o tiroteio (pausa). A gente abaixou, rezou e passou. N’outro dia nos mudamos.

A família é evangélica. Marcos conta que são bem unidos, a fé ajuda a ter força para lutar porque “a vida não é fácil”. Parece que a união familiar fortalece a identidade desse jovem. Ele lida de uma forma madura com a realidade, com os sonhos e os desejos pessoais.

De acordo com Costa (2006) fenômenos como a falta de trabalho e o enfraquecimento moral das autoridades afetam os adolescentes, a ponto de levá-los a uma situação de desamparo psíquico. E nessas horas de aflição Marcos conta com o apoio familiar, a religião, a relação com os amigos e a namorada para se equilibrar emocionalmente.

Para Marcos o *Projeto Legião Mirim* representa a possibilidade de arrumar um emprego. Ele relata que nunca foi informado sobre as outras atividades na Instituição.

Sugiro que eles nos informem melhor. Gostaria de participar de atividades mais divertidas como cinema, leitura e essas que você citou.

Com o trabalho ele aprendeu a ter responsabilidades porque lida com dinheiro. Parece que ele não gosta muito do trabalho porque este representa o que o impediu de estudar conforme seu desejo. Pensamos que o jovem projeta a raiva que sente dos pais que não o ajudam em seu sonho de ser dentista. Ele é inteligente o bastante para participar das atividades da Fundação por sua conta e não por falta de informação. Sempre foi reservado ao comentar ou criticar qualquer atividade da Instituição.

De acordo com as pesquisas de Diório e Gomide (2004), o Brasil tem sido apontado como um dos países com menor nível de escolarização do mundo: entre 71 milhões de brasileiros a média de escolarização gira em torno de 3,8 anos. Entre as variáveis que provocam a evasão escolar estão a repetência e a necessidade do aluno auxiliar no sustento familiar. Os autores avaliaram o “Programa Bom Aluno” em Curitiba - PR investigando a relação entre escolarização e a profissionalização. Este projeto é uma iniciativa de empresários paranaenses onde jovens carentes da rede pública são inseridos no primeiro emprego e fazem cursos de línguas, computação, entre outras atividades. Eles concluíram que o programa teve um efeito positivo quanto ao acompanhamento de alunos sem a interrupção dos estudos, quer por abandono ou reprovação, mostrando que uma boa

parte de estudantes chegou ao nível de ensino superior em instituições públicas como a UFPR e CEFET. O programa conseguiu inibir a evasão escolar e a baixa qualificação profissional.

Talvez, o *Projeto Legião Mirim* possa rever seus conhecimentos sobre a construção de um modelo mais interessante de intervenção, para que jovens como Carlos – que valorizam o estudo – possam aproveitar melhor as atividades oferecidas por um projeto social.

Marcos e a adolescência

Para Marcos ser adolescente é não ter responsabilidades, é ficar mais livre, mas isso dependerá da criação que a família dá para o jovem. Ele enfatiza a importância da educação oferecida pelos familiares.

Acho que adolescentes como eu podem ser responsáveis e honestos. Mas queria que fosse uma fase mais livre de compromissos como o de ajudar em casa. Adolescente devia só estudar. Francy, acho que o meu irmão de 20 anos que faz faculdade ainda é adolescente, sabe?

Ao ser questionado sobre quando e como se sai da adolescência ele nos responde:

A adolescência pra mim é uma fase onde a pessoa está conhecendo a vida, pode trabalhar, mas tem que curtir um pouco. Tem uma fase mais avançada que é a de ser adulto (pensativo). Adulto é a partir do momento em que conseguimos tomar conta da gente com maturidade. Não está ligado à idade e nem ao dinheiro. Parece uma segurança das emoções, ter certeza do que decidir, saber pro futuro, isso leva tempo, né?

Essa definição tem ligação com o crescimento psíquico do adolescente. Segundo Rappaport (1993), os jovens deveriam estar engajados num processo de construção do próprio saber acerca de si. Eles deveriam, dessa maneira, serem levados à reflexão, com a finalidade de trabalhar suas identificações. Trata-se, ao agir assim, de organizar um novo lugar subjetivo do ponto de vista psíquico. É o que o adolescente Marcos tenta fazer – dar sentido à sua vida. Mesmo com as dificuldades e o não apoio dos pais em alguns aspectos da vida do jovem, ele tenta

lutar pelos seus desejos. Ele tem consciência das dificuldades que enfrentará, porém seu desejo é mais forte.

Marcos e o futuro

Ao ser questionado sobre o que pensa que estará fazendo daqui a cinco anos ele diz:

Morando em outra cidade, fazendo faculdade de Odonto, depois quero trabalhar para comprar uma casa, um carro, ajudar minha família. O futuro será difícil. Acho que as coisas irão piorar. A gente vai ter mais violência, menos empregos e outros problemas da vida atual. Tenho que escolher um bom caminho e lutar.

Marcos não desistiu de lutar por seus sonhos, mesmo enfrentando dificuldades.

Figueiredo (2006) nos fala sobre a saída da adolescência e a importância dos jovens não se prenderem nos limites da mesma no que esta apresenta como sofrimento e criar uma vida de esperanças, de mobilidade e de alegria.

Marcos e os valores

Quanto aos valores ele selecionou alguns na seguinte ordem: inteligência, amizade, honestidade, beleza e generosidade. Acha que são qualidades que muitas pessoas não possuem. Ao explicar sobre os valores escolhidos houve uma fala diferente:

Ser generoso é dar sem pedir nada em troca. E quem faz isso? Acho que das qualidades que eu citei sou amigo, honesto e inteligente. Não tenho beleza e não sei se sou generoso.

Pensamos em seus pais que exigem que Marcos trabalhe e não o deixam apenas estudar. Será que eles não podem ou não acreditam que o filho possa ser dentista?

Ele nos fala sobre a relação entre o dinheiro e o estudo.

O dinheiro é mais importante porque com ele podemos pagar os estudos.

Está tão chateado por trabalhar e não estudar apenas que não percebe que o estudo para ele tem um valor enorme.

Marcos tem medo de envelhecer e não ter amigos. Gostaria de mudar o status social das pessoas no mundo. Diz que o equilíbrio de rendas entre as pessoas seria uma solução para os problemas.

Ao ser questionado sobre o que é mais importante para ser feliz, responde:

A saúde. Sem ela não podemos ter outras coisas. Os valores mais importantes pra mim é a amizade e a honestidade.

Ao final das entrevistas Marcos disse que foi muito difícil pensar sobre tudo isso. Nunca havia parado para pensar sobre o ser adolescente, sobre o futuro e os valores. Achou que não poderia mudar os horários de trabalho e de escola.

Birman (2006) alerta para o fato de não confundirmos limites com limitações. É necessária a confrontação do sujeito com os limites e com o desamparo. Todavia, algo deve ser oferecido em troca, como o desejo e uma esperança na construção de um futuro. Acreditamos que o sujeito ao ser limitado tomará consciência dos seus desejos, ou, melhor, de que somos seres incompletos. Isso não significa que as pessoas deixarão de continuar buscando sentido para suas vidas.

Avaliamos que começar a se questionar já implica uma castração simbólica, no sentido de tentar fazer novas significações, novas elaborações. Com isso, limites serão reconhecidos e transformados em algo vivo e produtivo.

Resumindo sobre o que ocorre com Marcos

Marcos é um adolescente muito frustrado com a situação da sua vida. Em relação à família o que os “une” é o que ele chama de religião em um sentido superegóico, porque ele fica bem chateado com a postura dos pais acharem que ele sonha demais quando pensa em ser dentista ou quando ninguém faz nada para evitar que sua casa seja sempre metralhada. Falamos em *superego* como uma instância psíquica da personalidade cujo papel é o de um censor e protetor do *ego*. Isso em excesso pode fazer com que o sujeito sofra bastante.

Com a escola ele lamentou muito ter que estudar à noite e trabalhar durante todo o dia, porque o ensino é pior do que no período da manhã, segundo Marcos. No entanto ele conseguiu reverter essa situação, trabalhando apenas no período da tarde e voltando a estudar pela manhã. Ele adorou a mudança, só que os pais sentiram falta do salário do filho, que obviamente diminuiu. Marcos sempre desejou essa mudança, mas temia pela reação dos pais e sentimentos ambivalentes foram surgindo como o amor e o ódio em relação aos pais. Na maioria das vezes essas relações são conflituosas porque provocam revivências edípicas.

Quanto ao *Projeto Legião Mirim* ele não se deu a chance de conhecer melhor as atividades culturais ou mais lúdicas. É um jovem tão “rígido”, o que para a psicanálise significa um sujeito com o *superego* bem severo. E nos parece que ele se defende de alguns sentimentos usando defesas como a religião. Birman (2001) relata que a religiosidade nas classes mais populares assume uma dimensão gigantesca, nas quais as formas “messiânicas” de salvação são buscadas ardentemente.

Portanto, se o Estado e a sociedade brasileira não reconhecem os direitos básicos de cidadania das classes populares, estas vão buscar com volúpia nos deuses a possibilidade de serem reconhecidas como sujeitos. Enfim, o encantamento pelo mundo⁷ é a única possibilidade que ainda resta para as classes populares recuperarem a dignidade e serem reconhecidas como sujeitos. (BIRMAN, 2001, p.286,287).

Pensamos que Marcos precisa voltar a se “encantar pelo mundo”. Ele fala muito em ser “mais livre de compromissos”, de “curtir um pouco”, mas concluímos que essa dificuldade está mais relacionada com as questões psíquicas do que com a realidade da sua vida. Para Mezan (2002) a adolescência é uma realidade psicossocial, construída por diferentes elementos, de natureza biológica (puberdade), social e psicológica. A problemática da adolescência entra em conexão com o rearranjo das identificações, como por exemplo: “quem sou eu?”, por isso é concebida como um “processo estruturante”, afetando a vida psíquica na área da auto-imagem e da esfera das relações. Para o autor tentar viver novas modalidades de vínculos, questões éticas, novas possibilidades de lidar com a frustração é um

⁷ Weber, M. *Économie et société*. Paris, Plon, 1971; Weber, M.L. *Éthique protestante et l'esprit de capitalisme*, Paris, Payot, 1964.

aspecto importante para o crescimento psíquico de um jovem. No nosso ponto de vista, Marcos se encontra nesse momento de crescimento.

7.3 ADOLESCENTE JOÃO

João tem 17 anos, é filho único e entrou no *Projeto Legião Mirim* para conseguir um emprego. Como ele disse “um homem de 15, 16 anos quer sair com os amigos e precisa de dinheiro”. O seu pai tem 39 anos, é técnico ambiental, sua mãe tem 34 anos, é telefonista em uma faculdade da cidade e acabou de terminar o curso de psicologia. Ele trabalha em uma faculdade particular da cidade, tirando fotocópias. Acha que é um bom “bico” porque pode pagar o seu curso de inglês e espanhol. Sente-se mais valorizado no emprego quando é chamado para outras funções na secretaria da referida faculdade, que não é a mesma na qual a mãe é funcionária.

Relata uma infância de muitos amigos e brincadeiras e que o papel da amizade na sua adolescência é bem importante porque os amigos são os grandes confidentes, mais do que os pais. Ele tem amigos na escola, no bairro em que mora, mas poucos amigos no *Projeto*. Fala do seu maior medo: fazer 18 anos, decidir o futuro e perder os amigos de escola. Essa cobrança é feita por dele e não pelos pais. Fala o seguinte:

Minha mãe diz que sou novo pra decidir, posso fazer um curso técnico e depois a faculdade. Mas tem um lado ambivalente na minha cabeça – tipo o anjo e o diabo. O anjo me chama pra “crescê”, ter responsabilidade, escolher minha faculdade. O diabinho me puxa pra infância, pras brincadeiras sem compromisso. Sei que não dá pra voltar e nem quero. Pensar no futuro, no foto-jornalismo me dá muito prazer, é muito legal...

João fala que quando comprou sua primeira máquina fotográfica, seu mundo mudou, as coisas e pessoas passaram a ter um novo significado através da sua lente. Gosta de fotografar a natureza e pessoas, adora falar, escrever e pensa em ser jornalista. Comenta que não gostou das mudanças sobre o diploma de jornalista, acha que a profissão ficará desvalorizada. Ama fotos e história, mas jamais seria um fotógrafo e muito menos professor de história. Sabe o que não quer fazer. Porém, tentará o vestibular em três cursos: Curso técnico do meio ambiente,

História e Jornalismo. Ser técnico seria pela facilidade de arrumar um emprego que garanta uma renda para morar em outra cidade e fazer uma boa faculdade de Jornalismo.

Ele relata que no bairro e na escola há muita violência. E fica indignado com a falta de conhecimento político dos jovens:

Nesses tempos modernos ninguém respeita os pais, ninguém fala das loucuras do senador Sarney. O povo está apático, os jovens muito mais. Acho que sendo jornalista posso denunciar muitas coisas, ajudar a sociedade a se educar e se expressar. Cada um fazendo sua parte para um todo.

Investigamos sobre o que ele acha que está acontecendo com o mundo e com as pessoas:

Acho que a cultura deixou as pessoas mais egoístas. Os vizinhos não são mais amigos porque eles podem ser até bandidos. E vejo que o vínculo afetivo entre os familiares é bem ruim ou não existe. Acho que sou um jovem feliz porque tenho pais que me amam e estão presentes na minha vida, se interessam pelo que eu faço. Mas não sei explicar quando alguém tem isso e perde a cabeça com drogas ou não deseja fazer nada na vida. Não sei mesmo.

Um termo muito utilizado por João foi o “luto”. Teme o luto que será quando se afastar dos amigos, for morar em outra cidade, ou mesmo por aqui, cada um seguirá um caminho. Perguntamos o que é luto pra ele:

Falo isso porque minha mãe gosta de psicologia e até sabe algumas coisas. Luto é um tipo de tristeza que sentimos quando perdemos alguém ou alguma coisa querida. Deixar de ser criança é um luto, passar de adolescente e ficar adulto deve ser aquele luto!

Embora fale em luto ele parece bem preparado para essas etapas da vida. Aliás, só o fato de verbalizar seus sentimentos já faz com que ele elabore muitas angústias.

Ele revela que procurou o *Projeto Legião Mirim* principalmente para conseguir um emprego, mas algo que não atrapalhasse seus estudos no período da manhã:

É um projeto que encaminha os jovens para o seu primeiro emprego. Sei que oferece alguns cursos e atividades culturais. Estudo no período da manhã e trabalho no final da tarde na faculdade. Não dá

para participar do que oferecem, já faço inglês e espanhol. Mas acho que o projeto oferece espaços para discussão de vários temas o que é ótimo para os jovens. Eles promovem debates e pretendem ser um espaço de treinamento profissional. Isso pode ser legal, mas falta muito para conseguirem atingir esse objetivo – de ser profissionalizante.

João relatou que onde trabalha já passaram outros jovens da *Legião*, houve reclamações porque eles não chegavam “treinados”. Mas ele sabe que o objetivo do *projeto* não é o de treinamento porque não há profissionais para isso, e seria a empresa que contrata a responsável pelo tal treinamento. Percebemos que esse comentário, na faculdade, fez com que João se sentisse um jovem diferenciado dos outros que não foram tão elogiados.

Fui aprendendo na marra. A menina que ia me treinar não estava nem aí. Tive que me virar sozinho. Por um lado é legal, superei obstáculos, mas por outro, percebo o egoísmo das pessoas e o velho lema do “vire-se como puder”. Complicado... Mas tem uma coisa que eu gosto muito no projeto. Eles nos escutam, tentam entender o que queremos dizer quando reclamamos de algo ou pedimos alguma coisa. É um espaço que nos acolhe.

Ele fala que jamais iria trabalhar na Zona Azul porque isso atrapalharia os seus estudos e não iria contribuir para o seu crescimento. Para ele esse é um emprego somente para quem precisa de dinheiro para ajudar os pais, sendo que muitos jovens se encontram nessa situação. Perguntamos se ele acha o *Projeto* assistencialista.

Penso que o assistencialismo como as Bolsas isso ou daquilo talvez não ajudem. É aquilo de ensinar a pescar ou dar o peixe. Mas tem gente que passa fome, outros se aproveitam do assistencialismo, depende do caráter da pessoa. Não acho o Projeto Legião Mirim assistencialista. Eles te ensinam a pescar. Só vai para o emprego quem merece ou fez os cursos. Ainda não é profissionalizante, mas lá eles nos estimulam a lutar, valorizam nosso estudo e esforço.

João e a adolescência

Conversamos sobre o que é ser adolescente:

Sou um adolescente que vive uma fase de transição entre o ser criança e o ser adulto. Mas não acho que tem uma idade específica. Isso vai depender do desenvolvimento de cada um porque tem adultos que parecem adolescentes. Bom, acho que primeiro tem o lado físico, das transformações do nosso corpo e como! (risos).

Temos que lidar com a tal da puberdade, com a nossa sexualidade. E depois tem o lado mais psicológico que significa o tempo das nossas escolhas profissionais, do primeiro trabalho. Isso não é simples de enfrentar. É bem complicado.

Tentamos investigar mais o que ele quer dizer com isso de “complicado” na adolescência:

Quero dizer que não é fácil enfrentar todas essas mudanças que acabam por definir nosso futuro profissional e pessoal. É hora de decisão, não tem jeito de escapar. Por exemplo, eu acho que adolescentes não deveriam ter filhos ou serem o arrimo de família. Eles deveriam ter um tempo pra fazer escolhas próprias dessa fase, como a profissão. Não temos maturidade psicológica para sermos pai.

Ele nos relata quando e como saímos da fase de ser adolescente:

Não é pela idade. Isso acontecerá de acordo com o amadurecimento emocional, quando me sentir mais seguro com minhas escolhas profissionais e pessoais. É tipo assim, Francy, é quando chegar o momento de maior segurança e maturidade. É uma fase difícil, mas há o lado bom que é o namoro gostoso, os amigos, as primeiras paqueras.

Enfim, João definiu a adolescência como uma fase de transição que não depende da faixa etária e sim do desenvolvimento emocional.

João e o futuro

Ao ser questionado sobre o futuro ele nos fala imediatamente no Jornalismo, no sucesso profissional:

Espero que daqui a cinco anos eu esteja fazendo uma faculdade de Jornalismo. E um grande sonho é conhecer o Deserto do Jalapão, em Tocantins. Vi uma expedição por esse deserto no Globo Repórter e me apaixonei pela diversidade biológica, pelo povo que vive nessa região, pela história do lugar. Esse é um sonho que nem precisa de tanto dinheiro assim, sei que um dia conhecerei.

Ele também faz comentários sobre o futuro da sociedade:

Fico preocupado com o futuro do mundo, da nossa sociedade. Acho que o povo tem que se unir mais para lutar pelas questões mais

coletivas como a preservação da natureza, a desigualdade econômica entre as pessoas. Acho um horror o que acontece na nossa política, naquele Senado, por exemplo.

Ele nos fala sobre as maneiras pelas quais podemos ajudar a melhorar esse futuro:

Unindo pessoas para lutar por causas mais sociais, estudando mais para com a nossa profissão contribuirmos para construir uma sociedade melhor. Tendo família, amigos, cuidando de um equilíbrio em nossa vida para termos força para lutar pelo social.

João e os valores

Indagamos sobre o que ele pensa a respeito dos seus próprios valores e os da sociedade:

Bom, eu entendo como “valor” aquilo que nós valorizamos como sendo uma coisa boa para nós, sem prejudicar o outro. A amizade, o amor pela família, pelo estudo e pelo trabalho são valores pra mim. A religião também é importante. Mas acho que a maioria das pessoas valoriza muito o dinheiro, o consumismo.

Ao abordarmos o que é consumismo para João ele nos apresenta suas opiniões:

Acho que consumismo é um excesso do comprar e nunca estar satisfeito. Eu gosto de consumir, mas com limites. A questão é essa – o limite. Se eu ganhasse na loteria eu iria ajudar algumas instituições como a Legião Mirim, a minha família, investiria nos estudos e realizaria alguns sonhos como ir para o Jalapão.

Ele falou sobre a importância do dinheiro e do estudo e sobre os medos que ele tem na vida:

Eu tenho certeza de que o estudo é mais importante do que o dinheiro porque o conhecimento ninguém tira da gente. E o dinheiro acaba, ou se perde de alguma forma. E com conhecimento e estudo nunca nos faltará o dinheiro, mesmo que seja pouco. Como já disse tenho medo de perder meus amigos da adolescência, tentarei conservar as amizades. Mas o que temo mesmo é ser injusto e desonesto, o que seria terrível. A violência, por exemplo, é uma forma de injustiça. Não gostaria dessas coisas na minha vida.

Para finalizar perguntamos o que ele precisa para ser feliz e o que gostaria de mudar nas pessoas:

Gostaria de mudanças políticas de verdade, de ter mais educação no país e no mundo, de ter mais igualdade econômica, de uma união do povo para melhorar tudo. Isso me faria muito feliz, mas tenho também meus desejos pessoais e individuais como ter saúde, ter minha família unida, estudar, entre tantas outras coisas. O que não me falta são desejos e idéias.

Estávamos para finalizar nosso último encontro e ele colocou questões interessantes sobre o que ele chamou de “pedagogia” e sobre o que pensou das nossas entrevistas:

Hoje vi uma reportagem no Jornal Hoje sobre um menino de 14 anos que fez uma pichação no muro pintado pelos próprios alunos da escola. Sei que ele estava errado, mas o que fizeram com ele foi terrível. A professora o chamou de delinqüente, ele foi ordenado a pintar o muro novamente de uma forma humilhante. Vi as cenas. Ele foi mostrado, acuado dentro de um boné como se fosse o pior bandido do mundo. Será que a professora e a escola não poderiam lidar com essa situação de outra forma? Ele poderia sim repintar o muro, mas deveriam conversar com o garoto, conscientizá-lo do que fez e entender o porquê daquele ato tão impulsivo. Falo isso porque achei muito bom esse espaço para pensar em questões que você foi me apresentando. Vou sugerir no projeto que possamos nos encontrar para debater temas variados sobre a adolescência e nosso futuro. Depois dessas entrevistas fiquei pensando no meu desejo e resolvi que vou tentar o vestibular direto para Jornalismo, é o que eu quero. Nunca foi tão bom pensar.

Esperamos que as idéias e desejos de João se realizem para o bem dele e da sociedade.

Resumindo sobre o que ocorre com João

João é um adolescente alegre, divertido, falante, bem humorado que quer conhecer o Jalapão. Não é nada egoísta, queria ter um irmão para dividir as angústias e alegrias da adolescência, gostaria de se casar e ter dois filhos depois da faculdade e de um bom emprego. Acha que os jovens que não “encontram bons caminhos” na vida não foram amados, ou foram mimados ou vieram de lares muito agressivos.

Em relação aos valores e à ética pensa que tudo isso só pode ser construído com elos afetivos, com o que nossa família e amigos julgam como sendo um valor.

João está conseguindo fazer o que Rappaport (1993) descreve como o adolescente engajado num processo de saber acerca de si. Ele tenta organizar o que a autora chama de “um lugar subjetivo para ter a capacidade de fazer escolhas mais organizadas do ponto de vista psíquico”. A alegria com os seus projetos de vida superam o que ele descreveu como o luto ao perder os amigos da escola ao terminarem o Ensino Médio.

Birman (2001) nos aponta que nas últimas décadas o ocidente presenciou a cultura do narcisismo contribuindo para um mundo centrado na individualidade e na impossibilidade de reconhecer o outro em sua diferença. Porém, o próprio autor acredita em novas maneiras de repensarmos o sentido de nossas vidas, principalmente, os adolescentes. Pensamos que João vive esse momento de construção da sua identidade que está em contato com o *socius* em geral.

Em uma visão mais freudiana, esse jovem tem conseguido construir novas identificações, buscando outros objetos amorosos que não são mais as figuras parentais e definindo a escolha profissional. Tem conseguido elaborar perdas específicas dessa fase, passando por processos de simbolização, de representação o que não intensifica sintomas como a angústia que ele relatou – o diabo ou o anjo – ser criança ou crescer; isso gera angústia.

7.4 ADOLESCENTE HELENA

Essa jovem de 16 anos de idade mora com a mãe e mais duas irmãs. Ela fala toda orgulhosa que é “a casa das quatro mulheres”. A mãe tem 39 anos, trabalha em uma loja de calçados na cidade e sempre cuidou de todas as filhas, sendo que cada filha tem um pai diferente e que elas não conhecem. Helena diz se orgulhar da força da mãe por ter superado vários fracassos amorosos e conseguir cuidar das filhas dignamente. Todas são muito amigas, religiosas e valorizam o estudo e a vida cultural.

Um amigo da mãe ligado à Secretaria da Educação sempre fez a função de um pai para aquelas meninas, sem ser o namorado da mãe, um “amigo-pai” como relata Helena. A irmã mais velha de 23 anos faz faculdade de Processos Gerenciais e é vendedora autônoma de sapatos. A outra irmã tem 21 anos, não gosta de estudar e trabalha com a irmã na venda de calçados. Helena nos fala de uma infância feliz, com muitas brincadeiras e atividades. Sempre gostou de música, circo, capoeira. A leitura, uma grande paixão surgiu há pouco tempo. Ela nunca quis saber quem é seu pai e relata que isso não a deixa triste ou melancólica. Atualmente ela toca violão, participa dos grupos de leitura no *Projeto Legião Mirim*, adora política, faz inglês e deseja participar de um programa para morar nos Estados Unidos - o “Jovem Embaixador”.

Helena é falante, sorridente, viva! Ao falar sobre o namorado e as questões da sexualidade ela diz:

A gente não tem essa preocupação com uma sexualidade precoce, da pra ter consciência do que é criar um filho e como podemos nos proteger de uma gravidez. Eu não tenho preconceitos com relação à história de minha mãe, que teve filhos muito cedo. Quando chegar a hora, meu namorado e eu vamos saber e definir nosso futuro. Tenho medo sim de ter filhos cedo, mas tem como me cuidar e pensar primeiro nos estudos e no futuro.

Ela tem muito orgulho da união e apoio da família. Acha que a família e a religião podem ajudar a enfrentar tantas dificuldades e sofrimentos:

Eu penso assim... Você é o espelho da sua casa. Somos aquilo que nos ensinam, porque minha mãe diz: não quero que trabalhe, quero

que estude. Isso pra mim significa um carinho, ela se preocupa com o meu futuro. Ela não teve oportunidade e quer que as filhas sejam alguém na vida. E a educação é primordial. Sou de uma família humilde, mas não ignorante como muitas pessoas por aí.

Helena teme um futuro como o da mãe, mesmo a amando e defendendo-se como pode para evitar o sofrimento por não conhecer o seu pai. Perguntamos sobre a sua relação com o homem que ela chama de pai:

Ele é mesmo um pai. Ele me liga todos os dias pra perguntar como estou. Para ele e minha mãe eu ainda não cresci. Sou muito cuidada. Sou a caçulinha. Lá em casa às vezes vamos todas para a cama da minha mãe, comer brigadeiro, conversar, rir... Sou magrinha e eles me pegam no colo como um bebê. A preocupação deles, o carinho, o diálogo e o amor é o suporte para minha vida e felicidade.

Ao falar sobre suas experiências na escola ela nos relata alguns episódios de violência, o que também não contribuiu para que ela desistisse de estudar:

Quando eu era criança brinquei muito na rua, era moleca, subi em árvore, me machuquei... Mas depois fui para a escola. Tinha um nível médio, nunca me sobressaia, era escola municipal. Isso da primeira a quarta série. Depois eu fui pra quinta série eu já me interessei mais, estudei mais. Eu sentava na primeira carteira e daí uma menina lá do fundo começou a implicar comigo, queria me bater no recreio, era pura agressão. Eu não reagia. Ela queria me bater e eu só ficava com a professora e chorava de medo e por não entender o que acontecia. Falei com os professores, com minha mãe que foi lá e nada de melhorar. Tentaram, mas não conseguiram. Tive que mudar de escola. Pode?

Pedimos para que ela comentasse mais sobre esse episódio:

Fui vítima de uma aluna sem limites, agressiva e da escola também que não sabia lidar com a situação. Acho que está faltando o que chamam de moral e bons costumes. Isso tem relação com a afetividade que temos em relação ao outro ser humano. Só fiquei protegida quando mudei de escola. Depois de um ano já tinha amigas, a escola nova tinha fama de cobrar mais em sala de aula, o trabalho valia ponto, fazia provas. Eu desenvolvi bastante. Eu vejo isso como um estímulo. Tinha a cobrança, mas tinha professores mais humanos que conversavam com os jovens, era um clima mais afetivo. Isso não acontecia no Lourdes Pereira. Na nova escola eu me sentia bem, acolhida, isso é importante.

Na verdade a entrevista fluía com uma leveza, uma transferência positiva. Ela parecia ter elaborado a situação, tentava compreender o que acontece não só com ela, como com a escola, a sociedade, a agressividade do outro ser humano. Falava dos poemas do Mário Quintana, do Drummond, entre outros. Helena é muito diferenciada culturalmente. Comentamos que nunca havíamos escutado de adolescentes as palavras “a moral e os bons costumes”. Ela ri e diz:

Eu acho sim que falta educação, respeito pela vida e pelo outro. Falta sim falarmos de moral no sentido do respeito e dos valores das pessoas. Outro dia parou um carro da polícia na praça em frente a minha casa. Moro em um bairro que aqui é considerado violento, eu até nem acho. Mas tinha crianças de 6, 7 anos usando drogas. É muito triste. Eles não respeitam o policial, não estão nem aí pra nada. Você percebe só no olhar deles. Sempre morei ali e não era assim. As coisas estão piorando. Eu brincava na rua e não tinha crianças usando drogas. Eu teria vergonha de ver que minha mãe trabalhou o dia todo e eu usando drogas o dia todo. Vergonha no sentido de respeito pelo outro que te ama.

Perguntamos por que será que isso acontece:

Vários são os motivos. Pode ser que alguns não tenham o acolhimento da família e foram abandonados por todos. Acho que não tem o carinho da família. Mas tem os que são amargos em vão. Tem boa família e entra nas drogas. As pessoas se perdem por uma questão de caráter, de personalidade. Uns são mais fortes, outros não. Uma mistura que envolve família, amigos, escolhas porque a vida oferece coisas ruins também. Difícil explicar.

Ela escolheu para sua vida caminhos mais culturais e afetivos. É bem ligada à família, adora tocar violão e diz que será jornalista. Pretende ser uma correspondente internacional, por isso investe em curso de línguas e gostaria de estudar em uma boa faculdade pública. Pensou muito em Ciências Sociais porque gosta de política e acha que a sociedade precisa participar mais. Ela me trouxe textos de sua autoria sobre a ditadura, corrupção e alienação das pessoas.

A adolescente entrou no *projeto* com 14 anos, participando de muitos cursos como o do Meio Ambiente e as orientações sobre entrevistas de emprego. Os cursos com os estagiários da UNESP sempre foram os seus preferidos. Aprender, ter novo conhecimento é muito importante para Helena. A grande paixão foi participar da reabertura da biblioteca, da catalogação dos livros e dos encontros de

leitura. Ela sabe que o *projeto* tem como objetivo principal o encaminhamento para o primeiro emprego, o que não a interessa muito.

Se aparecer um emprego tem que ser algo que me traga um retorno, além do financeiro. Só pelo dinheiro acho desnecessário, já que não passo fome. Talvez tenham adolescentes que precisem mais do que eu. Jamais iria trabalhar na Zona Azul porque isso iria atrapalhar meus estudos e o conhecimento que tenho aqui com os cursos. Mas o emprego tem que existir porque tem gente passando fome de verdade, e há o dinheiro que vem para o projeto. Precisamos pagar mais funcionários, principalmente psicólogos pra turma daqui.

Perguntamos o que ela pensa sobre o *Projeto*:

A Legião Mirim é um projeto no papel muito bem estruturado, mas precisa melhorar é claro. Tem mais de 700 jovens aqui que precisam mais do que emprego. Precisam de amigos, de cursos, de atendimento psicológico. E acho que precisa é de dinheiro para pagar bons profissionais para o projeto. A sede já melhorou, mas falta muito ainda. Quando eu entrei a biblioteca tinha fechado, não tinha luz, o prédio foi assaltado. Mas lutamos, tanto adolescentes como os funcionários para tudo voltar a funcionar. Fizemos campanha para arrecadar livros, fizemos uma pesquisa com os jovens sobre o que eles queriam ler, foi muito legal. O melhor daqui é que temos um lugar para ficar depois da escola. Um lugar de cultura, de afeto, que nos acolhe. De certa forma somos uma família.

Percebemos que Helena apresenta críticas bem interessantes em relação ao *Projeto Legião Mirim*, porém acredita na viabilidade de projetos sociais melhor organizados. Pergunto diretamente se ela acha que é uma instituição assistencialista, no simples sentido de ajudar quem precisa de um emprego, e o que acha sobre questões “assistencialistas”:

O que chamam de assistencialismo precisa existir porque tem gente que não tem para onde ir, não tem o que comer, e daí o cara não pode nem pensar, não é mesmo? O projeto é assistencialista para quem está apenas interessado num emprego provisório para ter um dinheirinho. Mas tem gente aqui que quer uma família, um lugar para estudar e fazer amigos, um lugar de cultura. Falta é mais atividades e investimento. Se isso é assistencialismo, isso é bom. Como os jovens irão aproveitar o projeto irá depender da personalidade de cada um. Desculpa dizer, acho que você nunca passou fome, fez faculdade, é uma doutora, mas num país com tanta miséria não dá pra não ter assistencialismo.

Perguntamos se ela já passou fome. Ela diz que não, “felizmente”, mas sabe o que é ser pobre e do sofrimento de alguns miseráveis:

Infelizmente muitos seres humanos são tão sofridos, que não podem valorizar o que consegui valorizar, como os estudos, a cultura. É como se eles nem conseguissem pensar. Sou pobre, mas consigo ser feliz com pequenas coisas. Agora mesmo, vindo pra cá tava um calor danado, eu tinha um trocado para o sorvete e amei saborear o tal sorvete. Tem gente que não consegue isso, às vezes nem os ricos não conseguem ter prazer com as coisas mais simples.

Essa é Helena! Precisa em suas respostas, um ser pensante, forte e porque não dizer – feliz. Ela afirmou que no *Projeto Legião Mirim* fez muitos amigos entre os jovens e os funcionários da Instituição, não sai da biblioteca, ajudando a catalogar livros, lendo, enfim uma adolescente que participa das atividades. Ela se identifica com o lado “mais cultural” das atividades oferecidas.

Helena e a adolescência

Perguntamos sobre o que é ser adolescente na atualidade:

O adolescente é uma pessoa, como eu, que está numa fase onde descobrimos o mundo, além de ser uma preparação para a vida adulta. Acho uma fase inevitável, não tem como pular essa fase, pois não tem como passar para a fase adulta sem conhecer e aprender com os acertos e erros que cometemos em toda nossa trajetória. Na vida construímos o nosso caráter através dos acertos e dos erros e sempre erramos tentando acertar e é certo que tempos difíceis servem para aperfeiçoar o aprendiz como nos diz a escritora Eliza Lucinda. Apesar de muitas atitudes revolucionárias, nós adolescentes temos sentimentos e obrigações a cumprir.

Helena sabe que muitos jovens não pensam como ela, principalmente em relação às obrigações. Ela os enxerga em sua grande maioria como adolescentes sem interesse pelos estudos, sem respeito pelos pais, professores e pela sociedade.

Helena e o futuro

Quando indagada sobre o futuro ela não hesita em dizer que estará formada em Jornalismo – se possível pela USP, fazendo especialização em língua

estrangeira para ser uma correspondente internacional. Pensa também em uma pós-graduação em Ciências Políticas, tema que a atrai muito. Helena fica indignada com os descalabros dos políticos e da ineficiência das políticas públicas, citando um projeto do Ministério da Educação, o *Jovem Embaixador*, do qual ela só participou porque um conhecido que trabalha na Secretaria da Educação de Assis-SP lhe deu a dica. Para a jovem esses projetos não são divulgados porque as vagas já estão garantidas para “poucos privilegiados”. Mesmo assim ela foi tentar fazer uma prova de inglês, bem difícil e acompanhada pela família:

Na sexta feira fui para Marília, estava ansiosa sim, mas sob controle. Comecei a ficar nervosa quando dois meninos que foram candidatos o ano passado chegaram e começaram a falar que a prova era difícil. Se o desejo deles era me deixar nervosa, conseguiram. Mas a prova não estava tão difícil, me faltou vocabulário de adjetivos e fiquei triste com isso. Mas tinha a prova oral que por sinal não estava fácil, foi uma entrevista com questões pessoais, sociais e consegui passar um pouco das minhas idéias e interesses através de falas objetivas.

Helena e os valores

Ao indagarmos o que é valor para ela e se há valores específicos da adolescência, a jovem nos dá sua opinião:

Vivemos em uma sociedade onde é triste saber que os valores e os bons costumes estão se perdendo no meio de tanta alienação que somos obrigados a presenciar. Por fim valor é a felicidade nas coisas mais simples da vida, é valorizar isso sem perder o amor ao próximo, sem prejudicar o outro. O valor sempre vai caminhar junto com a ética e é dever de todos seguir isso em favor da sociedade. Nós já aprendemos sobre valores desde pequenos e precisamos levá-los para o resto da vida. Quanto ao valor da adolescência não há algo específico para adulto ou jovem. Valor se aprende desde pequeno e é essencial para a formação do caráter. A autora Eliza Lucinda diz que fomos ensinados pelos justos que nos predestinarão.

Quando o tema da entrevista passou a ser sobre “valores”, Helena se lembrou da história de uma conhecida da sua classe na escola cujo pai trabalha como moto-taxista e a mãe dona de casa que vive para realizar os sonhos de sua “filha princesa”. Na opinião da entrevistada a colega é o que denominam de “patricinha pobre da vila”. A menina é arrogante, na escola pública chega dizendo que ganhou uma blusa de grife, não presta atenção nas aulas, entre outras coisas.

Fico mais indignada quando me disseram que ela tem vergonha dos pais porque eles são pobres. Quais são os valores dela? Eu também gosto de me vestir bem, apesar de não ligar para marcas. Ela só pensa em dinheiro e diz que será modelo quando crescer. Não valoriza o estudo, não respeita os professores, não tem amigos porque todos na escola são pobres. O que será que vai virar? Não vejo um bom futuro com esse tipo de comportamento. Daí a minha história da “moral e bons costumes”.

Em seguida, procuramos investigar o que seria mais importante para a vida dela hoje.

No geral, o mais importante na minha vida é a família que tenho e os bons vínculos afetivos entre nós. Elas formam um porto seguro, minha base na vida, meu alicerce, e eu sei se precisar elas estarão ao meu lado. Com isso terei como consequência coisas que almejo como a carreira profissional, amigos, felicidade, saúde, dinheiro, qualidade de vida e condições de contribuir mais para a sociedade.

Resumindo sobre o que ocorre com Helena

Helena vive intensamente a adolescência como um momento – para o próprio jovem – de percepção entre o passado e o futuro. Ela está construindo sua própria visão do mundo, em parte relacionada aos ideais paternos. Como nos fala Costa (2006), que o adolescente começa a ter uma visão própria do seu futuro onde os ideais dos pais são apenas uma entre muitas outras formas de realização. É importante para o jovem ter à disposição experiências históricas que os ajudem a seguir em frente com segurança e ela sabe que tem. Isso é fundamental para a personalidade do adolescente. Helena nos relata experiências difíceis como a falta do pai, as dificuldades da mãe, os problemas em determinada escola, porém fala e valoriza as vivências mais positivas como o amor entre os familiares, o carinho do namorado, os amigos do *Projeto*, o gosto pelo estudo e pela leitura, estes últimos sendo considerados suas principais referências.

Ela fala por si mesma, ou seja, por meio das suas palavras e gestos. Ela tenta ser reconhecida, escutada e amada como coloca Calligaris (2000) ao falar do desejo dos adolescentes. Não nos parece uma jovem “desorientada” ou sofrendo por um estreitamento no seu horizonte de criatividade e de sonho. Pelo contrário! Mas sabemos que a maioria dos adolescentes não está assim de acordo com o relato de autores como Rappaport (1993).

A adolescente enfrenta essa fase exatamente como relata Figueiredo (2006) ao considerar a adolescência como sendo um período em que laços com os objetos e as identificações precisam ser reconstruídos, havendo a possibilidade de potencial de transformação. Trata-se de um momento de sonho, de alegria e de experimentação que deve ser aproveitado para viabilizar um novo processo de vida. Uma vida com esperança, criatividade e luta por um futuro melhor.

Em relação aos valores e ao futuro pensamos que a maneira que essa jovem tem para lidar com sua vida, sua identidade, está bem estruturada para enfrentar o que Birman (2001) chamou de “desamparo” inerente à condição humana. Os valores de Helena estão constituídos particularmente relacionados à ética. Isso seria o *ideal de eu* descrito por Garcia-Roza (1995) como uma instância psíquica constituída por exigências externas ao sujeito que possibilita a construção de valores baseados nos laços sociais. Ela se preocupa bastante com sua formação profissional e o futuro, no entanto, não perde a visão do social, pretendendo utilizar sua formação não apenas para obter dinheiro ou sucesso profissional, sendo o jornalismo e a ciência política recursos para pensar na questão social.

É claro que em alguns momentos ela apresenta uma intensidade de idealizações em relação ao futuro que é própria dessa fase da adolescência, porém consideramos tal fato extremamente interessante e produtivo. A vitalidade e a esperança são características dos jovens.

7.5 ADOLESCENTE ELISA

Elisa, 16 anos, mora com os pais e uma irmã de 11 anos. A família é evangélica. A mãe tem 38 anos, é empregada doméstica e o pai, também com a mesma idade da esposa, é pintor, mas está afastado do serviço em decorrência de um problema nas mãos. Elisa fala pouco sobre a irmã e os pais. A jovem que está terminando o terceiro ano do ensino médio só fala e pensa em seu namorado. Ela cogitou a possibilidade de cursar Ciência da Computação, mas diz que não tem certeza e não gosta de estudar.

Na verdade, eu quero mesmo é me casar com o meu namorado. "Tamo" junto há dois anos, ele é pobre, trabalha como empacotador no mercado e não estuda. Meus pais gostam dele porque é um rapaz honesto.

Durante as entrevistas Elisa não parava de me mostrar suas fotos com o namorado em seu novo celular. Ela se descreve como sendo uma pessoa divertida, engraçada, vaidosa e muito falante. Fala da sua vida sexual e diz que a mãe não se preocupa com isso. Mas, a jovem não parou de me fazer perguntas sobre sexualidade, reclamando que a mãe não conversa com ela. Relata que outro problema em sua vida é o problema com a estatura. Já fez tratamento para crescer, mas não adiantou.

Em relação ao lazer, o prazer de Elisa se resume em namorar. Não tem muitas amigas, pois é ciumenta, não gosta de ler e não participa de outras atividades no *Projeto Legião Mirim*.

A jovem estuda no período noturno e diz que prefere:

À noite só tem adulto. Durante o dia o estudo é mais difícil, os professores cobram mais da gente. Não gosto de estudar. Meu namorado também não gosta de estudar e nem pensa no futuro. Só quer comprar uma moto. Quem sabe se com o tempo ele fica mais adulto.

Perguntamos o que seria "ser adulto" para ela:

Ser adulto é ser mais responsável em relação ao futuro e conseguir pensar em casamento.

Continuamos investigando e perguntamos sobre o que “é ser responsável em relação ao futuro”:

É pensar em construir coisas boas para nossa vida, como uma profissão, casamento, filhos.

Ela trabalha na Zona azul, vendendo cartões de estacionamento durante o dia. Relata que gosta do emprego porque conversa com as pessoas na rua:

Quando entrei na Legião Mirim pensei apenas em ter um emprego para pagar minhas contas. Sou vaidosa, compro muita roupa e não ajudo em casa. Meus pais acham que sou uma despesa a menos porque posso comprar minhas coisas. Já é uma economia para eles.

Elisa sabe das outras atividades oferecidas na Instituição, mas não desejou participar. Quando sair da *Legião Mirim* pretende procurar um emprego de caixa no supermercado ou de vendedora em uma loja de roupas.

Acho que tenho uma boa aparência e ótimas estratégias para vender. Aqui na Zona Azul sempre vendi muitos talões.

Ela não soube me responder em que sentido o *Projeto* poderia tê-la ajudado, além de arrumar um emprego. Mas falou sobre jovens de rua que poderiam estar fazendo alguma coisa no *Projeto*.

Perto da minha casa tem uns adolescentes que ficam fumando maconha no cemitério. Tenho medo desse tipo de realidade e quero ficar no meu mundinho. Mas acho que esse projeto poderia tirar esses adolescentes dessa vida.

Elisa e a adolescência

Quando questionada sobre o que é ser um adolescente, ela responde o seguinte:

O adolescente é um jovem, não adulto, que está numa fase de namorar muito. É o que eu mais gosto de fazer. E acho que esta fase adolescente vai até os 18 anos. Eu sou adolescente.

Com isso, perguntamos se com 19 anos ela já seria um adulto. Elisa diz:

Penso que com 19 anos somos adultos porque podemos casar. Não sei definir o que é um adulto ou um adolescente. Acho que disse isso porque gostaria de me casar aos 19 anos.

Elisa relata que os adolescentes são pessoas inseguras em relação ao futuro, que são briguentos, e assim como ela, têm muito ciúmes, sentimento este que ela diz ter muito grande pelo namorado e também por isso, briga muito com ele. Pensa que adolescentes precisam se divertir, ter muitos amigos e namorar sem compromisso, porém não é o que exige do namorado.

Elisa e o futuro

Em relação ao futuro, Elisa só consegue pensar em casamento. Não fala em estudar:

Penso que daqui a cinco anos estarei casada com meu namorado e trabalhando em algum lugar.

Elisa e os valores

Pedimos para que Elisa escolhesse o que seria mais importante para ela em termos de valores na vida:

A gente valoriza mais o dinheiro. Com dinheiro realizamos nossos desejos, incluindo até o estudo para quem gosta.

Os maiores medos de Elisa são envelhecer, continuar pobre e não ter amigos:

Sou muito vaidosa e preocupada com a aparência. Hoje a aparência fala mais alto. Acho que ficar feia e envelhecer será horrível. Temo esse dia.

Perguntamos se ela pudesse mudar algo em alguém, o que seria?

Não sei em relação às pessoas. Mas em mim eu gostaria de mudar o meu gênio. Brigo muito com o meu namorado, sou insegura. Um dia ele pode cansar e me deixar. Também gostaria de estudar mais. O pior que até pra ser lixeiro precisa estudar pra passar num concurso.

Ficou pensativa por algum tempo e fala:

Acho que o que eu mudaria no mundo seria a condição econômica das pessoas. Precisamos de mais equilíbrio. Muitos com tão pouco e poucos com muito dinheiro. Assim não dá pra ser feliz.

Resumindo sobre o que ocorre com Elisa

Elisa é uma adolescente pouco reflexiva, que pensa que os seus únicos problemas estão relacionados com a aparência física e com o ciúme que sente do namorado e que talvez, tudo isso se resolva com o casamento. Ela vive com intensidade o primeiro amor da adolescência, porém com um comportamento pautado pelo desejo de realizações imediatas, com intensas idealizações como nos fala Mezan (2002).

Quando a jovem nos relata que seus pais já não ligam mais pra ela, a mãe não a escuta, o pai “implica” com o namorado, mas não faz nada para mudar ou compreender a situação, de fato o que acontece ali é que não há diálogos, nem participação efetiva na vida de Elisa. Afinal, ela agora já ganha seu dinheiro e é “uma despesa a menos”. Como não é estimulada a nada, nem para refletir sobre o que sente pelo namorado, Elisa se perde num mundo de aparências físicas, de preocupações individuais, privilegiando o consumismo.

Segundo Costa (2004) a atitude consumista não depende do nível sócio-econômico, é uma atitude diante da vida. Mesmo tendo uma renda desprezível, muitos se comportam como se tivessem uma renda alta, fazendo com que objetos sejam coisas descartáveis. O autor ainda nos relata um tipo de escolha que o jovem poderá fazer: perpetuar um modo de vida apenas na direção do sucesso econômico, do cuidado obsessivo com o próprio prazer e da indiferença em relação ao mundo, ao social. Pensamos que Elisa ainda está aquém de tudo isso, ela não parece ter condições de escolhas mais significativas para sua vida.

Ela tem um comportamento adolescente que demonstra muita insegurança e falta de apoio, principalmente o da família. Em relação ao *Projeto Legião Mirim*, este está sendo utilizado como um meio para ganhar dinheiro com o único objetivo de comprar roupas e celulares da moda. Elisa necessita de mais apoio

para a construção da sua identidade nessa fase da adolescência. A adolescente percebe isso porque ao final das entrevistas ela revela que se sente perdida, que acha que a psicóloga do *Projeto* poderá ajudá-la e pergunta nossa opinião com muita insistência. Concordamos com ela, apoiando sua iniciativa e estimulando seu pedido de ajuda. Assim, talvez possamos criar novas possibilidades para essa jovem.

7.6 ADOLESCENTE PAULA

Paula tem 16 anos e se mudou para Assis – SP no início do ano passado (2008). Morava em um município bem pequeno na região de Assis - SP e está achando a cidade uma maravilha comparada com a de origem. Seu pai tem 38 anos, é caminhoneiro e passa muitos dias viajando. A mãe é professora, mas não trabalha porque fica cuidando das duas filhas, Paula e sua irmã de 10 anos. A mãe acompanhou e esperou pela jovem durante todas as entrevistas. Ainda estão se adaptando à nova cidade. A adolescente ouviu falar do *Projeto Legião Mirim* e foi conhecê-lo, já se matriculando nos cursos de inglês e violão. Está “deslumbrada” com a possibilidade de fazer a prova para o programa Jovem Embaixador e conhecer os Estados Unidos. De acordo com o seu relato, seu maior desejo é conhecer Nova York e fazer um curso de Artes Cênicas por lá.

Ao falar sobre os adolescentes de hoje, ela os descreve como sendo “precipitados”, ou seja, são impulsivos e não sabem o que desejam na realidade. Logo em seguida fala da melhor amiga que já tem um bebê e não sabe o que fazer no futuro, além de cuidar do filho e se casar com o namorado. Paula namora há mais de um ano um rapaz que não gosta muito de estudar e trabalha no comércio do pai. Fica pensativa ao reconhecer que o objetivo dos dois para o futuro não é o mesmo. Ela deseja estudar e morar fora do país.

Descreve a adolescência como uma fase onde precisamos pensar no futuro, mas que os jovens que ela conhece são imaturos, erram muito em suas decisões, fazem “coisas sem pensar” - especificamente referentes à sexualidade. Ela também acha que o adolescente é influenciado pelos amigos. Nessas horas não sabemos se ela fala dos seus próprios desejos ao generalizar as questões da juventude.

Quando falamos sobre o *Projeto* ela nos apresentou um fato novo. Disse que na escola alguns colegas depreciavam a *Legião* e a descreviam como sendo “aqueles meninos que ficam na rua vendendo talão de Zona Azul”. Pela primeira vez um adolescente disse sobre o preconceito em relação a esse tipo de emprego, outros falaram apenas que não trabalhariam na rua durante o dia porque iria atrapalhar os estudos, no entanto, isso não impediu Paula de se inscrever. Ela deseja arrumar um emprego, de meio período, para guardar dinheiro para um

possível intercâmbio. Relatou que por enquanto a melhor coisa do *Projeto* foi conseguir novos amigos e que “um novo mundo se abriu” ao participar de atividades que ela não tinha na outra cidade, nem poderia pagar pelas aulas particulares, principalmente de inglês.

Ela é nova no *Projeto*, mas já tem uma visão sobre o mesmo. Pedimos para que ela desenvolvesse suas idéias sobre o tema:

Na verdade eu tenho uma visão muito, muito deslumbrada – essa é a palavra - do Projeto. Quando eu entrei aqui a professora de inglês e outras pessoas estimularam o meu sonho de ir para os Estados Unidos. Meus pais sempre disseram que eu sonho alto e que o tombo pode ser grande. Mas aqui me falam que se eu lutar, estudar para a prova do Projeto Jovem Embaixador eu poderei viajar para Nova York. E quanto ao trabalho, eu até desejo um, mas tem que ser por meio período para não atrapalhar as aulas de inglês e para juntar algum dinheiro para o meu intercâmbio.

Perguntamos o que ela sabe, de fato, sobre os objetivos da Fundação e qual sua opinião sobre o que falaram na escola a respeito da Zona Azul:

É um Projeto que encaminha jovens para o primeiro emprego e oferece cursos interessantes e gratuitos. Quanto aos comentários na escola achei puro preconceito com os jovens mais carentes que precisam trabalhar em período integral. Há um preconceito entre os pobres, pois as pessoas que fizeram o comentário também são pobres, mas não precisam trabalhar. Achei também imatura essa opinião deles.

Paula considera o *Projeto* e suas atividades como sendo a solução perfeita para o seu sonho de conhecer Nova York.

Paula e a adolescência

Para a adolescente os jovens de hoje não têm maturidade e são influenciáveis pelos amigos. Não acha que seja uma fase definida pela idade, mas é uma fase marcada por uma personalidade imatura.

Eu sou adolescente e às vezes erro muito, como, por exemplo, com a minha impaciência. Também acho que não tenho maturidade para tomar algumas decisões e preciso da opinião dos meus pais. Acho isso uma característica do jovem. Mas não sou tão imatura como os

colegas da escola que não gostam de estudar, não respeitam as regras e os professores, alguns fumam muito e até usam drogas.

Perguntamos como seria o sair da adolescência:

Com certeza apenas com o tempo. Quando conseguirmos tomar decisões maduras e seguras em relação ao nosso futuro e nos sentirmos de fato mais seguros.

Paula percebe que os pais são pessoas seguras e responsáveis e acha que isso é muito bom para a criação dos filhos. Relatou que no seu “mundo” o único problema é a saudade que sente quando o pai viaja e fica muito tempo fora.

Paula e o futuro

Perguntamos o que ela estará fazendo daqui a cinco anos e o que deseja para o futuro:

Só penso nos Estados Unidos, em Nova York, na faculdade de Artes Cênicas que é paga. Mas vou lutar para conseguir ir, estudar mais inglês e depois tentar uma bolsa. Caso não consiga em cinco anos, talvez faça Jornalismo aqui no Brasil, apenas com a idéia de ir morar fora do país.

Indagamos sobre o que ela pensa sobre os dois países: Brasil e Estados Unidos.

Nos Estados Unidos eles respeitam as leis, protegem o seu povo, são mais organizados em termos de sociedade e representa um sonho também. Se alguém me oferecesse uma bolsa para artes cênicas aqui no país eu acho que não ia querer. O Brasil tem muitos problemas, a polícia não nos protege, as estradas são péssimas. Acho o povo americano mais simpático do que nós. Tudo lá funciona e aqui não.

Ela realmente acha que lá não haverá preconceito contra estrangeiro, que conseguirá arrumar bons empregos, que será muito bem recebida.

Paula e os valores

Quanto aos valores, a jovem nos falou sobre a importância dos estudos e da família. É o que ela prioriza na sua vida. Falou do prazer também como um

valor, pois acha que os adolescentes devem sair mais, namorar, mas com responsabilidade. Isso significa ter prazer sem se prejudicar e dá exemplos das drogas.

Acho que valores são coisas preciosas como o estudo e a família. É aquilo que damos importância na vida.

Ao comentar sobre um tio que ganhou na Loteria, perguntamos o que ela faria com o dinheiro:

Primeiro iria pegar o dinheiro para a minha viagem e a faculdade em Nova York. Depois compraria uma casa para meus pais porque pagamos aluguel e guardaria o resto. Em relação ao dinheiro e estudo, eu valorizo mais o estudo e com ele conseguirei realizar meus sonhos. Mas acho que as pessoas valorizam mais o dinheiro, por isso muitos roubam ou são corruptos.

Ela fez comentários comparativos entre o Brasil e os Estados Unidos. Acha que os americanos preservam mais os valores do que nós. Eles são mais honestos, tentam viver com mais igualdade entre as pessoas.

Resumindo sobre o que ocorre com Paula

Paula está “deslumbrada” com essa vida americana. Ela não é ingênua e sabe que nunca fez inglês, não tentou participar de atividades de teatro existentes na cidade, tudo muito diferente dos desejos manifestados por outros jovens. Tudo isso é uma defesa bem maníaca frente às angústias ligadas com as mudanças em sua vida, ao medo que sente quando seu pai viaja pelas estradas ruins do Brasil, ou seja, a imagem dos Estados Unidos vem muito idealizada, tanto que há o sonho de levar a irmã também, com a esperança de que elas possam viver muito melhor do que aqui. Nada contra se esse for mesmo o seu desejo, só que pensamos que a jovem precisa amadurecer sua visão em relação ao mundo e a si mesma para decidir melhor sobre o seu futuro.

A adolescente está mais desamparada do que decidida. De acordo com Laplanche e Pontalis (1994) o estado de desamparo está relacionado com a total dependência do bebê em relação à sua mãe no sentido de aplacar as primeiras tensões internas, influenciando, assim, a construção do psiquismo. O desamparo provoca muita angústia. Paula aparenta ser uma garota voltada apenas para a sua

vida individual e seus sonhos, mas não é verdade. Ela não fará qualquer coisa para conseguir sua viagem, ela deseja estudar, trabalhar.

Paula, no seu mundo - “ela e Nova York” - está tentando se proteger, voltando a ter ilusões de que em outro país poderá oferecer o que não deram a ela e sua família. Como nos fala Costa (2006), atualmente os adolescentes parecem que estão “desorientados”. Por isso, eles devem ser assistidos por aqueles que os puseram no mundo ou que exercem função equivalente. Sem esse suporte, pode ocorrer um estreitamento no seu horizonte de criatividade e de sonhos, levando alguns adolescentes a uma situação de desamparo.

Para Freud em seus textos sobre a cultura, ele afirmou que tanto a formação do sujeito como as formações sociais só poderiam ser compreendidas a partir dos processos de identificações. Os laços sociais se formariam com as identificações com pessoas que significassem um ideal protetor ilusório que poderia garantir a estabilidade do mundo e do sujeito. Com Paula essa identificação se dá com os americanos, mas de forma totalmente ilusória. Esperamos que com a maturidade ela desenvolva melhores defesas e se identifique com ideais de fato mais protetores.

Costa (2004) ao ser perguntado sobre as perspectivas dos jovens na sociedade de mercado, ele responde que eles têm duas opções:

- 1) Continuam a perpetuar um modo de vida obsessivo com o próprio prazer e pela indiferença em relação ao mundo;
- 2) Olham para o outro, construindo uma sociedade na qual todos tenham direito ao mínimo necessário e possam ter compromisso com o que ele denominou de BEM COMUM.

Percebemos que Paula está comprometida com os valores e a ética de uma sociedade. A justiça, a honestidade, a amizade, os estudos são valores explicitados pela jovem. O que acontece é que ela está com a fantasia de que isso só é possível na América do Norte. E quando pensa em outro país não nutre idéias de consumismo, de poder, e de completude. Pensa apenas em mais proteção e possibilidades de futuro.

De acordo com Mezan (2002), a adolescência é um momento de estabilizações de vínculos, questões éticas, limites e frustrações que são aspectos importantes para o crescimento psíquico do jovem. Cabe dizer que a presença de conflitos é inerente à condição humana. Em outras palavras, o modo de ser do adolescente indica uma fase de insegurança, derivada de processos inconscientes, que os incita a uma intensidade de idealizações. Paula está em sua plena fase adolescente, com alguns sintomas e angústias próprias dessa fase.

8. CONCLUSÃO

Que vai ser quando crescer?
 Vivem perguntando em redor. Que é ser?
 É ter um corpo, um jeito, um nome?
 Tenho os três. E sou?
 Tenho de mudar quando crescer?
 Usar outro nome, corpo e jeito?
 Ou a gente só principia a ser quando cresce?
 É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?
 Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?
 Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.
 Que vou ser quando crescer?
 Sou obrigado a? Posso escolher?
 Não dá para entender. Não vou ser.
 Vou crescer assim mesmo.
 Sem se Esquecer.
 (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

De acordo com as considerações de Minerbo (2000) sobre a “conclusão”, o que importa não são as verdades absolutas, ontológicas, sobre o fenômeno estudado. A essência do método é justamente manter em aberto possibilidades interpretativas. A “conclusão” é de que a verdade é sempre relativa ao arcabouço conceitual com o qual o observador se permite analisar ao se aproximar do seu objeto de estudo. Outras escutas seriam possíveis, outras teorias poderiam ser utilizadas para compreender a fala desses adolescentes nessa pesquisa.

No entanto, a nossa vivência com esses jovens nos permitiu tecer algumas idéias a partir de suas próprias falas. Uma pergunta central se encontra na introdução dessa pesquisa: quem é o adolescente que frequenta um determinado projeto social? O que pensam esses jovens?

Conhecemos jovens que conceberam a adolescência como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, onde eles se sentem inseguros e não adultos. Eles desejam uma proteção ou apoio da família, escola ou da instituição, descrevendo um processo de amadurecimento que implica o suporte de um outro em suas vidas. Esses adolescentes pensam sobre os valores e a ética no mundo, sendo que cuidar da própria vida não significa uma atitude egoísta e individualista, mas

uma possibilidade de amadurecimento até mesmo para se envolverem com as questões sociais e públicas.

Os adolescentes dessa pesquisa freqüentam a escola, o que de acordo com a avaliação da UNESCO (2004) não estão entre os mais excluídos socialmente, mas nem por isso não existem problemas enfrentados por eles, pois muitos reclamaram da escola, instituição que não consegue aliar ensino de qualidade à afetividade e respeito em relação aos diferentes jovens. A maioria deseja um futuro mais justo economicamente, equilibrado socialmente e mais desenvolvido, o que necessita de todos – família, escola, governos e sociedade civil – a atitude de apoiar esses jovens.

Eles valorizam muito a família, têm boas perspectivas em relação a um futuro profissional e percebem que o *Projeto Legião Mirim* não tem condições para ser uma instituição profissionalizante, porque há falta de profissionais e poucos recursos econômicos, porém o que eles encontraram lá, muito além do emprego foi um ambiente de estímulo para muitos que estão interessados em atividades culturais, em adquirir novo conhecimento com as oficinas e cursos, além de fazer amizades.

Percebemos que para alguns adolescentes houve a oportunidade de arrumar o primeiro emprego, o que gerou uma situação de ansiedade que pôde ser controlada pelo próprio jovem, outros fizeram amizades, aproveitaram cursos e oficinas, uniram-se aos funcionários para ajudar nas atividades do *Projeto* - como a inauguração da biblioteca. Outros puderam ter acesso à psicóloga no sentido de serem escutados e encaminhados para tratamento quando necessário. Na verdade, com todas as limitações de um *Projeto* com poucos recursos e que atende mais de 700 jovens, realizado em uma cidade do interior do Estado de São Paulo, os dirigentes e funcionários estão tentando construir algo mais produtivo para sua população.

O grau de envolvimento que o jovem se propõe ao participar do *Projeto Legião Mirim* é o que delimitou a importância deste para o jovem. Percebemos que alguns estavam mais engajados em melhorar o que lhes foi oferecido, outros só desejaram um trabalho provisório, não relacionado com o que desejam fazer no futuro. Os diretores e funcionários estavam/estão engajados nas melhorias do *Projeto*, porém como toda iniciativa filantrópica apresenta suas dificuldades. Ficou evidente a falta de mais parceiros para ajudar na ampliação da Instituição.

Gostaríamos de ressaltar que percebemos que os jovens que se sentiam mais seguros e articulados em suas falas tinham mais o apoio familiar do que os outros. A influência da família nos pareceu importantíssima para a construção da identidade do adolescente. Aliás, a *Legião* significa para muitos jovens um substituto da família.

Percebemos muitas mudanças em relação à época em que trabalhamos como psicóloga na Instituição porque tínhamos contato com os adolescentes que escolhiam participar de um grupo de psicoterapia breve. Hoje pudemos ter uma visão mais geral do *Projeto* e de que alguns adolescentes não estão tão engajados com as idéias que a Instituição promove. Mas é fato que continua sendo um espaço de escuta, um lugar de acolhimento para ouvir os jovens em seus conflitos, angústias, medos e desejos.

Os adolescentes entrevistados não fazem parte das estatísticas sobre jovens com tendências anti-sociais, uso e tráfico de drogas, gravidez precoce, entre outros. Porém são jovens detentores de direitos e que desejam a adoção de novas políticas voltadas para a juventude, obviamente levando em consideração a enorme diversidade entre eles. São jovens que explicitaram sofrimentos pessoais, conflitos familiares e relataram dificuldades em relação à pobreza e às poucas oportunidades oferecidas.

Tentando responder aos nossos objetivos a partir da fala dos próprios adolescentes temos três questões:

1. O que os adolescentes inseridos em determinado *projeto social* pensam sobre a adolescência?

Eles conceberam a adolescência como uma fase entre o ser criança e a vida adulta, onde precisam de tempo e do apoio dos adultos com os quais eles possam se identificar e com isso, sentirem-se mais seguros. Relataram uma fase onde estão descobrindo o mundo, as primeiras experiências da sexualidade, tentando se conhecer melhor e pensando nas escolhas profissionais.

Alguns tentaram estabelecer uma relação com a faixa etária, mas descartaram a possibilidade ao perceberem que existem muitos adultos com comportamentos adolescentes. Falaram muito do desenvolvimento emocional e

psicológico do sujeito adolescente, colocando que é um momento de construção do caráter. Características como a insegurança, as dúvidas em relação ao futuro, as angústias e a imaturidade para tomar algumas decisões costumam fazer parte desse momento de vida. Atitudes intempestivas e idealizadas também foram relatadas como pertencentes à adolescência.

Eles foram unânimes ao descrever a necessidade de tempo para elaborar todas as questões dessa fase e que não tem como “pular” para a fase adulta, mesmo com as responsabilidades de um trabalho ou do estudo. Ou seja, é inevitável passar pela adolescência. Relataram que é uma fase difícil porque implica escolhas, novas formas de lidar com o novo corpo e as novas responsabilidades, mas também é uma época dos primeiros amores, dos encontros com os amigos, de diversão, de vida psíquica.

Pensamos que algumas falas responderam a nossa pergunta:

Acho que sou adolescente porque sou inseguro e tenho muitas dúvidas. Adolescente é algo diferente de ser criança ou adulto. Precisamos de tempo e apoio para crescer. (Carlos).

Sou um adolescente que vivo uma fase de transição entre o ser criança e o ser adulto. Não tem idade específica para isso. Vou me desenvolvendo, descobrindo o lado físico, as transformações do meu corpo e depois tem o lado psicológico que significa o tempo das escolhas profissionais, da maturidade em relação à vida que anda bem difícil também. (João).

O adolescente é uma pessoa que está na fase de descobrir o mundo, de se preparar para a vida adulta. Acho uma fase inevitável, não tem como pular para a fase adulta sem aprender com os erros e acertos dessa trajetória. Construímos nosso caráter através de nossa experiência. Apesar de muitas atitudes revolucionárias ou rebeldes, nós adolescentes temos sentimentos e obrigações a cumprir. (Helena).

Eu sou adolescente e às vezes erro muito, como com a minha impaciência. Também acho que não tenho maturidade para tomar algumas decisões e preciso da opinião dos meus pais. Acho isso uma característica do jovem. Sair da adolescência com certeza apenas com o tempo. (Paula).

2. O que os adolescentes pensam sobre as perspectivas em relação ao futuro?

Esses adolescentes percebem o futuro diretamente relacionado aos estudos. A maioria valorizou a vida profissional, desejou fazer faculdades públicas e, outros, até mesmo fora do país. Contam, também, com a formação profissional como uma excelente perspectiva em relação ao futuro. Apenas uma adolescente priorizou o casamento e a construção de uma família em detrimento dos estudos.

Mas eles não estão iludidos, sabem exatamente sobre as dificuldades que enfrentarão para realizar seus desejos porque muitos não podem contar com a ajuda dos pais. Eles percebem no estudo a única oportunidade para melhorar suas vidas pessoais e também pensam nas questões da sociedade. Vejamos as falas:

Espero fazer uma boa faculdade de Odontologia, fora da cidade. Depois quero trabalhar para ajudar minha família. Acho que o futuro será difícil porque as coisas estão piorando. Temos muita violência, poucos empregos e outros problemas. Tenho que escolher bons caminhos e lutar. (Marcos).

Estarei fazendo Jornalismo e quero conhecer o Japão. Acho que com a minha profissão poderei ajudar a sociedade. Fico preocupado com o futuro do mundo, da nossa sociedade. Acho que o povo tem que se unir mais para lutar pelas questões coletivas como a preservação da natureza, a desigualdade entre as pessoas. Acho um horror o que acontece naquele Senado. (João).

Penso que unindo as pessoas para lutar por causas mais sociais, estudando muito para que a nossa profissão possa ajudar as pessoas, tendo família, cuidando de um equilíbrio em nossa vida, acho que assim teremos força para melhorar o futuro. (João).

Daqui a cinco anos espero estar na USP - SP, fazendo Jornalismo, depois especialização em língua estrangeira para ser uma correspondente internacional. Penso também em uma pós-graduação em Ciências Políticas, tema que sou apaixonada, assim como pela literatura. Gostaria também de passar na prova que fiz para o Projeto Jovem Embaixador. Tenho tantos sonhos bons, e possíveis. (Helena).

3. Quais foram os valores destacados por esses jovens?

Eles destacaram como valores positivos, o estudo, a relação familiar, a amizade, a honestidade, a justiça e a preocupação em relação ao futuro da sociedade. Os adolescentes apresentaram valores morais e éticos, falaram da falta de afetividade entre as pessoas, principalmente na escola, entre colegas e

professores. Fizeram ligações entre a vida pessoal e as questões relacionadas aos ideais de justiça baseada na igualdade. As opções individuais estiveram inspiradas num projeto no qual o outro tinha o seu lugar.

Percebemos que eles sofrem quando se deparam com situações que não priorizam os valores morais e éticos, como vimos no relato de um adolescente sobre o furto na empresa, a colega que tem vergonha dos pais, a fala sobre a possibilidade de manipulação dos resultados de um concurso.

Eles estão interessados em contribuir com as regras que deveriam garantir a harmonia social. Estão indignados com a política e a diferença sócio-econômica entre as pessoas e uma das formas para lutar contra essa situação, na opinião deles, é estudar, participar ativamente dos problemas da sociedade. Analisamos que os valores privados descritos por eles poderão alcançar a dimensão pública. O valor privado não substituiu o público.

Fala dos adolescentes:

Vivemos em uma sociedade onde é triste saber que os valores e os bons costumes estão se perdendo no meio de tanta alienação que somos obrigados a presenciar. Valor é a felicidade nas coisas mais simples da vida, é valorizar isso sem perder o amor ao próximo, sem prejudicar o outro. O valor vai caminhar com a ética e é dever de todos seguir isso em nome da sociedade. Valor se aprende desde pequeno com a família. (Helena).

A amizade e a honestidade são valores que eu tenho e os outros não. Valorizo o homem honesto como meus pais. E acho que faltam amigos para todos. Por isso acho importante que todos cuidem da amizade. Nós precisamos de amigos e muitas vezes não temos. As pessoas estão bem sozinhas. (Marcos).

Fico preocupado com o futuro do mundo e da sociedade. Acho que o povo precisa se unir mais para lutar por questões mais coletivas como a preservação da natureza, a desigualdade econômica entre as pessoas. (João).

Acho que valores são coisas preciosas como o estudo e a família. É aquilo que damos importância na vida. (Paula).

Constatamos que as falas desses adolescentes pertencentes a um determinado *Projeto Social* conseguiram nos ajudar a atingir nossos objetivos. Pensamos que com essa pesquisa conhecemos um pouco mais sobre essa geração de jovens. No entanto, ressaltamos que foi e é muito importante o papel desempenhado pelo *Projeto Legião Mirim* na vida desses adolescentes, sendo que

as atividades desenvolvidas apontam para a possibilidade de oferecer uma vida mais criativa para esses jovens.

Antes de concluir, gostaríamos de citar uma crônica de Calligaris (2008):

Na Folha do domingo [7.1.2007], uma reportagem de Antônio Gois e Luciana Constantino trouxe os dados de uma pesquisa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais: em 2005, 16% dos adolescentes entre 15 e 17 anos de idade não freqüentaram a escola. Trata-se de 1,7 milhões de jovens. Alguns desistiram por falta de meios, de vaga ou de transporte escolar, outros adoeceram, mas, em sua maioria (40,4%), eles abandonaram os estudos por falta de interesse. Como disse uma entrevistada, “os professores eram muito chatos”.

Os comentadores, na própria reportagem, acusam a pouca qualificação ou motivação de muitos professores e um sistema de avaliação que produz repetências. Concordo, mas talvez haja mais. Ao longo de 30 anos de clínica, encontrei várias gerações de adolescentes (a maioria, mas não todos, de classe média) e, se tivesse que comparar os jovens de hoje com os de dez ou 20 anos atrás, resumiria assim: eles sonham pequeno.

É curioso, pois, pelo exemplo de pais, parentes e vizinhos, os jovens de hoje sabem que sua origem não fecha seu destino: sua vida não tem que acontecer necessariamente no lugar onde nasceram, sua profissão não tem que ser a continuação da de seus pais. Pelo acesso a uma proliferação extraordinária de ficções e informações, eles conhecem uma pluralidade inédita de vidas possíveis.

Apesar disso, em regra, os adolescentes e os pré-adolescentes de hoje têm devaneios sobre seu futuro muito parecidos com a vida da gente: eles sonham com um dia-a-dia que, para nós, adultos, não é sonho algum, mas o resultado (mais ou menos resignado) de compromissos e frustrações.

Um exemplo. Todos os jovens sabem que Greenpeace é uma ONG que pratica ações duras e aventureiras em defesa do meio ambiente. Alguns acham legal assistir, no noticiário, à intrépida abordagem de um baleeiro por um barco inflável de ativistas. Mas, entre eles, não encontro ninguém (nem de 12 ou 13 anos) que sonhe em ser um militante do Greenpeace. Os mais entusiastas se propõem a estudar oceanografia ou veterinária, mas é para ser um professor, funcionário ou profissional liberal. Eles são “razoáveis”: seu sonho é o ajuste entre as aspirações heróico-ecológicas e as “necessidades” concretas (segurança do emprego, plano de saúde e aposentadoria). Alguém dirá: melhor lidar com adolescentes tranqüilos do que com rebeldes sem causa, não é?

Pode ser, mas, seja qual for a necessidade dos professores, a escola desperta interesse quando carrega consigo uma promessa de futuro: estudem para ter uma vida mais próxima de seus sonhos.

Aparte: por isso, aliás, é bom que a escola não responda apenas à “dura realidade” do mercado de trabalho, mas também (talvez, sobretudo) aos devaneios de seus estudantes; sem isso, qual seria sua promessa? “Estude para se conformar”?

Conseqüência: a escola é sempre desinteressante para quem gosta de sonhar.

Em princípio, os jovens interpretam o desejo (inconsciente) dos pais e herdaram sonhos reprimidos atrás das vidas (fracassadas ou bem-sucedidas, tanto faz) dos adultos. Aquela fala chata dos pais, que evocam as renúncias que foram necessárias para conseguir criar os filhos, aponta o caminho de aventuras menos sacrificadas. Há uma guitarra empoeirada no sótão do comerciante ou do profissional cujo filho quer ser roqueiro. O que mudou? Duas hipóteses.

É possível que, por sua própria presença maciça em nossas telas, as ficções tenham perdido sua função essencial e sejam contempladas não como um repertório arrebatador de vidas possíveis, mas como um caleidoscópio para alegrar os olhos, um simples entretenimento. Os heróis percorrem o mundo matando dragões, defendendo causas e encontrando amores solares, mas eles não nos inspiram: eles nos divertem, enquanto, comportadamente, aspiramos a um churrasco no domingo e a uma cerveja com os amigos.

É também possível (sem contradizer a hipótese anterior) que os adultos não saibam mais sonhar muito além de seu nariz. Ora, a capacidade de os adolescentes inventarem seu futuro depende dos sonhos aos quais nós renunciemos. Pode ser que, quando eles procuram, nas entrelinhas de nossas falas, as aspirações das quais desistimos, eles deparem apenas com versões melhoradas da mesma vida acomodada que, mal ou bem, conseguimos arrumar. Cada época tem os adolescentes que merece.

Concluimos, então, que o psicanalista não deveria “viver” apenas no consultório e nas instituições em que trabalha. Concordamos com Mezan (2002) que faz parte de sua responsabilidade ética e intelectual contribuir para a compreensão das condições sociais e culturais em que ele vive.

Igualmente pensamos como Calligaris (2008) em sua crítica à sociedade e às realidades que dificultam ou impossibilitam os sonhos e a criatividade, em outros termos, a vida psíquica. Jovens que se encontram desamparados em vários sentidos, mas que puderam aproveitar situações que lhes foram oferecidas para se sentirem um pouco mais “amparados” psiquicamente.

Nessa pesquisa conhecemos jovens que não pertencem à classe média, e que aparentemente estão se conformando com uma “vida comportada”. Todavia, é engano nosso!

Esses jovens – aparentemente (des)amparados - que enfrentam muitas dificuldades como a falta de dinheiro, a escola desinteressante, uma vida com poucos prazeres e lazer, o pouco estímulo em relação à concretização de seus sonhos, na verdade, eles permanecem **sonhando**, pouco importando se o sonho é “pequeno ou grandioso”.

O fato é que constatamos algo, para nós, fundamental: houve o que a psicanálise denomina de vida psíquica nesses adolescentes e muito desejo de realizar alguns desses sonhos. Os próprios adolescentes entrevistados – sabem o que essa geração de jovens de nível sócio-econômico desfavorecido está passando. O que poderíamos desejar para as novas gerações de adolescentes? Mais sonhos e mais amparo psíquico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENTH, H. *A condição humana*. São Paulo: Forense/Salamandra/EDUSP, 1981.

ARIÈS, P. (1973). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. *Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade*. In: CARDOSO, M.R. (Org.) *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006. p.25-43.

BRASIL: Estatuto da Criança e do Adolescente. São Paulo: Saraiva, 1993.

CALLIGARIS, C. *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. *Quinta – Coluna/Contardo Calligaris*. São Paulo: Publifolha, 2008.

CARDOSO, M. R. (Org.). *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006.

CASTRO, M. Políticas públicas por identidades e de ações afirmativas: acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes. In: NOVAIS, R.; VANNUCHI, P. (Org.) *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

CÉSAR, M. R. de A. *A invenção da adolescência no discurso psicopedagógico*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CORTI, A. & SOUZA, R. *Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores*. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

COSTA, J. *Psicanálise e contexto cultural: imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapias*. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

_____. *A inocência e o vício – estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

_____. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAIS, R.; VANNUCHI, P. (Org.) *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Entrevista com Jurandir Freire Costa. In: CARDOSO, M. R. (Org.) *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006. p. 17-23.

COUTINHO, L.; INSFRÁN, F.; PEIXOTO, M.; GOMES, R.; BACKES, J., CARVALHO, H. e OLIVEIRA, F. Ideais e identificações em adolescentes de Bom Retiro. *Psicologia e Sociedade*, Porto Alegre, 2005.

DIÓRIO, Z.; GOMIDE, P. Ascensão escolar e profissionalização de bons alunos de baixa renda: avaliação de um programa brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre, 2004.

D´AUREA-TARDELI, D. Adolescência, personalidade e projeto de vida solidário. In: LA TAILLE et. *Crise de valores ou valores em crise?* Porto alegre: Artmed, 2009.

FAPE – Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (USP). *Programa Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade: protagonismo juvenil*. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

FIGUEIREDO, L. C. Adolescência e Violência: considerações sobre o caso brasileiro. In: LEVISKY, D. L. (Org.) *Adolescência pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998

_____. Saindo da adolescência. In: CARDOSO, M. R. *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006. p.63-75.

FERREIRA, A.B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FERRETTI, C. Mudanças em sistemas estaduais de ensino em face das reformas no ensino médio e no ensino técnico. *Educação & Sociedade*, ano XXI, nº 70, p. 80-99, 2000.

FREUD, S. (1895). Estudos sobre a histeria. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Vol. VII.

_____. (1900). A interpretação dos sonhos. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Vol. V.

_____. (1905). Três ensaios para uma teoria sexual. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Vol. VII

_____. (1908[1907]). Escritores criativos e devaneio. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Vol. IX.

_____. (1909[1908]). Romances familiares. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Vol. IX.

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Vol. XIV.

_____. (1915). O Inconsciente. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Vol. XIV.

_____. (1917[1915]). Luto e Melancolia. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3.ed. Rio de Janeiro, 1990. Vol. XIV.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Vol. XVIII.

_____. (1921). Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Vol. XVIII.

_____. (1923). O ego e o id. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3.ed. Rio de Janeiro: Imago,1990. Vol. XIX.

_____. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Vol. XX.

_____. (1930). O Mal-Estar na Civilização. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Vol. XXI.

_____. (1932). Novas Conferências introdutórias sobre psicanálise. In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 3 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Vol. XXII.

GARCIA-ROSA, L.A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. *Introdução à metapsicologia freudiana, v.3*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

GILLIGAN, C. (1982). *Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos tempos, 1993.

HERRMANN, F. e colaboradores. *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004
 KOHLBERG, L. *Essays on moral development: the philosophy of moral development*. San Francisco: Harper & Row, 1981.

KUPFER, M. C. O que toca à/a psicologia escolar. In: MACHADO, A. M.; PROENÇA, M. (Orgs.) *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

LA TAILLE, Y. de. A escola e os valores: a ação do professor. In: LA TAILLE, Y. de; PEDRO-SILVA, N. e JUSTO, J. S. *Indisciplina/disciplina: ética, moral e ação do professor*. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 5-21.

_____. de. *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LA TAILLE, Y.; MENIN, M. e colaboradores. *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed: 2009.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LEVISKY, D.L. Interfaces com a psicanálise: questões metodológicas em uma investigação histórico-psicanalítica na idade média Central. In: HERRMANN, F.; LOWENKRON, T. (Org.) *Pesquisando com o Método Psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.191-221

_____. (Org.) *Adolescência pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

MATTIOLI, O. Método Psicanalítico e Pesquisa Científica. *Revista Perfil*, Assis, nº 13, 2000.

MENIN, M.S. Desenvolvimento moral. In: MACEDO, L. (Org.) *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

MEZAN, R. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

_____. *Psicanálise, judaísmo: ressonâncias*. Campinas: Escuta, 1986.

MINERBO, M. *Estratégias de investigação em psicanálise: desconstrução e reconstrução de conhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MORAES, R.; CAMINO, C.; COSTA, J.; CAMINO, L.; CRUZ, L. Socialização parental e valores: um estudo com adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v.20, n.1, 2007.

NOVAIS, R.; VANNUCHI, P. (Org.) *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

OLIVEIRA, M.L. *Des/obede/serás: sobre o sentido da contestação adolescente*. Dissertação. PUC-SP, 1984.

OUTEIRAL, J. *Adolescer*. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

PIAGET, J. (1964). *Estudos Sociológicos*. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

_____. *Les relations entre l'affectivité et l'intelligence dans le développement mental de l'enfant*. Paris: Sorbonne, 1954

PEDRO-SILVA, N. Ética, (In)disciplina e relação professor-aluno. In: LA TAILLE, et. *Indisciplina/disciplina: ética, moral e ação do professor*. Porto Alegre: Mediação 2005.

_____. *Entre o público e o privado: ensaio sobre o valor da lealdade à palavra empenhada na contemporaneidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

RAPPAPORT, C. R. (Coord.) *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU, 1993.

ROUSSEAU, J. *The confessions of Jean-Jaques Rosseau*: London: Penguin Books, 1953. Trad. J. M. Cohen.

RUFFINO, R. Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito. In: RAPPAPORT, C.R. (Coord.). *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU, 1993.

SILVA, M.Emília da. (Coord.) *Investigação e Psicanálise*. Campinas: Papyrus, 1993.

SOUZA, L.; VASCONCELOS, M. S. Modelos organizadores do pensamento: uma perspectiva de pesquisa sobre o raciocínio moral com adolescentes autores de infração. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.8, nº 2, 2003.

SPOSITO, M.; CARRANO, P. Juventude e políticas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, nº 24, 2003.

TUGENDHAT, E. *Lições sobre ética*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.

UNESCO Brasil. *Políticas públicas de/para/com juventudes*. Brasília: Unesco, 2004.

VASCONCELOS, M. S. (Org.) *Criatividade: psicologia, educação e conhecimento do novo*. São Paulo: Moderna, 2001.

VINHA, T.; TOGNETTA, L. Valores em crise: o que nos causa indignação? In: LA TAILLE et. *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, 2009.

WEBER, M. *Économie et société*. Paris: Plon, 1971.

_____. *L'Éthique protestante et l'esprit de capitalisme*. Paris: Payot, 1964.

WEINBERG, C. (Org.) *Geração delivery: adolecer no mundo atual*. São Paulo: Sá, 2001.

WINNICOTT, D. W. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ANEXOS

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Adolescentes em um projeto social: novas possibilidades para a construção da subjetividade?

Este projeto de pesquisa se refere a um estudo sobre “Adolescentes em um projeto social: novas possibilidades para a construção da subjetividade?”, que tem como objetivo analisar o que os adolescentes inseridos no *Projeto Legião Mirim* na cidade de Assis (SP) pensam sobre a própria adolescência, bem como avaliar o papel de um “projeto social” em suas vidas. Desejamos, também, investigar o que os jovens pensam em relação ao futuro. A pesquisa ocorrerá na sede da *Fundação Futuro* por meio de entrevistas com os adolescentes.

A importância desta pesquisa reside no fato de obtermos informações sobre a adolescência na atualidade e como um projeto social pode contribuir para o crescimento psíquico desses jovens do século XXI que precisam trabalhar.

Esclarecemos que as entrevistas com os adolescentes que participam do *Projeto Legião Mirim* não oferecem nenhum tipo de desconforto ou dano aos participantes da pesquisa. Porém, caso ocorra algum tipo de constrangimento, assegura-se liberdade de recusar a participar da pesquisa ou retirar seu consentimento, em qualquer momento.

Desde já, informamos que serão garantidos o anonimato dos participantes e o sigilo dos dados provenientes das entrevistas e dos demais dados coletados.

Não haverá qualquer tipo de despesa por sua participação nesse trabalho.

Os resultados da pesquisa serão expostos por meio de publicações e comunicações, sejam impressas e/ou em eventos científicos, porém sempre respeitando o sigilo e o anonimato dos participantes, com a finalidade de contribuir para reflexões sobre o tema da adolescência e projetos sociais.

Após a defesa da dissertação a pesquisadora se compromete a realizar a devolutiva sobre os resultados das pesquisas por meio de uma reunião individual com cada adolescente e com o presidente do *Projeto Legião Mirim*.

Assis, _____ de _____ de 2009.

Francy Ribeiro Moreira

Aluna da Pós-Graduação em Psicologia da FCLA/Unesp

Prof. Dr. Mário Sérgio Vasconcelos

Orientador- Unesp- Campus de Assis

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, abaixo assinado, tendo sido devidamente esclarecido(a) sobre as condições que constam do documento “Termo de Esclarecimento”, de que o projeto de pesquisa intitulado “**Adolescentes em um projeto social: novas possibilidades para a construção da subjetividade?**” tem como pesquisadores responsáveis **Francy Ribeiro Moreira** e o prof. **Dr. Mário Sérgio Vasconcelos**, especialmente no que diz respeito aos objetivos da pesquisa, declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que foram asseguradas a seguir:

- A garantia de receber qualquer esclarecimento a respeito dos procedimentos, riscos, benefícios e de outras situações relacionadas à pesquisa;
- A liberdade de retirar o consentimento para o adolescente deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem prejuízos para o mesmo;
- A segurança de que o jovem não será identificado e que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada à sua privacidade;
- O adolescente participará de três entrevistas com a pesquisadora, com duração de 1 hora para cada entrevista;
- O compromisso de prestar informações atualizadas sobre a pesquisa, ainda que possa afetar a participação do adolescente;
- Concordo que os dados obtidos para o resultado da pesquisa possam ser apresentados em publicações científicas;
- As dúvidas ou informações com relação aos aspectos éticos desta pesquisa poderão ser encaminhadas ao Comitê de Ética de Assis situado na Avenida Dom Antônio, 2100, Assis-SP – fone (18) 3302-5740;
- Após a defesa da dissertação o jovem terá direito a uma devolutiva sobre os resultados da pesquisa;

- Declaro, ainda, que concordo inteiramente com as condições que me foram apresentadas e que, livremente, manifesto a minha vontade em autorizar meu filho(a) de participar do referido projeto:

Assis, _____ de _____ de 2009.

Assinatura do pai ou mãe ou responsável

Assinatura do(a) adolescente

Francy Ribeiro Moreira

Pesquisadora da Unesp/Assis-SP

Telefone para contato: (18) 3324-9567